

2º CONGRESSO RNEC

CIDADANIA DIGITAL E CULTURAS  
DO CONTEMPORÂNEO

LIVRO DE RESUMOS

Complexo Pedagógico – Campus Penha  
Universidade do Algarve

ORGANIZAÇÃO



FINANCIAMENTO

APOIO







A photograph of a server room aisle. The walls are made of perforated metal, and the floor is covered with server racks. The room is illuminated with blue and red lights, creating a futuristic atmosphere. The text "DIA 27 DE ABRIL" is overlaid in the center.

**DIA 27 DE ABRIL**

**9H00 RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES****9H30 MESA DE ABERTURA****Anfiteatro 1.4**

Comissão Organizadora do II Congresso RNEC – Professora Doutora Gabriela Borges

Presidente RNEC – Professora Doutora Maria Manuel Baptista

Coordenadora do CIAC – Professora Doutora Mirian Tavares

Diretor da ESEC – Professor Doutor António Lacerda

Presidente da Câmara Municipal de Faro – Dr. Rogério Bacalhau

Vice-Reitor para a Investigação e Cultura da Universidade do

Algarve – Professor Doutor Nuno Bicho

**10H15 PALESTRA I – ESTUDOS CULTURAIS E CIDADANIA VISUAL****Anfiteatro 1.4**

**Moderação:** Maria Manuel Baptista

Marco Solaroli – Universidade de Bolonha

Professor Associado de Sociologia Cultural e Comunicação no Departamento de Artes da Universidade de Bolonha. Estudou na Universidade de Bolonha, na Universidade de Milão e na Universidade da Pensilvânia, tendo sido Investigador Fulbright na Universidade de Nova Iorque. Os seus interesses de investigação consistem na intersecção da sociologia cultural, dos estudos culturais e dos estudos da cultura visual. Mais recentemente, co-editou a edição especial da revista italiana de Estudos Culturais “Studi Culturali” (1/2022) intitulada “Cultural Studies Today: Identities, Intersections, Challenges”, e co-organizou a Conferência Internacional “What’s Happening to Cultural Studies?” (Universidade de Brighton, 2022).

Esta palestra aborda a relevância histórica e o valor contemporâneo dos estudos culturais para a análise da cultura visual. Argumenta que uma precursora sensibilidade visual esteve na base dos projetos de estudos culturais desde o seu início. Tal trajetória intelectual foi vista como secundária no campo académico cada vez mais institucionalizado dos estudos da cultura visual. No entanto, os estudos culturais oferecem perspectivas férteis para desenvolver interpretações críticas de questões de identidade visual, política e poder na conjuntura contemporânea. Com este fundamento, esta comunicação centrar-se-á nas recentes lutas simbólicas em torno da representação mediática e da (in)visibilidade pública, centrando-se em três estudos de caso envolvendo figuras-chave da política italiana, da fotografia e da música popular.

**11H00 PAUSA PARA CAFÉ**

**11H15 SESSÕES PARALELAS**

### **PAINEL TEMÁTICO I - CULTURA, TERRITÓRIO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO**

#### **Anfiteatro 1.4**

**Coordenação:** Orquídea Moreira Ribeiro e Susana Pimenta – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

Toda e qualquer criação cultural tem em si uma primeira inscrição temporal e potencialmente uma possibilidade de revisão continuada. O processo cultural beneficia de aspectos como, entre outros, a materialidade e imaterialidade, memória, receção dos *media* e criatividade que são fundamentais e configuram de modo diverso a sua permanente transformação. A

proposta do painel joga com as imensas oportunidades que as manifestações culturais desenvolvem e pretende demonstrar não só a factualidade de diferentes inscrições temporais como também diferentes modos e lugares de criação.

### **A memória no processo de criação da narrativa gráfica Tamem digo. Uma história de migrações**

Susana Pimenta – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

**Email:** [spimenta@utad.pt](mailto:spimenta@utad.pt)

No campo das indústrias culturais e criativas, surgem produtos que crescem num território de diálogo interartes. Numa dinâmica de inovação crescente, o exemplo do livro estético é, no mercado editorial, o paradigma de rutura de fronteiras entre a literatura e outras artes (fotografia, desenho, ilustração, colagem, etc.). Num primeiro momento, pretende-se indagar sobre a produção e circulação da cultura impressa (vs cultura digital), em particular sobre o livro estético que, na aceção de Geles Mit e Alberto Carrere (2021), inclui livro-arte, livro de artista, fotolivro, álbum ilustrado, livro tipográfico, novelas gráficas, etc. De seguida, infere-se sobre as potencialidades e as formas de memória cultural (Assmann, 2011) e da pós-memória (Hirsch, 2016) no processo criativo de narrativas gráficas, através da análise crítica do livro estético (narrativa gráfica) *Tamem digo! Uma história de migrações* (2022), escrito por Jorge Pinto e ilustrado por Joana da Costa (@joanadacosta). A análise foca-se também na importância do testemunho e da memória transgeracional para a construção da memória cultural da emigração portuguesa (da partida ao regresso).

Os autores, de segunda e terceira gerações de emigrantes, adaptam ou transformam as memórias familiares em novos formatos como a escrita criativa e a ilustração, dando origem a novas hermenêuticas das vivências diaspóricas. Em *Tamem digo!*, constata-se que o processo criativo de diálogo interartes oferece à memória cultural da diáspora portuguesa novas abordagens e linguagens sobre o passado “da mala de cartão” e, conseqüentemente, permite às gerações seguintes uma reconciliação com a identidade cultural “entre-lugares”, entre França e Portugal. Este livro, criação em texto e imagem, é testemunhal e assegura a dinâmica da memória cultural da emigração portuguesa.

### **Palavras-chave**

Memória cultural; Pós-memória; Processo de criação; Livro estético; Narrativa gráfica.

### **Referências**

- Assmann, A. (2011). *Espaços de recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Editora Unicamp.
- Crespo, B. (2010). El Libro-Arte. Clasificación y análisis de la terminología desarrollada alrededor del Libro-Arte. *Arte, Individuo y Sociedad*, 22 (1), 9-26.
- Medeiros, N. (2018). *O Livro no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Outro Modo.
- Meneghetti, M. C. E., & Arantes, P. . (2022). Reescrituras do corpo: memória e arquivo no processo criativo de Christina Elias. *Manuscrita: Revista De Crítica Genética*, (47), 53-68. <https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i47>
- Mit, G. e Carrere, A. (2021). Elementos para una teoría del libro estético desde el contexto actual. *Arte, Individuo y Sociedad*, 33(3), 957-974. <https://doi.org/10.5209/aris.70638>



- Pinto, J. (2022). *Tamem digo. Uma história de migrações*. Ilust. Júlia da Costa. Officina Noctua.
- Soares, L. A. (2022). O romance *Livro* de José Luís Peixoto: uma narrativa de pós-memória. In *Memoria y Narración. Revista de estudios sobre el pasado conflictivo de sociedades y culturas contemporáneas*, n. 3. DOI: <https://doi.org/10.5617/myn.9674>
- Hirsch, M. (2016). A geração da pós-memória. In Fernanda Mota Alves, Luísa Afonso Soares, Cristiana Vasconcelos Rodrigues. *Estudos de Memória. Teoria e Análise Cultural*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 299-325.

**(I)Materialidades e Criatividade na Cultura Portuguesa: o caso da edição do *Liuro dos remedios contra hos sete peccados mortays (1543)*, de Frei João Soares**

Fernando Alberto Torres Moreira – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

**Email:** [fmoreira@utad.pt](mailto:fmoreira@utad.pt)

Escrito pelo confessor de D. João III, o frade agostinho João Soares de Albergaria, o *Liuro dos remedios contra hos sete peccados mortays* foi dedicado à rainha D. Catarina e insere-se numa tradição catequética iniciada após o IV Concílio de Latrão (1214) em que se estipulou o incremento da confissão como prática essencial para o bom cristão. Esta decisão da Igreja Católica gerou, igualmente, a necessidade de regular o processo confessional pelo que muitos manuais com instruções precisas para normativizar a recomendação latroniana foram surgindo, com especial destaque para o *Livro das Confissões*, de Martín Pérez, uma obra traduzida para português pelos



frades de Alcobaça (1399) e tomada como referência não só pelo clero em Portugal, como também pela corte de Avis, nomeadamente pelos príncipes D. Duarte e por D. Fernando.

O modo como D. Manuel tratou a questão dos judeus, o alinhamento sem reservas do reino português com Roma após o cisma protestante e a criação do Tribunal do Santo Ofício que perseguiria sem quartel judeus, cristãos-novos e hereges são acontecimentos marcantes da cultura portuguesa que assinalam uma religiosidade conservadora e fanática. É neste quadro sociorreligioso que é publicado o *Liuro dos remedios contra hos sete peccados mortays*, um manual de boas práticas para os crentes que é, ao mesmo tempo, espelho de uma sociedade fortemente dominada, no seu quotidiano, pela Igreja.

Em tempos de uma cultura digital e cada vez mais global, qual a importância (e interesse) de fazer edições de obras com uma inscrição óbvia num passado já bem recuado? A materialidade do “velho” livro impresso, ameaçado pela cultura do digital, ainda justifica a sua sobrevivência? Num mundo global e digital qual a pertinência da edição de uma obra como o *Liuro dos remedios contra hos sete peccados mortays*, livro de pendor teológico, moralista e doutrinário, publicado em primeira edição no ano de 1543, em Lisboa? Na convicção de que todo o levantamento científico do passado está marcado pelo presente histórico e de que o processo cultural é um continuum permanente, esta proposta de comunicação pretende responder às questões formuladas demonstrando, ao mesmo tempo, que os remédios apontados por Frei João Soares não estão isentos de uma criatividade apropriada e conveniente que o tempo justifica.

### **Palavras-chave**

Materialidade; Digital; Livro dos Remédios; Cultura.

### Referências

- D. Manuel II (1932). *Livros Antigos Portugueses*. MAGGS BROS.
- Machado, D. B. (1741-59). *Bibliotheca Lusitana*. António Isidoro da Fonseca
- Silva, I. & Aranha, B. (1858-1923). *Dicionário Bibliográfico Português*. Imprensa Nacional.
- Soares, Frei João (1543). *Liuro dos remedios contra os sete pecados mortays*. Luiz Rodrigues.

### Resistir à marginalização: Arte de/na rua em Sacavém e Maputo

Orquídea Moreira Ribeiro – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

**Email:** [oribeiro@utad.pt](mailto:oribeiro@utad.pt)

Esta proposta de comunicação pretende apresentar duas galerias de arte de rua – Quinta do Mocho (Portugal) e Maputo Street Art (Moçambique) – que surgem para combater a marginalização de comunidades desfavorecidas. Os processos criativos de “expressões visuais informais” (Campos e Sequeira, 2019, p. 123) ou organizadas designadas por arte de rua, *Street art*, muralismo ou *graffiti* urbano integram-se hoje em dia em projetos de regeneração urbana e periurbana, reinventando bairros ou espaços problemáticos como galerias de arte pública.

Campos e Câmara (2020, p. 105) explicam que circunscrevem “a street art aos contextos de rua essencialmente informais ou ilegais”, enquanto para Waclawek (2011, p. 123) “street art (...) generally communicates a variety of ideas” que podem ser “satíricas, políticas, figurativas e divertidas.”

A arte na/da rua (*street art*) evoluiu desde o seu surgimento: de intervenções informais e ilegais espontâneas em que os espaços eram tomados e usados sem autorização para expressar a criatividade de quem queria partilhar a sua arte, para serem agora projetados, promovidos e incentivados num processo legítimo e “mercantilista” com a artificialização dessas expressões visuais, contribuindo para a construção e/ou desenvolvimento da imagem da cidade, com festivais temáticos, encomendas de murais ou projetos educacionais comunitários que se enquadram em iniciativas de turismo (cultural) para dinamizar as comunidades. A arte de rua constitui-se igualmente como estratégia de resistência que contribui para a inclusão e para o desenvolvimento de competências no âmbito da educação para uma cidadania cultural participativa.

Pretende-se refletir sobre a diferente terminologia relacionada com as expressões artísticas criadas em espaços públicos e analisar os dois projetos, Quinta do Mocho e Maputo Street Art, a partir de bibliografia existente, artigos de jornais, documentários, entrevistas, rede sociais e fotografias para perceber este “movimento artístico ainda em construção, com fronteiras algo elásticas e permeáveis” e como “surge e ganha visibilidade no espaço público urbano” (Campos e Sequeira, 2019, p. 124), cativando públicos e seguidores.

### **Palavras-chave**

Arte de rua; Arte urbana; Quinta do Mocho; Maputo Street Art; Resistência; Marginalização.

### **Referências**

Campos, R. & Sequeira, Á. (2019). “Entre VHLS e os Jerónimos: arte urbana de Lisboa enquanto objeto turístico”. *Horizonte*

- Antropológico*, ano 25, n. 55, pp. 119-151, set./dez. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832019000300005>.
- Campos, R. & Câmara, S. (2020). *Arte(s) Urbana(s)*. CICSNova/Húmus.
- Waclawek, A. (2011), *Graffiti and Street Art*. Thames & Hudson.
- Campos, R. (2017). "O espaço e o tempo do graffiti e da street art". *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº 34. <http://journals.openedition.org/cidades/402>
- Chaves, H. (2017). "Clickbaits, Violência e Arte Pública na Quinta do Mocho, Loures". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, volume 57, pp. 197-210. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/10054>.
- Bólan, E. N. (2015). *Gestion Cultural y Teoría de la Cultura*. Gedisa Editorial.
- Rius-Ulldemlins, Joaquim & Pecourt, Juan (2021). *Sociología de la Cultura. Herramientas para el Análisis de las Dinámicas Culturales del Siglo XXI*. Universitat de València.
- Pereira, T. M. (2019). *Uma Travessia da Colonialidade: Pintura e Intervisualidades*. Caleidoscópio e DGPC.

### **Os processos criativos não formais à luz dos media**

Daniela Esperança Monteiro da Fonseca – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

**Email:** [dfonseca@utad.pt](mailto:dfonseca@utad.pt)

O que é a criatividade, o que são processos criativos não formais, quem são os protagonistas das indústrias culturais e criativas, como é que os media veem os atores da criatividade e que diferenças há hoje na cobertura mediática das performances dos processos criativos formais e os menos formais? Estes são



alguns dos temas que se pretendem discutir na apresentação desta comunicação.

Ainda recentes, os conceitos de criatividade, *indústrias culturais* e *criativas*, processos criativos formais e informais, emergem como conceitos multifacetados, multidisciplinares e nem sempre conhecidos do grande público. O facto é que há cada vez mais notícias sobre cidades criativas, *hubs* criativos, criatividade, o que, por si só, obriga a uma clarificação de conceitos e da forma como estes surgem não apenas na literatura da área, mas também nos meios de comunicação social nacional.

Assim, propõe-se, neste trabalho, a identificação das ferramentas previstas para a recolha de dados, beneficiando de uma triangulação metodológica que conjuga dados extraídos de uma *revisão de literatura*, que visa esclarecer e clarificar alguns dos conceitos previamente evocados, com uma *análise de conteúdo* aplicada às notícias publicadas nos últimos 5 anos, em dois jornais de referência em Portugal: *Jornal de Notícias* e *Observador*.

Considerando que as indústrias culturais e criativas funcionam como um fator estratégico de competitividade, como potenciadoras de emprego e de criação de riqueza, como formas de reforço da cidadania e da participação dos cidadãos, o sentido desta comunicação é também compreender qual o papel que os *media* desempenham na promoção desses desígnios globais.

### **Palavras-chave**

Indústrias culturais e criativas; Criatividade; Media; Processos criativos não formais.

### **Referências**

Lima, D. P. C. (2015). *Hubs Criativos no norte de Portugal: análise do seu contributo para fortalecer as indústrias culturais e*

- criativas no norte de Portugal*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/15371>.
- Lourenço, M. F. M. (2019). *Responsabilidade Social nas indústrias culturais e criativas: estudo exploratório em organização de atividades culturais no subsetor das artes performativas* (Dissertação de mestrado). Universidade de Évora.
- Pires, R.; Mota, J. A. & Tschimmel, K. (s/d): *Indústrias culturais e criativas em contexto rural: a rede cultural Sete Sóis Sete Luas em Alfândega da Fé*. Instituto Politécnico de Bragança. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/21381/1/Ind%C3%BAstrias%20culturais%20e%20criativas%20em%20contexto%20rural%3A%20a%20rede%20cultural%20Sete%20S%C3%B3is%20Sete%20Luas%20em%20Alf%C3%A2ndega%20da%20F%C3%A9.pdf>.
- Quintela, P.; Ferreira, C. (2018): “Indústrias culturais e criativas em Portugal: um balanço crítico de uma nova “agenda” para as políticas públicas no início deste milénio”. *Revista Todas as Artes*, v.1, n.1, pp. 88-110. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/81231/1/Ind%C3%BAstrias%20culturais%20e%20criativas%20em%20Portugal.pdf>.
- Salvador, A. C. M. (2016): *Estratégias de comunicação e tecnologia para o sucesso de novos negócios nas indústrias criativas: dois estudos de caso*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/12402.pdf>.
- Tenazinha, A. M. S. L. G. (2013): *O multimédia ao serviço das indústrias criativas e culturais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusíada de Lisboa. <http://hdl.handle.net/11067/496>.

## SESSÃO TEMÁTICA I – ARTE E CIDADANIA

### Anfiteatro 0.5

**Moderação:** Patrícia Dourado – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### Refugi'Arte: refugiados, habitação e direito à cidade

Sílvia Leiria Viegas – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [sbviegas@ualg.pt](mailto:sbviegas@ualg.pt)

A comunicação aborda o problema do acesso à habitação dos refugiados de África e do Médio Oriente em Portugal. Parte de um trabalho de pesquisa concluído sobre o tema relativo, sobretudo, ao período desafiante da pandemia de Covid-19, em 2020/2021, na Área Metropolitana de Lisboa, configurando parte do estado da arte de um novo projeto de investigação de abrangência local, no Algarve. Este, por sua vez, antevê a produção de um roteiro artístico e digital apontado para desconstruir sentimentos racistas e xenófobos; potenciar o sentimento de pertença daqueles que incorporam diferentes vivências, hábitos e culturas; e gerar melhores e mais adequadas condições habitacionais e de vida para os refugiados. Num primeiro momento a comunicação segue Viegas (2022a), dando a conhecer o referido problema habitacional como percebido por estes migrantes em caso de extrema vulnerabilidade, contribuindo para construir uma contra-narrativa crítica a partir das suas posições de desvantagem e visões de desprivilegiados, e frisando o seu papel participativo e colaborativo na construção de horizontes de esperança (Freire, 1992; Harvey, 2000). Aqui recorreu-se ao conceito de direito à cidade (Lefebvre, 1968) e à investigação-ação para apresentar

saberes situados no Fórum Refúgio Portugal, um espaço para o diálogo, resolução de problemas, construção epistemológica e desenho de estratégias de mobilização apontadas para a inclusão, promovido por refugiados e académicos-ativistas em articulação com decisores políticos e instituições. Num segundo ponto a comunicação sublinha as potencialidades do uso da arte digital enquanto abordagem metodológica para a transformação e a inclusão, ao mesmo tempo envolvendo os refugiados em experiências sócio-espaciais e habitacionais alternativas que suportem a construção de novas vidas (Viegas, 2022b). Esta perspetiva pode ajudar a desconstruir políticas e práticas habitacionais com impacte nas condições de vida destes refugiados, e a reforçar espaços existentes de visibilidade, apoio e solidariedade (*Ibid.*; Viegas, sub.).

### **Palavras-chave**

Refugiados; Habitação; Direito à Cidade; Arte Digital.

### **Referências**

- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Terra e paz.
- Harvey, D. (2000). *Spaces of Hope*. Edinburgh University Press.
- Lefebvre, H. ([1968] 2009). *Le droit à la ville*. Anthropos.
- Viegas, S. (2022a). Refugiados de África e do Médio Oriente em Portugal: notas sobre o acesso à habitação e direito à cidade, *Revista CIDADES, Comunidades e Territórios, Acesso à habitação e Covid-19: Leituras a partir das Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto*, nº 45, pp. 39–54.
- Viegas, S. (2022b). *Media Art Spaces for Refugees: Housing (in) the Algarve & Western Andalusia*. Candidatura ERC STG 2023.
- Viegas, S. (submetido), Reformism vs resistance for the right to the city. Re(new)ed views and dynamics in the Lisbon



Metropolitan Area. In R. Baikady, S.M. Sajid, J. Przeperski, V. Nadesan, M.R. Islam, & G. Jianguo (Eds.), *The Palgrave Handbook of Global Social Change*. Palgrave Macmillan.

### O artista desprovido de mãos? As artes contemporâneas na “sociedade da transparência”

Filomena Serra – Universidade Nova de Lisboa, Instituto de História Contemporânea

**Email:** [fil.serra@fch.unl.pt](mailto:fil.serra@fch.unl.pt)

Cápsulas do tempo, instalações multimedia de vídeos e sons, instalações cinéticas e esculturas interactivas foram algumas das obras que tive ocasião de apreciar na Bienal de Veneza de 2022. Com curadoria de Cecilia Alemani, a bienal intitulou-se *O Leite dos Sonhos* (The Milk of Dreams), nome inspirado num livro de contos da pintora e escritora surrealista Leonora Carrington. A obra refere-se a um mundo mágico onde a vida se reinventa graças à imaginação.

Simultaneamente, no Palazzo Strozzi em Florença, apresentava-se *Vamos lá ao Digital* (Let's Get Digital), uma exposição que questionava as novas fronteiras entre o real e o digital e na qual o público era convidado a viajar por instalações e experiências multimedia, criadas por artistas que investigam o mundo da criptoarte, baseados na NFT (Non Fungible Token). Uma dessas obras era um “video wall” do artista turco Refil Anadol, intitulado *Machine Hallucinations – Renaissance Dreams* (2022). Trabalhando um conjunto de dados de milhares de pinturas renascentistas, o artista exibia uma experiência multissensorial criada por algoritmos de inteligência artificial geradora de visões de cores e formas desafiadoras da realidade. A desmaterialização da obra surgia, assim, no seu efeito mais

radical na junção entre a arte, a tecnologia e a história. Por outro lado, era visível a existência de um novo mercado da arte onde a internacionalização dos artistas está dependente de grandes empresas tecnológicas que apostam na segurança dos investimentos em virtude de esse mercado fazer circular muito dinheiro.

Walter Benjamin, em 1936, chamou à atenção para o valor cultural da arte e interrogou-se sobre a perda da aura da obra artística “na era da reprodutibilidade técnica”. Confrontados com aquilo que já é chamada de “sociedade da transparência” (Han, 2014; Brin, 1998) – onde o mundo se estrutura na interactividade e na miniaturização, bem como na expansão das não-coisas e das informações – o “valor de exposição” substitui o valor cultural. A sociedade transforma-se num reino da informação que se apresenta como liberdade (Han, 2022, 10).

Várias interrogações se colocam: onde se situa o valor do humano se os meios electrónicos, produzem um ser humano mais e mais massificado? Ou, ainda, como é que num mundo, controlado por algoritmos, que se torna cada vez mais incompreensível e espectral, onde comunicamos e interagimos com os *infómatos*, trocando informações, qual é o lugar do corpo e da memória? Como é que nessa sociedade em que o livro e a arte se tornam “não-coisas”, se posicionam a arte e o artista? Como interroga o filósofo Byung-Chul Han, não será que o artista e o homem do futuro (o *Homo Ludens*), serão desprovidos de mãos ao quererem apenas experimentar e fruir (Flusser cit. por Han, 2022, 13, 15, 19)?

Este trabalho propõe-se reflectir sobre os novos desafios com que os artistas (curadores e até museólogos) se confrontam face aos novos rumos das artes digitais do mundo contemporâneo, em que a digitalização avança de forma inexorável e um novo léxico de temas, ainda estranho, como

blockchain, NFT, criptomoedas e metaverso, surgem desenhando novos paradigmas.

### Palavras-chave

Artes digitais; Arte contemporânea; Exposições; Sociedade da transparência; Blockchain; NFT; *Homo-ludens*.

### Referências

- Benjamin, W. 1936. *A Obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. L&PM Editores (ebook).
- Brin, D. 1996. "The Transparent society", *Wired*. Vol. 4, no. 12. <https://www.wired.com/1996/12/fftransparent/>
- Han, Byung-Chul. 2014. *A Sociedade da transparência*. Relógio d'Água.
- Han, Byung-Chul. 2022. *Infocracia. A digitalização e a crise da democracia*. Relógio d'Água.
- Han, Byung-Chul. 2022. *Não-coisas. Transformações no mundo em que vivemos*. Relógio d'Água.

### Multimedia Art and Digital Culture at Times of Surveillance: Two Works by Laurie Anderson

Susana Araújo – Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras; CECComp, FLUL, Universidade de Lisboa

**Email:** [s.i.a.araujo@gmail.com](mailto:s.i.a.araujo@gmail.com)

This paper discusses two recent and related works by Laurie Anderson – her album *Homeland* (2010) and her film *Heart of a Dog* (2015) – to show how the author's multimedia work explores issues that deal with security culture and surveillance in the post-9/11 context. Anderson explores US mediatic and political language to offer a poignant critique of the impact of "War on

Terror”, security and surveillance cultures on contemporary notions of citizenship. In many of the tracks of *Homeland*, Laurie Anderson explores the meanders of the US psyche as something at once sinister yet sometimes eerily dreamy and innocent – a collective conscience at odds with national myths such as “American dream” and deconstructs those mythologies in light of the many military and economic crisis the US has been engaged with since “9/11” (Anderson 2010; Anderson 2010b). The film, *Heart of a Dog*, continues this examination, as it explores moments of personal grief against a wider sense of loss promoted by the social and political desolation of post-9/11 US policies. The film explores, for example, the slogans used by the Department of Homeland Security’s post-9/11 campaigns and gives an account of the history of Iron Mountain, the famous American enterprise dedicated to information management services. Anderson suggests that our personal narratives are being stored and curated by public and private entities; she interrogates the impact and repercussions of surveillance culture in our lives: “Massive amounts of data / are being collected and stored./And what kind of information is this?/ Fragmented conversations/ / full of jump cuts” (Anderson 2015) The fact that in contemporary culture, surveillance has become ubiquitous raises questions about the power which authorities have to put together, edit and organize segments of surveyed materials, revising or rewriting our personal narratives. Anderson is keen emphasis visually and verbally in the film that much of the information collected by the Department for Homeland Security is stored in a digital “cloud” and to suggest that “the likelihood that your story / is going to get mixed up / with someone else’s story / is extremely high.” (Anderson 2015). By showing a number of film clips I will convey, how these figurations are achieved not only through words but through striking visual and musical juxtapositions.



The analysis will be conducted through close-readings of the album and the film – an analysis sensitive to issues of visibility and discourse. Theoretically, the paper draws on recent critical security studies debates from a cultural studies perspective.

### **Keywords**

Contemporary culture; Security; Surveillance; Digital culture; Citizenship

### **References**

- Anderson, L., 2010, *Homeland*, CD. Nonesuch/Elektra Records
- Anderson, L., 2010b, "Q&A; with Laurie Anderson," *Vancouver 2010* [https://web.archive.org/web/20100721030541/http://www.vancouver2010.com/more-2010-information/cultural-festivals-and-events/news/q-a-with-laurie-anderson\\_268310gd.html](https://web.archive.org/web/20100721030541/http://www.vancouver2010.com/more-2010-information/cultural-festivals-and-events/news/q-a-with-laurie-anderson_268310gd.html). Accessed: 20/01/2023.
- Anderson, L. (Dir.), 2015, *Heart of a Dog*, Canal Street Communications, Arte France, HBO Documentary Films et al.

### **Cidadania digital e cultura de protesto em Moçambique: liberdade de expressão em julgamento**

Tânia Machonisse – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**Email:** [taniamachonisse@gmail.com](mailto:taniamachonisse@gmail.com)

Em Novembro de 2022, o humorista de seis anos de idade, Valter Danone foi acusado pelo Ministério Público (MP) de difamação e calúnia ao Estado moçambicano por ter produzido e publicado nas suas redes sociais digitais (YouTube e Facebook) um vídeo satírico sobre a corrupção generalizada na polícia de trânsito moçambicana. Por ser menor, a sua

avó e o produtor dos vídeos foram constituídos arguidos e a sentença está agendada para o dia 7 de Fevereiro de 2023. Na mesma senda, em 2015 o renomado economista e académico moçambicano Nuno Castel-Branco foi julgado e absolvido depois de ter sido notificado pela Procuradoria Geral da República (PGR) em 2013 por alegadamente ter usado palavras insultuosas na carta aberta dirigida ao antigo Presidente da República, Armando Guebuza (2005-2015), publicada na sua (Castel-Branco) página de Facebook, na qual mostrava a sua indignação pelo modelo de governação daquele dirigente que, segundo o académico, se aproximava de um regime fascista. Esta carta foi publicada (2013) em dois jornais moçambicanos, nomeadamente Canal de Moçambique e MediaFax, que foram igualmente notificados pela PGR. Estes dois acontecimentos (2022 e 2015) instigaram protestos de rua e nas redes sociais digitais para exigir o respeito às liberdades de expressão e de imprensa constitucionalmente consagradas em Moçambique. A literatura é unânime em defender que as mudanças no fluxo de comunicação, onde as possibilidades de produção e consumo de conteúdos mediáticos tornaram-se descentralizadas e horizontais, cenário que caracteriza a cibercultura, têm contribuído para a elevação de uma cultura participativa digital que foge aos padrões fixados pela democracia representativa legitimada pelo voto popular, ao permitir que qualquer pessoa com acesso à Internet possa participar ativamente no debate de ideias no espaço público, materializando assim o ideal de uma cidadania digital ativa, bem como a efetivação de novos formatos de cultura de protesto (Cádima, 2010; Silva e Caetano, 2015; Vilaça e de Araújo, 2016; Magnoni e Miranda, 2018 e; Pinto, 2022). No entanto, o debate teórico sobre as possibilidades de participação democráticas geradas pela convergência dos média, principalmente entre os média tradicionais e as redes

sociais digitais, é feito dentro de um racional maioritariamente comparativo e oposicional. Neste contexto, pretende-se estudar e criar evidência sobre as possibilidades de uma abordagem colaborativa entre os média tradicionais e as redes sociais digitais, mostrando como o exercício de cidadania que teve início nas redes sociais digitais ganhou espaço na agenda social e nos média tradicionais dentro e fora de Moçambique. Esta hipótese irá também inspirar o debate, neste projeto, sobre a aplicabilidade da teoria do *agenda setting* no contexto das redes sociais digitais, cidadania digital ativa e do fenómeno de *mass self-communication*.

### **Palavras-chave**

Redes sociais digitais; Cidadania digital; Cultura de protesto; Liberdades de expressão e de imprensa.

### **Referências**

- Cádima, F. R. (2010). Política, Net e Cultura Participativa. *Media & Jornalismo*, nº, 195-207. Disponível em [https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Cadima-2/publication/277711858\\_Politica\\_Net\\_e\\_Cultura\\_Participativa/links/5570c0ec08aedcd33b292f85/Politica-Net-e-Cultura-Participativa.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Cadima-2/publication/277711858_Politica_Net_e_Cultura_Participativa/links/5570c0ec08aedcd33b292f85/Politica-Net-e-Cultura-Participativa.pdf) Acessado a 13/01/2023
- Magnoni, A. F., & Miranda, G. V. (2018). Convergência midiática e cultura participativa: possíveis interações entre novas tecnologias e agentes sociais no campo da comunicação. *Parágrafo*, 6(1), 185-198. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5044/504459790006/504459790006.pdf> Acessado a 13/01/2023
- Pinto, L. W. P. D. C. (2022). A cultura participativa como elemento estratégico para a indústria fonográfica: uma análise a partir da comunidade virtual do site Genius. com

- (Bachelor's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/45926> Acessado a 13/01/2020
- Rico, O. A. S. (2017). Comunicação midiática e consumo de afetos: narrativas sobre protestos e ocupações contra a Reorganização Escolar em São Paulo. Disponível em <https://tede2.espm.br/handle/tede/240> Acessado a 13/01/2023
- Silva, M., & Caetano, E. (2015). A formação da cultura de resistência e a experiência de luta na produção de saberes. *Horizontes*, 33(1). Disponível em <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/52> Acessado a 13/01/2023
- Vilaça, M. L. C., & Araújo, E. V. F. D. (2016). Tecnologia, sociedade e educação na era digital. Duque de Caxias: UNIGRANRIO. Disponível em [http://pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeducacaonaeradigital\\_011120181554.pdf](http://pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeducacaonaeradigital_011120181554.pdf) Acessado a 13/01/2023

## SESSÃO TEMÁTICA II – A(R)TIVISMO

### Anfiteatro 1.3

**Moderação:** Mirian Tavares – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### Artivismo(s) juvenis: reflexões em torno de práticas artísticas engajadas na internet

Ricardo Campos – Universidade Nova de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

**Email:** [ricardocampos@fcsb.unl.pt](mailto:ricardocampos@fcsb.unl.pt)

A presente comunicação resulta de um projecto de pesquisa (2019-2022) em torno da cidadania, envolvendo práticas cria-

tivas e artísticas dos jovens. Este foi um projecto de natureza qualitativa, recorrendo à etnografia e à realização de entrevistas aprofundadas a jovens envolvidos em diferentes causas (climática, anti-racista, feminista, LGBTQI+, etc.). Com esta comunicação, pretende-se debater os dados das entrevistas realizadas no que respeita ao tópico da produção artística. A criação artística (ilustração, música, performance, etc.) ao serviço da cidadania e do activismo é entendida como cumprindo variadas funções, de ordem individual ou colectiva (Sarrouy, Simões e Campos, 2022). Estas são funções que variam de acordo com as causas perfilhadas, mas igualmente com os formatos de expressão artística. Grande parte destas expressões adquire uma expressão digital e toma partido das redes digitais para alcançar um público vasto (Campos e Silva, no prelo; Campos e Simões, no prelo).

Podemos, então, falar de artivismo digital, remetendo para as práticas de criação e difusão de conteúdos digitais que assumem uma missão de intervenção cívica. Deste modo, argumentamos que, tal como o activismo contemporâneo não existe sem uma presença no mundo virtual (Loader, Vromen, e Xenos, 2014; Campos, Simões e Pereira, 2018), também muitas formas de intervenção cívica e política através da arte e da cultura, encontram nos recursos digitais uma ferramenta de crucial importancia. O digital oferece um conjunto de recursos para a criação mas, mais importante, disponibiliza um canal de difusão de enorme extensão. Esta condição permite que se constitua um público que atravessa limites espacio-temporais, em benefício de uma lógica globalizada, interactiva e fluída de ligação com os criadores.

### **Palavras-chave**

Artivismo; Cidadania; Internet; Juventude.

## Referências

- Campos, R.; Silva, D. (no prelo) Visibility, Solidarity and Empowerment Via the Internet. A Case Study of Young Portuguese Activists, *Communications: The European Journal of Communication Research (COMM)*
- Campos, R. & Simões, J. A. (no prelo) “Juventude, ativismo e circuitos tecnológicos”. In G. Ferreira e V. Grunvald (org.) *Arte, antropologia e suas políticas*. Coleção Diferenças PPGAS/ Cegraf UFG: Goiânia, n[e-book]
- Campos, R., Simões, J. A. & Pereira, I., (2018). Digital media, youth practices and representations of recent activism in Portugal, *Communications – The European Journal of Communication Research*, 43(4), 489-507
- Loader, B. D., Vromen, A., & Xenos, M. A. (2014). The networked young citizen: social media, political participation and civic engagement. *Information, Communication & Society*, 17(2), 143-150.
- Sarrouy, A.; Simões, J. & Campos, R. (2022) *A arte de construir cidadania: juventude, práticas criativas e ativismo*. Lisboa. Tinta da China

## Movimentos feministas locais: ações de resistência nas redes e nas ruas

Carla Cerqueira, Célia Taborda, Ana Sofia Pereira – Universidade Lusófona – Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias

**Email:** [carla.cerqueira@ulusofona.pt](mailto:carla.cerqueira@ulusofona.pt), [celia.taborda@ulusofona.pt](mailto:celia.taborda@ulusofona.pt), [ana.sofia.pereira@ulusofona.pt](mailto:ana.sofia.pereira@ulusofona.pt)

A ligação entre a ação digital em rede e os movimentos sociais, nomeadamente o feminista e suas expressões de ativismo



*online*, tem sido alvo de diversos estudos (e.g. Dumitrica & Felt, 2020). O que a literatura tem revelado é que as ações transnacionais dos movimentos feministas que se exprimem ou ganham dimensão digital, embora assumindo um caráter global, não ignoram as particularidades locais. Se é certo que as ferramentas digitais permitem a alguns movimentos locais ultrapassarem fronteiras tornando-se globais, transnacionais, é o local que negocia a natureza e a forma como estas fronteiras são cruzadas (Mehta, 2019), é o local que ajuda a informar o global. Por este motivo, há investigações que têm vindo a associar o conceito “glocal” ao de “transnacional”. Glocal descreve movimentos feministas transnacionais que atuam simultaneamente a nível local e global numa articulação simbiótica: o local informa o global, a solidariedade global alimenta e contribui para as mudanças sociais locais (Baksh & Harcourt, 2015, p. 12).

Adicionalmente, o ativismo que surge, que se desenvolve e/ou fortalece nas plataformas digitais coexiste com o ativismo presencial no espaço público, numa espécie de continuum relacional. O ativismo digital não apagou o ativismo de rua, muito pelo contrário, tem contribuído, amiudadas vezes, para o alimentar e incentivar. Estas “novas” dinâmicas ativistas, de articulação entre as redes e as ruas, promovem a discussão de temáticas na esfera pública que questionam a história e a cultura que foram construídas por sociedades patriarcais e hegemónicas. Movimentos como a Slutwalk, 8 M, #EleNão e #MeToo confrontam os valores socialmente construídos associados ao género, colocando nas suas agendas questões como o assédio e violência sexual, greve ao trabalho doméstico e ao consumismo e interseccionalidade. Simultaneamente, recorrem ao ativismo digital que projeta estes movimentos a uma escala transnacional, visibilizando as suas ações e

conferindo-lhe maior poder de resistência. Daí ser necessário um olhar atento às singularidades culturais locais, às formas como estes movimentos se mobilizam nas redes e agem nas ruas, atendendo às interações que promovem entre estes domínios de ação.

Nesta comunicação pretendemos promover uma discussão em torno do #MeToo, movimento ativista feminista com mobilizações entre as redes e as ruas que tem vindo a resgatar vozes historicamente silenciadas em culturas paternalistas, trazendo para o espaço público as suas causas, recorrendo a uma ação coletiva e conectada. A partir de uma lógica de conhecimento situado (Haraway, 1991) propomo-nos a compreender, em Portugal, que expressões locais teve este movimento social feminista de carácter transnacional, e que mudanças socioculturais potenciou.

### **Palavras-chave**

Movimentos feministas; Ação coletiva e conectada; Movimentos transnacionais.

### **Referências**

- Baksh, R.,; Harcourt, W. (2015). Introduction: Rethinking Knowledge, Power, and Social Change. In *The Oxford Handbook of Transnational Feminist Movements* (pp 1-47). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199943494.013.35>
- Dumitrica, D.; Felt, M. (2020). Mediated grassroots collective action: negotiating barriers of digital activism. *Information, Communication & Society*, 23(13), 1821–1837. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1618891>.
- Haraway, D. (1991). Situated knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective,

In D. Haraway (Org.), *Symians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature* (pp. 183-202). Routledge. <https://doi.org/10.2307/3178066>

Mehta, P. (2019). Dalit feminism in Tokyo: analogy and affiliation in transnational Dalit activism. *Feminist Review*, 121(1), 24-36. <https://doi.org/10.1177/0141778918818318>

### **O cancelamento como prática de fãs: ativismo ou relações tóxicas?**

Simone Pereira de Sá – Universidade Federal Fluminense, Universidade do Porto

**Email:** [simonesa@id.uff.br](mailto:simonesa@id.uff.br)

O trabalho tem por objetivo discutir as práticas da “cultura do cancelamento” no contexto das relações afetivas entre artistas e fãs cultivadas nos ambientes das plataformas digitais. A premissa é a de que a cultura do cancelamento – caracterizada por julgamentos sumários e por boicotes à obra de artistas – nos revela aspectos importantes e ainda pouco abordados nos estudos sobre audiências, apontando para aspectos centrais das práticas comunicacionais e interacionais nos ambientes digitais. Nesse sentido, situamos o cancelamento como uma prática singular no escopo da cultura de fãs que oportuniza performances ativistas ao mesmo tempo em que pode apontar para uma expressão “tóxica” do afeto dos fãs por seus ídolos, implicando em tensionamentos de diversas ordens na esfera pública. Tendo como campo principal de batalha a internet, nossa hipótese é de que essa prática se estabelece como uma arma de destaque – calibrada pela força da vigilância e da repercussão de determinados assuntos – nas guerras culturais contemporâneas. Dessa maneira a cultura do cancelamento

reflete processos amplos e mais profundos, para além de uma performance do gosto ou do desgosto em redes socio-técnicas (HENNION, 2011), e alcança uma dimensão política e cultural que se impõe como uma marca típica do mundo em que vivemos.

Frente ao exposto, temos por objetivos neste trabalho: 1) Historicizar as práticas de cancelamento e contextualizá-lo dentro das guerras culturais (Vaz, Teixeira; 2021) que caracterizam as práticas de fãs na contemporaneidade 2) Analisar o cancelamento à luz das práticas da “cultura participativa” abordadas por Jenkins (2008) e outros, indagando sobre o quanto o cancelamento demarca aspectos inesperados e não discutidos do fenômeno 3) Propor uma metodologia de análise da cultura do cancelamento, com base em aportes oriundos dos estudos de performance (TAYLOR, 2013; GOFMANN, 2009; PEREIRA DE SÁ e POLIVANOV, 2012; AMARAL, SOARES E POLIVANOV, 2018) discutidos em uma perspectiva comunicacional.

### **Palavras-chave**

Audiências; Fãs; Cultura do Cancelamento; Plataformas Digitais; Performances.

### **Referências**

- Amaral, A.; Soares, T.; Polivanov, B. (2018). Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.* 41 (1). Jan-Apr
- Goffmann, E., 2009 (1975). *A Representação Do Eu Na Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Hennion, A. (2011). Pragmática do gosto. *Desigualdade & Diversidade-Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, v. 8, p. 253-277.

- Melo, C.T., Vaz, P. (2021). Guerras Culturais: conceito e trajetória. *Revista ECO-Pós*, v.24, n.2.
- Pereira de Sá, S. & Polivanov, B. (2012). Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. *Contemporânea* 10 (3): 574-596
- Taylor, D. (2013). *O arquivo e o repertório*. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG.

### **A descolonização do conhecimento enquanto processo de longa duração: “Artivismo” e interculturalidade**

Vítor de Sousa – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

**Email:** [vitorde Sousa@ics.uminho.pt](mailto:vitorde Sousa@ics.uminho.pt)

O passado colonial ainda pesa na atualidade reforçando um olhar ocidental e unilateral sobre uma narrativa que, sendo diversa, promove a subalternização dos países que foram colónias. Os museus com coleções etnográficas mantêm-se, na sua maioria, inalterados, mais parecendo terem parado no tempo. Os fragmentos do mundo que lá estão expostos, mostram um tempo que acabou, narrado do ponto de vista ocidental, como se ainda vigorasse o colonialismo: evidenciando os estágios de evolução das culturas e dos povos (Brito, 2016).

Num quadro de grande complexidade do mundo, que é diretamente proporcional à sua desigualdade, a questão que se coloca, na atualidade, é de que forma é que os museus vão representar o “outro”? O que vai no sentido contrário a uma visão colonialista, assente num tempo único e global, tendo em mente a possibilidade de construção e reformulação das

identidades (Hall, 1992; Bhabha, 1994) e que nos leva ao conceito de transculturalidade, que Wolfgang Welsh (1999) desenvolveu, deitando por terra a ideia de culturas únicas.

O momento atual é paradigmático em relação a essa dinâmica, com os lugares de enunciação a modificarem-se progressivamente, mudando paradigmas que antes não eram postos em causa. É nesse contexto que o ICOM-Conselho Internacional de Museus, a maior organização internacional de museus, redefiniu o próprio conceito de museu, sublinhando tratar-se de estruturas inclusivas, fomentando a diversidade (Keep, 2022). O que quer dizer que aquilo que existe nos museus e nos arquivos pode ser dito de outra maneira. O que não significa, no entanto, que se devam esconder partes da História, como sublinha Nicholas Mirzoeff, professor universitário, ativista visual, em entrevista à revista Visão (Correia, 2020). O mesmo acontece com a estatuária pública edificada em período colonial mas que collide com dinâmicas que nada têm que ver com colonialism, ou mesmo outras estátuas que emergiram já sem Impérios, mas remetendo para imaginários anacrônicos.

É neste quadro que surge o conceito de “ativismo”, que ainda é um neologismo e está longe de ser consensual na área das Ciências Sociais e Humanas e, mesmo no das artes. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, refletindo e interrogando temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência a determinado statu quo. Esta postura de, que está na fronteira, muitas vezes, do que o Estado de Direito impõe, podendo transformar-se em vandalismo, faz questionar a postura do investigador, quanto à sua posição de atuação.

Nesta comunicação, para exemplificar a dinâmica “artista”, promovemos a reflexão sobre esta problemática, observando



a tentativa de descolonização do Museu Real da África, em Tervuren (Bélgica), um símbolo colonial por excelência, que reabriu em 2018 como o AfricaMuseum, após cinco anos de reforma; exemplificamos, ainda, com as pichagens das estátuas portuguesas do Cónego Melo (Braga, 2013), e do Padre António Vieira (Lisboa, 2017).

### Palavras-chave

Descolonização do conhecimento; Artivismo; Interculturalidade; Estatuária; Museologia.

### Referências

- Bhabha, H. (1994). *O local da cultura*. Editora UFMG.
- Brito, J. P. (2016). Museus e interrogações num mundo global. In D. R. Curto (org.), *Estudos Sobre a Globalização* (pp. 509-515). Lisboa: Edições 70.
- Correia, A. (2020, 12 de junho). Entrevista a Nicholas Mirzoeff: “Não podemos afirmar que os europeus descobriram o resto do mundo. Dizê-lo significa aceitar que aqueles povos não são nossos iguais”. *Visão online* [<https://tinyurl.com/y82cfvh7/>]
- Hall, S. (1992). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora.
- Keep (2022, 26 de agosto). ICOM aprova nova definição de museu [<https://tinyurl.com/2p8rysbj>]
- Welsch, W. (1999). Transculturality – the puzzling form of cultures today. In M. Featherstone and S. Lash (ed.), *Spaces of culture: City, nation, world*, pp 194-213. London: Sage.

12H30 PAUSA PARA ALMOÇO

## 14H00 PALESTRA II – COMPETÊNCIA MEDIÁTICA PARA A CIDADANIA NO CONTEXTO DIGITAL. INVESTIGAÇÃO SOBRE INSTAGRAMERS E YOUTUBERS

### Anfiteatro 1.4

**Moderação:** Olivia Novoa Fernández – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

María Amor Pérez Rodríguez, Universidade de Huelva

Catedrática da Universidade de Huelva. Membro do Grupo de Investigação Ágora, da Rede ALFAMED e do grupo Comunicar. Editora adjunta da revista científica «Comunicar, y Advisory Board da revista «Heliyon». Investigadora em projetos nacionais e internacionais de I+D+i, suas investigações e publicações se centram no desenvolvimento da competência mediática, media literacy, as novas narrativas no contexto digital e sua integração curricular.

A relevância e influência das práticas comunicativas nas redes sociais, na sociedade atual, nos levou a analisar os modos de comunicação, a inovação, a difusão e a participação de Youtubers e Instagrammers, com o objetivo de determinar as prioridades educacionais para a implementação de iniciativas e estratégias de formação. O YouTube e o Instagram são estudados em termos de usos e acesso, em diferentes âmbitos da cidadania como, por exemplo, educação, famílias, criadores de conteúdo e coletivos sociais e/ou em risco de exclusão social, atendendo ao impacto destas plataformas sobre contextos y âmbitos cotidianos plurais e diversos. Conclui-se que a alfabetização mediática é necessária para o desenvolvimento da competência mediática requerida no ambiente digital, como um fator humano fundamental para a construção de uma cidadania crítica e equitativamente participativa.

**PAINEL TEMÁTICO II - (IN)VISIBILIDADES, IDENTIDADES E ATIVISMOS**

**Anfiteatro 1.4**

**Coordenação:** Isabel Macedo, Sheila Khan e Carla Cerqueira

A História oficial portuguesa é feita de grandes e extraordinárias descobertas e de conquistas no além-mar. A narrativa vigente sobre a identidade nacional promove uma auto-imagem dos portugueses enquanto nação solidária e amiga de todos os povos. Porém, a lenta democratização das esferas públicas portuguesas, bem como a experiência quer da descolonização, quer das independências políticas dos territórios africanos colonizados, arrastou consigo uma miríade de narrativas humanas que fazem parte de um mosaico complexo, denso e plural de migrações, deslocamentos, de exílios e de diásporas. Os recentes fluxos migratórios entre Portugal e o resto do mundo aumentam a segregação social ao mesmo tempo que dão visibilidade à incapacidade crónica do país em integrar minorias lidas como estrangeiras. À população cigana e afrodescendente, vêm agora juntar-se pessoas vindas do Brasil e da América Latina em geral, do sudoeste asiático, da Europa de leste, etc. Os Outros oferecem o seu trabalho às mais variadas profissões, pululam nas ruas, nas páginas dos média, dos repertórios culturais, contudo, permanecem ocultos e secundarizados dos debates públicos sobre o que somos, qual a nossa narrativa histórica e quais os nossos projetos para o futuro. Esta riqueza cultural tem sido reivindicada por novas gerações sinalizando, mapeando e demonstrando pelos seus trabalhos de vária natureza e alcance a relevância desta superação de silêncios, esquecimentos e de ausências tão drásticas e danosas para a construção de um sentido cívico

mais informado, contextualizado e justo. O presente painel, partindo desta intenção clara, reúne reflexões críticas sobre os média digitais e comunidades minoritárias, a resistência ao esquecimento, o ativismo digital, imagem e diáspora.

### **Ativismo mnemónico e o papel do cinema como ferramenta na discussão crítica sobre as migrações e o passado colonial**

Luiza Lins, Rosa Cabecinhas, Julia Alves – Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

**Email:** [luizaalins@gmail.com](mailto:luizaalins@gmail.com); [cabecinhas@ics.uminho.pt](mailto:cabecinhas@ics.uminho.pt); [juliaalvesbrasil@gmail.com](mailto:juliaalvesbrasil@gmail.com)

A forma como o passado colonial é representado configura uma questão-chave para entender o impacto do colonialismo nas culturas e identidades dos povos outrora colonizados e colonizadores (Licata et al., 2018). Em Portugal, a retórica de um colonialismo “diferente”, que inclui a ideia de uma habilidade especial que os portugueses teriam para relações harmoniosas com outros povos, no qual não caberiam fenômenos como racismo e discriminação (Castelo, 1998; Valentim & Heleno, 2017) persiste na memória pública, perpetuando o silenciamento histórico de grupos subalternizados. Nesse sentido, o projeto MigraMediaActs busca examinar narrativas sobre migração que circulam nas esferas públicas em língua portuguesa, de modo a identificar diferentes formas de ativismo mnemónico que, atendendo ao “dever de memória” (Levi, 2011), contribuem para desocultar histórias e memórias frequentemente esquecidas ou secundarizadas. O cinema, enquanto meio de comunicação, ocupa um importante papel nesse âmbito e uma das tarefas do projeto consiste na análise de filmes, especialmente curtas-me-

tragens diaspóricas. Nesta comunicação, discutiremos o conceito de ativismo mnemónico e o papel do cinema no processo de (des)construção crítica sobre temas como as migrações e o passado colonial. Apresentaremos resultados de um estudo sobre a produção cinematográfica com recurso a financiamento público, no período de 2018 a 2022, em Portugal. Foram 359 sinopses analisadas com auxílio do *software* Iramuteq. Em conjunto, os resultados evidenciam as principais temáticas contempladas nesses filmes, como a produção de cinema e relacionamentos interpessoais (relações de amizade, amor, familiares, etc.), mas também ausências significativas nessas produções. Termos como “migrações”, “discriminação” e “racismo” não apareceram nessas sinopses, mesmo em filmes que abordam experiências de deslocamento e dificuldades de integração no contexto português. Discutimos o significado dessas ausências diante de uma perspectiva de ativismo mnemónico (e.g., Gutman & Wüstenberg, 2022) e argumentamos que o cinema pode ser uma importante ferramenta no combate às amnésias sociais, mas, para isso, é preciso visibilizar histórias silenciadas, atuar na superação de determinadas ausências e “esquecimentos” nos debates públicos em Portugal.

### **Palavras-chave**

Ativismo mnemônico; Cinema; Migrações; Passado colonial.

### **Referências**

- Castelo, C. (1998). *“O modo português de estar no mundo”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Edições Afrontamento.
- Gutman, Y., & Wüstenberg, J. (2022). Challenging the meaning of the past from below: A typology for comparative research on memory activists. *Memory Studies*, 15(5), 1070-1086.

- Levi, P. (2011). *O dever de memória*. Cotovia.
- Licata, L., et al. (2018). Social representations of colonialism in Africa and in Europe: Structure and relevance for contemporary intergroup relations. *International Journal of Intercultural Relations*, 62, 68-79.
- Valentim, J. P., & Heleno, A. M. (2018). Luso-tropicalism as a social representation in Portuguese society: Variations and anchoring. *International Journal of Intercultural Relations*, 62, 34-42.

### **Os outros filhos da nação: Maria Gil, uma mulhercigana que existe e resiste**

Ana Cristina Pereira, Isabel Macedo, Gessica Borges – Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

**Email:** [isabelmaced@gmail.com](mailto:isabelmaced@gmail.com); [ssica.ge@gmail.com](mailto:ssica.ge@gmail.com)

A exclusão das populações ciganas é secular. Constituindo o maior grupo minoritário da União Europeia, a população cigana vivencia atualmente níveis elevados de pobreza, desemprego, bem como condições de saúde e alojamento débeis, além de baixos níveis de educação escolar. Enfrenta, ainda, a segregação sociocultural e uma discriminação múltipla. Em Portugal, esta população tem sido a mais discriminada ao longo dos séculos, sendo fundamental desnaturalizar discursos e práticas discriminatórias (Casa-Nova, 2021; Fejzula, 2021).

Para contestar discursos hegemónicos é importante que escutemos as histórias de vida, narrativas outras, de luta contínua contra o racismo, de combate por melhores condições de vida, de afirmação da sua individualidade e cultura. No projeto MigraMediaActs procura-se abrir espaço para escutar estas histórias, enquanto ferramentas de historicidade que



permitem ao sujeito reconstruir o passado, reencontrar o tempo perdido, sustentar o presente e projetar um futuro situando-o em relação a esse passado (Gaulejac, 1996). Há nesta abordagem uma dimensão interventiva, inscrita no processo de escuta e no fato de que contar a história é recriá-la, produzindo uma leitura sobre as experiências vividas. Com esta metodologia, pretendemos reconhecer o modo narrativo próprio dos autores – ativistas – os seus saberes, influências, inspirações e determinações, no seu tempo e espaço. Recolher uma história de vida é, assim, cartografar o transitório, registar o movimento da experiência.

Nesta comunicação, apresentamos uma reflexão inicial sobre a história de vida da atriz Maria Gil, que nasceu em 1972, no Porto, onde vive. É uma mulher Cigana e uma das vozes mais ativas e reconhecidas do Movimento Feminista das Mulheres Ciganas, em Portugal. No caminho que a fez chegar até aqui, viveu em África de onde regressou, como tantos portugueses, depois do 25 de abril. Em Portugal, já depois da revolução de abril, a sua família foi alvo de políticas públicas de habitação excludentes e racistas. Assim, a experiência de vida como mulher Cigana, levou Maria Gil a perceber muito cedo – mesmo antes de a conseguir articular – a ideia de racismo estrutural. Contudo, a ativista questiona também a forma como são romantizados os conceitos de tradição e de comunidade, defendendo que a ideia de tradição serve muitas vezes para que aqueles que são opressores, dentro das comunidades, possam continuar a oprimir. Conversar com Maria Gil e refletir com ela é uma forma de reparar o nosso mundo estilhaçado.

### **Palavras-chave**

Maria Gil; Histórias de Vida; Discriminação; Racismo.

## Referências

- Casa-Nova, M. J. (2021). Reflecting on public policies for Portuguese Roma since implementation of the NRIS: theoretical and practical issues. *Journal of Contemporary European Studies*, 29 (1).
- Gaulejac, V. (1996). Histórias de Vida e escolhas teóricas. *Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social*, 1, 32-45.
- Fejzula, S. (2021). A Europa «civilizada» e a sua violência contra o povo Roma. In S. Maeso (Org.), *O Estado do Racismo em Portugal: Racismo antinegro e anticiganismo no direito e nas políticas públicas* (pp. 289-300). Lisboa: Tinta da China.

## Media digitais alternativos em Portugal, jornalismo e ativismo

Carla Cerqueira e Paula Lobo – Universidade Lusófona, Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias

**Email:** [carla.cerqueira@ulusofona.pt](mailto:carla.cerqueira@ulusofona.pt)

Historicamente as investigações têm demonstrado que as narrativas dos media corporativos sobre migração e/ou grupos racializados contribuem de várias formas para o seu silenciamento e estereotipização. As comunidades migrantes e/ou os grupos racializados têm tido grande dificuldade em marcar a agenda mediática dominante e isso levou-as à criação de plataformas digitais e outros meios de comunicação que possam funcionar como espaços de resistência e de contra-narrativas (Kenix, 2011). Estamos perante os chamados media alternativos (Atton, 2002), que na literatura podem ter também a designação de participativos, comunitários ou independentes. São sobretudo plataformas que funcionam como uma alternativa

discursiva aos media dominantes (Atkinson, 2010), uma terceira voz (Servaes 1999: 260) e que funcionam sem vinculação ao Estado e às grandes empresas de comunicação que permeiam a esfera mediática.

Nesta apresentação apresentamos um mapeamento dos media digitais alternativos existentes em Portugal que foram fundados por pessoas/comunidades migrantes e ou racializadas, ou que incluíram pessoas migrantes e/ou racializadas na equipa redatorial e discutimos quais possuem características de meios jornalísticos e quais apresentam um posicionamento claramente ativista.

### **Palavras-chave**

Media digitais alternativos; Migração; Grupos racializados; Ativismo; Jornalismo.

### **Referências**

- Atkinson, J. (2010). *Alternative media and politics of resistance: A communication perspective*. New York: Peter Lang.
- Atton, C. (2002). *Alternative media*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kenix, L. J. (2011). "Introduction." *Alternative and Mainstream Media: The Converging Spectrum*. London: Bloomsbury Academic.
- Servaes, J. (1999) *Communication for Development*. One World, Multiple Cultures. Cresskill, New Jersey: Hampton Press.

## SESSÃO TEMÁTICA III – REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O DIGITAL

### Anfiteatro 1.3

**Moderação:** Ana Filipa Cerol Martins – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### O digital como ambiente e os problemas que dele sublevam

José Gomes Pinto – Universidade Lusófona, Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias

**Email:** [jgomespinto@gmail.com](mailto:jgomespinto@gmail.com)

Um dos acontecimentos mais marcantes da contemporaneidade é a intersecção cada vez maior entre cultura, técnica e sociedade. Estas intersecções desenham-se a diversos níveis e são captadas e subsumidas em diferentes modos. As respostas aos problemas que se levantam desenham-se nas «ciências da comunicação» através de diferentes perspectivas e tendências, muitas vezes opostas entre si. Desde perspectivas mais empíricas, onde o estudo de caso toma primado, passando pela recente e rejuvenescidas teoria crítica, os estudos culturais, a teoria da imagem, estudos comportamentais, *media effects*, etc. O objectivo desta comunicação é fazer um mapeamento destes problemas, mas centrando-os numa perspectiva da teoria da técnica ou daquilo que hoje se designa por *materialidade da comunicação* (i.e., *Medienwissenschaft*), e que parte do princípio da existência de um *a priori* técnico. É nossa intenção desenhar as contraposições, as contradições, as intersecções e os paralelismos que existem ao adoptar uma ou outra perspectiva, pois daí sairá uma forma totalmente distinta de compreender as relações entre cultura, técnica e sociedade.

## Ensimesmados: para uma atualização do conceito na contemporaneidade

Raquel Felgueiras – Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, i2ADS

**Email:** [rfelgueiras@gmail.com](mailto:rfelgueiras@gmail.com)

Num mundo global, interligado no espaço e no tempo de uma forma sem precedentes na história, o que poderá justificar o atual fechamento individual e coletivo? Este texto pretende apresentar uma reflexão teórica sobre aquilo que designamos por *ensimesmado*. O termo não é novo, mas as características e fatores que promovem a existência deste movimento de curvatura sobre si mesmo na contemporaneidade, apresentam-se como especialmente particulares, sobretudo no atual contexto de pós-pandemia e após o confinamento. Nesta atualidade marcada por tensões económicas, sociais e conflitos que, ainda que restritos a regiões bem definidas, têm implicações a nível global.

Partiremos da ideia de identidade e a sua preservação como preocupação central do ensimesmado, para compreender como esta é entendida hoje, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista social. Stuart Hall refere que no início do século XX surge “a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anónima e impessoal” (Hall, 2006). Este indivíduo isolado que Stuart Hall aborda, foi substituído hoje pelo indivíduo digitalmente acompanhado, a metrópole deu lugar a um mar de redes sociais e a todo um mundo virtual. Contudo, a solidão e alienamento acentuam-se, e a nossa recente experiência, em tempos de pandemia, veio tornar evidente que todas as tecnologias e artifícios criados não

conseguem substituir o contacto humano. Estabelecendo ligação com questões como a globalização (Appadurai, 2006), os novos sistemas de vigilância e o neoliberalismo (Zuboff, 2019), pretende-se criar uma trama de conceitos que nos ajudem a caracterizar o *ensimesmado* hoje e a compreender o movimento de curvatura sobre si mesmo.

A esta trama de conceitos, adicionamos exemplos da arte e da literatura, que nos apresentam hipóteses de reflexão sobre as diferentes camadas desta nova condição. Susan Morris por exemplo, trabalha a questão da auto-representação como preservação das experiências de vida e da memória. No seu trabalho, esta preservação é pensada a partir do rasto “invisível” da presença do sujeito (Morris, 2012). O livro *O impiedoso país das maravilhas e o fim do mundo* de Haruki Murakami (2013), apresenta-nos duas narrativas paralelas: a de um programador cujo “processador” é o seu próprio cérebro e no qual está guardada uma partição com o nome “fim do mundo”; e a história de um jovem homem que chega a uma cidade muralhada onde os habitantes não apresentam emoções uma vez que não têm coração nem sombra. Haruki Murakami consegue fazer um retrato daquilo que é a tensão entre o interior e o exterior, entre o real e o virtual, numa procura pela preservação do *Eu* e da sua identidade.

Por fim, tentaremos definir as principais características do *ensimesmado* e o movimento de curvatura sobre si mesmo, não como um resultado fechado, mas para que possa ser um ponto de partida para uma reflexão sobre a contemporaneidade, as (im)possibilidades de comunicação e as implicações de um tempo cada vez mais fluido e acelerado.

### **Palavras-chave**

Ensimesmado; Identidade; Digital; Vigilância.



## Referências

- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Appadurai, A. (2006). *Fear of the small numbers: an essay on the geography of anger*. Durham: Duke University Press.
- Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. London: Profile Books
- Morris, S. (2012) *Drawing in the Dark: Involuntary Drawing*, in Tate Papers, no.18, Autumn 2012, <https://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/18/drawing-in-the-dark>, accessed 22 February 2019.

## Digital Media Nation: os desafios da cidadania na era da mediatização

Silvia Valencich Frota – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

**Email:** [silviafrota@letras.ulisboa.pt](mailto:silviafrota@letras.ulisboa.pt)

Neste início de século XXI, tornou-se lugar-comum falar sobre o ritmo acelerado e a profundidade das transformações sociais que vivenciamos em nosso cotidiano. A força motriz de tais mudanças é muitas vezes associada ao desenvolvimento das tecnologias digitais e do novo sistema de informação e comunicação que emerge com ele.

A estrutura que dá forma a esse novo sistema é a estrutura em rede, como já apontava Castells ao caracterizar a atual sociedade da informação como sendo uma sociedade organizada em rede: composta por múltiplos nós, dispersos no espaço-tempo, e interligados de diferentes formas.

Nessa sociedade em rede, a noção tradicional de espaço-tempo se transforma. O espaço de lugares passa a coexistir

com o espaço de fluxos, muito mais dinâmico e fluido, onde a “atemporalidade” torna-se cada vez mais frequente. Em tal cenário, o real e o virtual se afirmam em sua complementaridade, contrariando a ideia tão disseminada de oposição entre um suposto mundo real e um suposto mundo virtual, como destaca Castells ao propor a substituição da expressão “realidade virtual” pelo conceito de “virtualidade real”.

Nesse ambiente de múltiplos contatos e trocas, também as pessoas ganham mobilidade, movendo-se ao redor do globo com maior ou menor dificuldade, em consonância com a reflexão de Appadurai sobre a globalização, especialmente na perspectiva do que autor denomina de “ethnoscapes” (lado a lado com os demais: “mediascapes”, “technoscapes”, “financescapes” e “ideoscapes”). A diversidade torna-se, assim, a regra e se intensifica ao ponto de autores, como Blommaert, por exemplo, chamarem nossa atenção para uma “diversificação da diversidade sem precedentes”, representada pelo conceito de superdiversidade.

Ao mesmo tempo em que cria oportunidades, a superdiversidade também agrava muitos dos problemas já existentes, além de promover novos desafios. A concentração de pessoas nas cidades – com a consequente multiplicação de línguas, rostos, culturas, valores, etc. – demanda a criação de formas alternativas de gestão das diferenças e de estratégias de convivência. Daí a importância da comunicação e dos média para equacionar e atacar os problemas que surgem.

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, todo o sistema mediático se transforma. A comunicação de massas passa a conviver e competir com a autocomunicação de massas (Castells), acentuando o caráter pervasivo e ubíquo da comunicação nesta era digital. O conceito de mediatização, nos contornos avançados por Hjar-

vard, torna-se cada vez mais relevante para se refletir sobre o momento atual. Tal conceito implica, não só o reconhecimento dos média como instituição social em nome próprio, mas principalmente a transformação das demais instituições sociais, motivada, pelo menos em parte, pela emergência desse novo sistema mediático.

Ganha, assim, relevância a ideia de literacia mediática como sendo essencial para a vida nas sociedades modernas, com a prevalência do digital e da cultura a ele associada. Mais do que a cultura digital – ou seja, os formatos digitais de manifestação da cultura –, interessa aqui a cultura do digital – ou seja, os novos valores, crenças, modos de vida que surgem simultaneamente como causa e efeito dessas transformações, independentemente do seu formato.

Viver na cidade mediatizada, marcada pela superdiversidade e pela onipresença dos média, demanda a aquisição de novas capacidades para o exercício pleno da cidadania. Essa nova cidadania digital passa, inclusive, pela construção de novas identidades para o cidadão, como alerta Fortier ao propor o conceito de “citizenization”, destacando, assim, o processo de formação (e de imaginação) de um suposto cidadão ideal.

Literacia mediática e cidadania digital, portanto, tornam-se inseparáveis e essenciais para a vida nas sociedades modernas, demandando uma nova agenda de reflexão e pesquisa.

### **Palavras-chave**

Mediatização; Cidadania; Média Digitais; Literacia Digital; Estudos Culturais.

### **Referências**

Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias* (trad. T. Costa). Teorema.

- Blommaert, J. (2010). *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge University Press.
- Castells, M. (2013). *O poder da comunicação* (trad. R. Espanha). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fortier, A.M. (2021). *Uncertain citizenship: life in the waiting room*. Manchester University Press.
- Hjarvard, S. (2013). *The mediatization of culture and society*. Routledge.
- Santaella, L. (2013). *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. Paulus.

### **Cultura da argumentação, media digitais e discurso de ódio**

Rui Alexandre Grácio – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [rgracio@ua.pt](mailto:rgracio@ua.pt)

O presente texto tem um triplo objetivo: 1. Caracterizar o que se entende por «cultura da argumentação». 2. Interrogar se a cultura digital e os media digitais são propícios à argumentação. 3. Mostrar a incompatibilidade entre os discursos de ódio e a interação argumentativa.

Para o primeiro ponto, sintetizaremos algumas linhas do pensamento do fundador na Nova Retórica, Chaïm Perelman e, também, do teórico americano David Zarefsky, sobre a especificidade da argumentação. Evidenciaremos os seguintes aspectos como caracterizadores de uma “cultura da argumentação”: a argumentação é encarada como uma via alternativa à violência; a sua prática implica descartar autoritarismos dogmáticos ou certezas absolutas; nela se privilegia a discutibilidade e nela está pressuposta uma relação de hospitalidade sem a qual a

interação argumentativa deixa de ser possível. Afinal, argumentar implica o confronto com a incerteza e, como salienta Zarefsky (2009), se os argumentadores tendem a achar que têm razão, eles não o sabem ao certo.

Para o segundo ponto perguntaremos se a relação dialogal requerida pela argumentação não fica comprometida quando a comunicação é mediada pelas redes sociais. É certo que as redes sociais permitem possibilidades de comunicação que antes delas não existiam. Mas o deslumbramento que isso pode proporcionar não nos deve impedir de perguntar se esse o tipo de comunicação, embora potenciando a proliferação da circulação dos discursos, não atrofia, todavia, os requisitos empáticos do diálogo. Acresce pensar ainda os efeitos que a velocidade tem sobre a linguagem e interrogar se a proclamada interatividade dos meios tecnológicos não instala regimes de unilateralidade.

Para o terceiro ponto analisaremos um discurso de ódio veiculado nas redes sociais e procuraremos mostrar como a desqualificação radical e insultuosa dos oponentes fecha a possibilidade de seguir a via da interação argumentativa. Aquilo que verificamos no discurso de ódio é justamente o corte como as condições necessárias para que a argumentação ocorra, tal como a ausência dos traços que foram anteriormente apresentadas para caracterizar a cultura da argumentação.

### **Palavras-chave**

Argumentação; Cultura digital; Discursos de ódio; Interação argumentativa.

### **Referências**

- Araújo, A. (2004). *Urgente é a vida*. S. Paulo: Record.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Bauman, Z. & Donskis, L. (2016). *Cegueira Moral. A Perda de Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Lisboa: Relógio de Água.
- Bourdieu, P. (1982). *O que falar quer dizer*. Lisboa: Difel.
- Cosswite, J. (1996). *The rhetoric of reason: writing and the attractions of argument*. London: The University of Wisconsin Press.
- Cosswite, J. (2013). *Deep Rhetoric. Philosophy, Reason, Violence Justice, Wisdom*. Chicago / London.
- Fish, S. (1997) Boutique Multiculturalism, or Why Liberals Are Incapable of Thinking about Hate Speech. *Critical Inquiry*, Vol. 23, No. 2, pp. 378-395.
- Gilbert, M. A. (2022) Multi-Modal 2020: Multi-Modal Argumentation 30 Years Later. *Informal Logic*, Vol. 42, No. 3, pp. 487–506.
- Grácio, R. (2020). *Para onde vais, racionalidade argumentativa?*. Coimbra: Grácio Editor.
- Perelman, Ch. & Olbrechts-Tyteca, L. (1988). *Traité de l'argumentation. La Nouvelle Rhétorique*. Bruxelles: Éd. de L'Université de Bruxelles.
- Perelman, Ch. (1970). *Le Champ de L'Argumentation*. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles.
- Plantin, C. (2010) 'No se trata de convencer, sino de convivir'. L'ère post-persuasion. *Retor*, 1(1), pp. 59-83. Disponível em <http://www.revistaretor.org/articulo-plantin.html>
- Zarefsky, D. (2009) What Does an Argument Culture Look Like?. *Informal Logic*, Vol. 29, No. 3, pp. 296-308.

## PAINEL TEMÁTICO III – MEDIATED REALITY

### Anfiteatro 0.5

**Coordenação:** Diana Gonçalves – Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

In an era of ubiquitous technologies, it is urgent to reflect on their social and cultural impact. This panel aims at discussing

the increasingly digitally mediated contemporary society and analyzing how technologies affect reality – adding to it, subtracting, augmenting, modifying, etc. The four presentations will offer diverse but complementary perspectives on the role of mediation in today's world, focusing especially on visual materials. The papers will address different types and applications of digital technologies and explain how they shape (individual and collective, but also institutional) life. With that in mind, the papers will investigate how the digital necessarily implies change and a readjustment in how we see/experience things, interact with each other, communicate and express ourselves, disseminate and exchange data and information, and, finally, participate in key social, cultural and political practices and processes.

### **All is Mediated: Technology, Images and the Transformation of Human Experience**

Diana Gonçalves – Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

**Email:** [diana.goncalves@ucp.pt](mailto:diana.goncalves@ucp.pt)

The critically acclaimed television series *Black Mirror* (2011-present) is a dystopian sci-fi drama that explores a future dominated and distorted by technology. It reimagines existing technology and, by holding up a mirror to our times, reflects a society falling apart amid anxiety, depression and paranoia.

This paper will depart from an analysis of “The Entire History of You” (episode 1.03) to discuss the contemporary use of technology and the need to constantly record everything. In this episode, an implant records and stores all lived moments and allows people to re-watch their experiences and interactions. As



a result, human memory becomes obsolete: people no longer need to remember or fear forgetfulness, they can simply use the “grain” to recapture the past. This does not come without issues, though. For example, the registered images may not only be revisited but also shared, which raises moral and ethical questions about personal rights and privacy, among others.

This paper proposes that the scenario portrayed in this episode, set in the future, is, in fact, underway. It will discuss the growing use of visual recording devices (digital cameras and cell phones) in everyday life and how they affect and transform human experience, and ultimately change personal and collective behaviors and values.

Nowadays, technology has become such a fundamental part of our way of life and so interwoven into the social and cultural fabric that we all carry it around 24/7. The proliferation of (smart) mobile digital gadgets with expanded capacity and functions, as well as the popularization of social media, have added a new layer to what has been named “screen culture”. In this paper, however, more than focus on the screen and its role as a filter of reality, I would like to hone in on what feeds it: the camera and its omnipresence in today’s time (our present “grain”). I will tackle the emergence of a highly mediated culture – where everything is seen, experienced and felt through some technological medium – and reflect on the consequences of looking at the world through a lens (our own or someone else’s).

Cameras are complex mechanisms that create images, capture them, process them, store them, etc. They are, thus, not a mere transparent glass we put between us and reality; they are neither neutral nor innocent; they offer an interpretation of the world. Furthermore, one should not forget the agency (and agenda) of the person holding the camera, capturing

the images and disseminating them. In our present time, any person is not only a consumer but a potential producer of images (deciding on what to show, how, when and where), hence participating in and contributing to the “spectacle of the real” (King, 2005).

It is my argument that technology, and especially the virtually unlimited capacities of digital technology, impact our understanding of reality. More than ever, reality is (re)mediated (Bolter and Grusin, 2000) and, as such, it is displayed again and again in new and different ways. Bearing this in mind, this paper wishes to answer three questions: 1. What happens when everything is mediated and our knowledge of the world and our memory of events is mostly based on what has been recorded?; 2. What reality is being (re)produced in this age of readily accessible cameras?; and 3. What is our responsibility, as digital citizens, when producing, managing and sharing images so as to not turn them into “black mirrors” of society?

### **Keywords**

Mediation; Technology; Images; Human Experience; Reality.

### **References**

- Bolter, J. D. & Grusin, R. (2000). *Remediation: Understanding new media*. MIT Press.
- Brooker, C. & Jones, A. (Executive Producers). (2011-present). *Black mirror* [TV series]. Netflix.
- King, G. (2005). *The spectacle of the real: From Hollywood to 'reality' TV and beyond*. Intellect.

## Cultures of Connectivity and Violence: Criminal Accounts in the Brazilian Digital Landscape

Eduardo Prado Cardoso – Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

**Email:** [oeduardoprado@gmail.com](mailto:oeduardoprado@gmail.com)

While scholarly production (mainly from Law institutes) has tackled issues of cybercrimes and infringements committed through connected media, much is yet to be discovered when it comes to digitalized accounts of violence and mediatized murders in the age of platforms – in other words, “represented” killings that prosper online deserve a closer look. This paper’s effort, thus, is to map a few criminal cases that entered the public discussion in Brazil, to then debate the implications of producing, consuming and practicing violent imagery and rhetoric via the internet.

In other to avoid simplistic notions about the digital landscapes as lawless, non-hierarchical, free, or simply as inductors of violence, this intervention will argue that digitalized murders in Brazil have been taking place through highly contextual and material conditions, to be discussed in two main segments: 1) the rise of platforms and big techs such as Google and Facebook, which beg for a macro-structural analysis of the economic factors surrounding the production of violent media; 2) the algorithmic, connected practices that involve the murder accounts.

The first point has to acknowledge how the platforms organize business models, issues of authorship and a certain commodification of experiences (Dijck et al., 2018). Also important are clarifications about mediation and gatekeeping when it comes to rendering violence visible – information,

news and artifacts still fall into categories and are constantly being filtered, so if anything, the gatekeeping process is going through major changes, but it is premature to proclaim the end of the authorities that share violent content.

The second point shall offer some relations between the canons of traditional media (film, radio, TV, printed news) and the digitalized crimes observed in the 21st century in Brazil – that is for the impact of modes, styles and genres which persist in society, thanks to linguistic and cultural aspects observed in the country (i.e., the streak of “favela films” in the aughts, magazines exploiting crimes in the 1900s, true crime TV shows in the 1990s). By showing how connectivity cultures (Turkle, 2011) negotiate these past notions of violent realities through a social acceleration (Rosa, 2013), this presentation will also look into algorithmic facets of platforms which condition the digitalized crimes, so that specific modes of producing and consuming stories of true murders can be better understood, held accountable and countered.

### **Keywords**

Connectivity; Crime; Brazil; Platforms; Late modernity.

### **References**

- Dijck, J. van, Poell, T., & Waal, M. (2018). *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford University Press.
- Rosa, H. (2013). *Social acceleration: A new theory of modernity*. Columbia University Press.
- Turkle, S. (2018). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books.
- Wood, M. A. (2018). *Antisocial media: Crime-watching in the internet age*. Palgrave Macmillan.

## Forensic Architecture: New Conditions for the Work of Art

Rodrigo Marcondes – Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

**Email:** [s-rmarcondes@ucp.pt](mailto:s-rmarcondes@ucp.pt)

Internationally acclaimed *Forensic Architecture* (FA) is a multi-disciplinary research agency “investigating human rights violations including violence committed by states, police forces, militaries, and corporations” (FA, n.d.). Working in collaboration with a number of institutions in civil society, the organization performs investigations and proposes — employing diverse technological and discursive devices — the creation of visual narratives “in the service of human rights and environmental investigations and in support of communities exposed to state violence and persecution” (FA, n.d.). Their work makes use of a variety of media formats — film, photography, data analyses, 3D modeling — and has been presented in several stages in the past decade — courtrooms, parliamentary inquiries, international media and exhibitions at cultural institutions.

The present paper is interested in the aesthetic dimension of the work of FA, precisely what makes it possible for it to be presented in cultural institutions such as museums and galleries. I suggest that, as stated by Eyal Weizman & Mathew Fuller (2020), certain types of art have the agency of promoting change. According to that idea, art could do more than expressing problems and showing injustices. Instead, art might be a device to promote transformation by creating narratives to reach large audiences, affecting and destabilizing given situations of oppression, i.e., disrespect for human rights by a particular government. Therefore, in the act of re-construing events and their memories through narratives,

the artist — the investigator, the storyteller — is a potential agent of reformulation of reality.

But questions of this paper concern exactly the normative form of art. 1. What phenomena makes FA's production achieve the status of 'work of art?'; 2. What makes it possible and desirable for cultural institutions to open their galleries to politically engaged narratives such as the ones of FA?

In order to come to terms with the questions stated above, this paper will draw from Ghalya Saadawi's assertion that producers engaged with investigative practices and visual narratives based on (construing) evidence, embody a dimension and form that can operate within institutions and platforms of contemporary art while escaping the inconsistencies and flaws of "said art sphere" (2021).

### **Keywords**

Mediation; Visual Art; Reality; Activism; Mediated Reality.

### **References**

- Forensic Architecture (website), About — Agency, accessed January 22, 2023, <https://forensic-architecture.org/>.
- Fuller, M. & Weizman, E. (2021). *Investigative aesthetics: Conflicts and commons in the politics of truth*. Verso.
- Saadawi, G. (2022). Matthew Fuller and Eyal Weizman, Investigative aesthetics: Conflict and commons in the politics of truth. *Journal of Visual Culture*, 21(1), 238–246. <https://doi.org/10.1177/14704129221097605>
- Steyerl, H. & Lind, M. (Eds.). (2009) *The Greenroom: Reconsidering the documentary and contemporary art #1*. Sternberg Press.

## Call-out Culture: Protesting Museums in a Mediated Reality

Manon Klein – Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

**Email:** [manon\\_klein@hotmail.com](mailto:manon_klein@hotmail.com)

This paper will focus on the rise of an on-site and online protest movement organized from August 2020 against Tate galleries, upon the e-mailed notification of the dismissal of 313 of its employees in the peak of the COVID-19 pandemic. Led by the workers union Tate United, the protest quickly spread on social media and received wide support from other art workers, artists and activists. The militants' actions, which included the creation of the Instagram account @tate\_united and the organization of a digital strike, not only helped to pose a critique of the management in a time of crisis but also reopened and deepened pre-pandemic debates on the culture of the institution, notably in regard to social injustice in the arts. These reflections built up to the construction of a web of resistance noticeably counting the Museums Association's Redundancy Tracker (a website aiming to capture the pandemic's financial impacts on the museum sector across the UK), the Instagram page @d.o.a.u.k (standing for 'Department of Accountability' and publishing British museums' senior management salary data), and polemic publications from the self-called "unprofessional part-time critics" behind The White Pube platform.

Discussing this mobilization, a senior executive at Tate stated: "Everyone is rattled by the online stuff. We're all terrified of being canceled (...) I don't think that existed before" (Fishwick, 2020). As this quote testifies to a shift in the ways institutions are being challenged, I argue that this highly publicized case in the arts is emblematic of call-out or cancel culture. Calling out,



“to publicly name instances or patterns of oppressive behavior and language use by others” (Ahmad, 2015), can be understood within Culture Studies as a concept oscillating between constructive critique, destructive gossip and acts of protest. The purpose of this paper will be to understand how, in our mediated reality, call-out and digital cultures are inextricably linked. It will consequently ask: how did online platforms gain importance in protest culture, pre-and post-pandemic? Are they yet another support of communication or do they constitute a new political space? To answer these questions, this case study will aim at identifying the strategies of call-out culture (both online and offline as well as their repercussions on one another), highlighting its main pillars, namely insurgency, creativity, solidarity, transparency, and accountability. Furthermore, I will confront this phenomenon with its critiques (of clicktivism and slacktivism for instance) and with its detractors, fervent haters of digital activism and ‘wokism’ (Gielen, 2022; Murray, 2019), in order to discuss the extent to which these activist strategies can relate to democratic processes (Weibel, 2013). Since the protests have essentially been unfolding and followed through screens, I plan to undergo this study through an analysis of a selection of social media posts, including publications of digital protest banners, screenshots of articles, memes or testimonial captions and comments.

### **Keywords**

Call-out Culture; Digital Activism; Mediated Reality; Performative Democracy; Pandemic.

### **References**

Ahmad, A. (2015). A Note on Call-Out Culture. *Briarpatch*, March 2, 2015. <https://briarpatchmagazine.com/articles/view/a-note-on-call-out-culture>.

Fishwick, S. (2020). Redundancies, protests and strikes: Inside the fight at London's museums. *Evening Standard*, September 24, 2020. <https://www.standard.co.uk/evening-standard/culture/museums-galleries-redundancy-protest-tate-southbank-royal-academy-jobs-a4555051.html>

Gielen, P. (2022). The power of vulnerability: Art in the digital woke age. *Afterall*, 52.

Murray, D. (2019). *The madness of crowds: Gender, race and identity*. Bloomsbury Publishing.

Weibel, P. (2013). global aCtIVISm. *ZKM Magazine*, May 12, 2013. ZKM | Center for Art and Media Karlsruhe. <https://zkm.de/en/magazine/2013/12/peter-weibel-global-activism>

## 15H45 PAUSA PARA CAFÉ

## 16H00 SESSÕES PARALELAS

### SESSÃO TEMÁTICA IV – LITERATURA, PATRIMÓNIO E CULTURA

#### Anfiteatro 1.3

**Moderação:** Joana Palminha – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

#### Das ruas para a galeria: arte e resistência na exposição Mimo Festival Portugal no Museu Virtual da Lusofonia

Elaine Trindade, Alessandra Nardini – Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

**Email:** [elainetrindade@hotmail.com](mailto:elainetrindade@hotmail.com); [nardini.contato@gmail.com](mailto:nardini.contato@gmail.com)

A partir do pressuposto de que arte e política são dimensões complementares e que a arte já nasce política antes mesmo

de ser artística (Ranciére, 2010, p.46), esta pesquisa tem como objetivo pensar as tensões entre arte, política e cultura da resistência no Museu Virtual da Lusofonia, plataforma que nasce em 2017 no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, e, que, em 2020, é integrada ao *Google Arts and Culture*. Para tal, será utilizada como *corpus* a Coleção Mimo Festival Portugal, composta por fotografias, mapas de imagens advindos da cartografia do *Google Street View* e vídeo produzido pela equipa do Museu Virtual da Lusofonia.

A partir da Coleção Mimo Festival Portugal pode-se pensar a cultura da resistência, em duas frentes: uma, acerca da ocupação socio cultural e consicente dos espaços públicos, como ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de setembro de 2022, na região central do Porto, em que ruas e prédios do centro histórico foram palco de práticas culturais heterogéneas e gratuitas como: música, teatro, poesia, fórum de debates, *video mapping* e intervenções visuais. Entende-se aqui que tais expressões artísticas vinculadas a determinados grupos sociais dão voz às lutas de resistências, práticas culturais e ações micropolíticas (Foucault, 2002).

Numa segunda frente pretende-se pensar a coleção Mimo Festival Portugal, no Museu Virtual da Lusofonia, como extensão desta resistência a nível global, uma vez que o próprio museu se coloca como um espaço de resistência cultural ao propor um engajamento em uma globalização multiculturalista, enquanto modo de resistir à homogeneidade cultural, respeitando os territórios, a variedade cultural e étnica dos povos, numa luta contra a ordenação simbólica do mundo (Bourdieu, 1989) em detrimento de uma globalização cosmopolita, que tem base tecnológico-financeira, capaz de diluir memórias, deslocalizar culturas e desfazer fronteiras (Martins, 2015, p.9-10). É neste

contexto, que o Museu Virtual da Lusofonia se coloca como um território de cooperação artística, cultural e acadêmica, abrangendo o espaço físico e virtual da língua portuguesa e de suas diásporas (estendendo-se a Galiza e a Macau), tendo como missão promover o conhecimento por parte dos países lusófonos das suas inúmeras formas de expressão artística e cultural, reunindo-as, preservando-as e difundindo-as de forma global. (Martins, 2017, p.46-47).

### **Palavras-chave**

Museu Virtual da Lusofonia; Arte e Política; Cultura da Resistência.

### **Referências**

- BOURDIEU, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- FOUCAULT, M. (2002). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Editora Graal. (Organização e Tradução de Roberto Machado).
- MARTINS, M. (2017). *Comunicação da ciência, acesso aberto do conhecimento e repositórios digitais. O futuro das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas*. In: A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – o caso das Ciências da Comunicação. Húmus, p. 19-59. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/51039>. Acesso em: 05 julho 2022.
- MARTINS, M. (2018). *Lusofonias – Reinvenção de comunidades e combate linguístico-cultural*. (p. 7-23). In Martins, M. (EDS.). Lusofonia e Interculturalidade: promessa e travessia. Famação: Editora Húmus.
- RANCIÉRE, J. (2010). Política da arte. *Urdimento – Revista De Estudos Em Artes Cênicas*, 2(15), p. 45-59. <https://doi.org/10.5965/1414573102152010045>

## O uso de redes sociais e os fluxos do desejo: o caso de um escritor idoso português

Francisco Wellington Barbosa Jr, Maria Manuel Baptista – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [franciscowbjr@gmail.com](mailto:franciscowbjr@gmail.com); [mbaptista@ua.pt](mailto:mbaptista@ua.pt)

De acordo com o pensamento deleuzeano, cada indivíduo apresenta desejos, marcados pelos desejos distribuídos pela cultura. E seu corpo é produzido a partir das relações e das tensões entre tais desejos e seus fluxos (Deleuze & Guattari, 2013). Fluxos de desejos agenciados a partir de nossas práticas cotidianas, entre as quais podemos destacar a escrita, que surgiu com a função de transmitir valores de uma cultura às gerações seguintes (Calvet, 2007; Lledó, 1998). Atualmente, esta prática vem sofrendo modificações, uma vez que também passou a ocorrer a partir de plataformas digitais, como blogs, facebook, instagram, configurando-se enquanto espaços que podem contribuir para o agenciamento dos mais variados fluxos de desejos. O que é possível a partir do contato com outras pessoas, de diferentes locais e de forma mais imediatada. Entre os usuários de tais plataformas, vem aumentando o número de idosos que utilizam estas ferramentas – inclusive idosos escritores. Realidade presente em Portugal, país entre aqueles europeus que apresentam os maiores níveis de exclusão, desassistência e violência contra idosos (Diário de Notícias, 2018). Sabendo isso, o presente texto tem como objetivo identificar fluxos do desejo agenciados a partir do uso de redes sociais, no caso de um idoso escritor português, a quem atribuímos o nome Miguel. Orientando-nos a partir deste objetivo, e tomando a abordagem qualitativa como proposta metodológica para este estudo, realizamos entrevistas em profundidade com este escritor e

desenvolvemos um estudo de caso. E para as nossas análises tivemos como auxílio uma revisão narrativa de literatura com base na obra deleuzeana e a técnica da análise temática, o que nos permitiu o desenvolvimento dos seguintes temas a partir de trechos da entrevista: ocupar o tempo; sentir-se útil; obter reconhecimentos externos. Diante destes temas, podemos notar que o uso do tempo livre de Miguel é marcado pela prática da escrita e por seu compartilhamento em redes sociais, agenciando fluxos e potencializando processos de territorialização e desterritorialização frente a discursos hegemônicos da cultura portuguesa sobre os idosos. E nesse compartilhar, o autor se sente útil à sua comunidade, discorrendo sobre questões políticas e sobre a velhice, questionando mais uma vez outro território culturalmente apresentado em relação aos idosos: os idosos enquanto indivíduos inúteis em Portugal. Por fim, Miguel utiliza as redes sociais como uma forma de buscar reconhecimento externo para afirmar-se enquanto indivíduo idoso com coisas importantes a dizer e escrever. Nesse sentido, podemos interpretar tais práticas de Miguel enquanto práticas em que se agenciam diferentes fluxos dos desejos deste escritor. São fluxos que, ao serem liberados, atravessam, entrecortam e possibilitam outros fluxos. Fluxos agenciados em meio às tensões entre desejos presentes na produção e reprodução de discursos, que repetem e desafiam o estabelecido sobre a velhice em nossas culturas.

### **Palavras-chave**

Escrita; Redes sociais; Fluxo; Desejo; Idoso.

### **Referências**

Calvet, L. J. (2007). *Historia de la escritura: de Mesopotamia hasta nuestros días*. Paidós Ibérica.

Deleuze, G. (2013). *Conversações*. Editora 34.

Diário de Notícias (2018). OMS. Portugal é um dos cinco países da Europa que pior trata os idosos. *Diário de Notícias*. 23 fev 2018. <https://www.dn.pt/portugal/portugal-esta-nos-cinco-paises-da-europa-que-pior-trata-os-idosos-estudo-9139937.html>

Lledó, E. (1998). *El silencio de la escritura*. Epublibre.

### **Turismo Literário Virtual e a Democratização da Cultura e do Património**

José Carlos Teixeira – Universidade Portucalense, CITCEM/CETAPS

**Email:** [jose.teixeira@mail.upt.pt](mailto:jose.teixeira@mail.upt.pt)

Ainda que relativamente antigo, o turismo literário é um tipo de turismo que tem vindo a crescer essencialmente desde os anos 80 do século passado. Inserido nos modelos de turismo cultural e de património, este traz um variado leque de oportunidades de produtos e de experiências para o setor turístico – itinerários literários, casas-museus, visitas a bibliotecas, ou até mesmo a criação de hotéis literários são alguns dos exemplos. Ora, com o avanço da tecnologia e numa tentativa de democratizar a cultura, lugares de divulgação cultural e patrimonial do setor literário começaram a usufruir do chamado “turismo virtual”, pelo que várias são as instituições deste mesmo setor que têm vindo ao longo dos últimos anos a proporcionar produtos turísticos virtuais, como visitas guiadas com realidade aumentada.

A tendência apresenta claros impactos positivos para as áreas do turismo, bem como da arte, da cultura e do património, uma vez que permite que se diminuam, ainda que em



pequena escala, barreiras geográficas ou até mesmo socioeconómicas – é, portanto, uma prática que coloca a indústria turística num espectro mais sustentável, inclusivo e diversificado. Poder-se-ão, todavia, apresentar igualmente vários impactos negativos que advêm do turismo literário virtual, uma vez que se poderá falar em práticas que inevitavelmente levam à des-sacralização e até mesmo à comoditização da arte, da cultura e do património através desta digitalização dos mesmos.

Deste modo, e uma vez que o turismo literário, bem como o turismo virtual (e, conseqüentemente, o turismo literário virtual) são áreas relativamente recentes dentro da comunidade académica e, logo, pouco discutidas de modo complexo e analítico, propõe-se com a presente proposta pensar criticamente acerca desta nova tendência. Num primeiro momento, será introduzida uma conceptualização daquilo que representa o turismo literário virtual, bem como as suas tipologias e formas, incluindo-se também aqui exemplos ilustrativos que melhor darão a ver o tipo de produtos experiências que podem ser criados. No segundo momento, dever-se-á pensar acerca das implicações que este tipo de turismo tem, bem como dos impactos (positivos e negativos) que dele resultam, pensando também na forma como este representa (ou não) a democratização da cultura.

### **Palavras-chave**

Turismo Literário; Turismo Virtual; Cultura; Património; Democratização.

### **Referências**

Hoppen, A., Brown, L., & Fyall, A. (2014). Literary tourism: Opportunities and challenges for the marketing and branding of destinations? *Journal of Destination Marketing & Management*, 3(1), 37–47.

- Moro, S., Rita, P., Ramos, P., & Esmerado, J. (2019). Analysing recent augmented and virtual reality developments in tourism. *Journal of Hospitality and Tourism Technology*, 10(4), 571–586.
- Squire, S.J. (1994). The cultural values of literary tourism. *Annals of Tourism Research*, 21(1), 103–120.
- Verma, S., Warriar, L., Bolia, B., & Mehta, S. (2022). Past, present, and future of virtual tourism-a literature review. *International Journal of Information Management Data Insights*, 2(2), 1-15.

### **Narrativas periféricas: histórias em quadrinhos e cultura pós-legítima na perspectiva afrofuturista**

Edmilson Forte Miranda Júnior – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [edmilson.miranda@ua.pt](mailto:edmilson.miranda@ua.pt)

Este trabalho utiliza o conceito de “cultura pós-legítima” de Maigret (2012) para demonstrar expressões de resistência em diálogo direto com a proposta afrofuturista nas histórias em quadrinhos: *Para todos os tipos de vermes* de Kione Ayo e *Shin* de Isaac Santos. Ambos publicados em 2020 pelo projeto social *Narrativas periféricas*, financiado coletivamente pela plataforma on-line *catarse.me*.

Pretende-se demonstrar outra dinâmica de legitimação em curso numa cultura de nicho fomentada pelo financiamento coletivo on-line: autores periféricos são publicados, mas permanecem segregados, na lógica editorial que privilegia publicações de empresas multinacionais. Assim, contraculturas subalternizadas resistem à norma hegemônica que por sua vez também resiste, pois não é completamente subvertida,

gerando um processo de transformação semelhante à condição pós-colonial: em constante conflito.

O conceito de “cultura pós-legítima” (Maigret, 2012) compreende as dimensões contraditórias do processo de emancipação dos quadrinhos, permitindo analisar as obras em seu nicho e a demanda por representatividade social. A noção de “política localizada de diferença” (Tensuan, 2020, p. 146) possibilita explicar o modo como tropos narrativos e códigos visuais de quadrinhos reproduzem padrões e preconceitos ao mesmo tempo em que os desafia. E o conceito de “colonialidade do poder” (Quijano, 2005, p. 136) serve para perceber a imposição de uma estrutura racial de dominação: fundamento para a norma hegemônica que as obras analisadas procuram refutar.

A visão do Afrofuturismo como filtro analítico (Lavender III et al., 2020) e a noção de “Encruzilhada” (Martins, 1997) compõem uma metodologia atenta a epistemologias dentro e fora do cânone acadêmico para estudar os processos inter e transculturais presentes na relação entre culturas de resistência, os temas das obras e seu financiamento coletivo pela internet.

Conclui-se que: os temas e viabilização das obras analisadas, alinhados com o Afrofuturismo, representam a condição pós-legítima dos quadrinhos contemporâneos (Maigret, 2012), pois atuam em duas frentes: ecoando os protocolos que estruturam a vida da classe média moderna e desafiando-os (Tensuan, 2020). Sua publicação é, portanto, o produto de expressões que contestam a norma vigente sem dissolvê-la por completo, implicando num processo de permanente resistência, tanto dos que buscam legitimidade quanto das normas que teimam em se impor.

**Palavras-chave**

Afrofuturismo; Colonialidade do Poder; Cultura de Resistência; Cultura Pós-legítima; Histórias em Quadrinhos.

**Referências**

- Lavender III, I., Yaszek, L., Thomas, S. R., Kilgore, D. W. D., Wis-ker, G., Holden, R., Bould, M., Wheeler, E. A., Dowdall, L., Canavan, G., Winter, J., Barr, M. S., & Moonsamy, N. (2020). *Literary Afrofuturism: in the twenty-first century* (I. Lavender III & L. Yaszek (eds.)). The Ohio State University Press.
- Maigret, É. (2012). Bande dessinée et post-légitimité. Em *La Bande dessinée: une médiaculture* (pp. 130–148). Armand Colin.
- Martins, L. M. (1997). *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. Mazza Edições.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. Em E. Lander (Ed.), & J. C. C. B. Silva (Trad.), *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 227–278). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)
- Tensuan, T. (2020). Difference. Em C. Hatfield & B. Beaty (Eds.), *Comics Studies: a Guidebook* (pp. 138–150). Rutgers University Press. <https://lccn.loc.gov/2019050055>

## SESSÃO TEMÁTICA V - EDUCAÇÃO E CIDADANIA

### Anfiteatro 1.4

**Moderação:** Gabriela Borges – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### Competências críticas para a democratização da cultura digital O Projeto Ending

Ana Margarida Cruz Silva; Clara Sarmiento; Luciana Oliveira – Instituto Politécnico do Porto, Centro de Estudos Interculturais

**Email:** [cei@iscap.ipp.pt](mailto:cei@iscap.ipp.pt)

Na era digital, a Internet oferece oportunidades abundantes para a educação, networking e comunicação intercultural. Contudo, também apresenta perigos, principalmente no que diz respeito à desinformação, à desigualdade e aos abusos de poder junto de populações mais vulneráveis, por razões de género, idade, etnia, nacionalidade, condição socioeconómica, entre outras.

A presente comunicação descreve os resultados e processos do projeto Erasmus+ ENDING, criado para combater os riscos inerentes na omnipresente cultura digital. A desinformação, as *fake news*, os websites de conteúdos nocivos, o cyberbullying, entre muitos outros, representam alguns dos principais fatores de risco do mundo digital. Por carecerem de conhecimentos e experiência no campo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), as crianças são uma das faixas populacionais mais vulneráveis. O acesso geral e democrático a ferramentas e orientações sobre como utilizar as TIC de forma segura, esclarecida e saudável torna-se assim essencial, com vista a uma adequada gestão da informação digital, bem como à identificação e combate à desinformação

e suas desastrosas consequências socioculturais e abusos de poder.

A comunicação abordará também a forma como o projeto tenta combater o abandono escolar precoce por parte dos mais vulneráveis. Existe uma estreita ligação entre abandono escolar e desinformação, cyberbullying e mau uso das TIC. Por isso, é fundamental detetar situações de abuso, uso indevido e dependência, tanto dentro como fora da escola, de modo que os direitos e os deveres de participação social, cultural e política sejam plenamente respeitados, também no mundo digital. A metodologia do projeto ENDING cria uma cultura escolar em que as próprias crianças se identificam enquanto exemplos inspiradores, permitindo que os valores da igualdade e inclusão façam parte da sua vida quotidiana.

Em conclusão, esta comunicação demonstra como o projeto ENDING promove um ambiente propício à expressão, interação e participação digitais, assegurando novas e seguras oportunidades de acesso e inclusão, que sustentam a cultura da democracia também na esfera digital e no ambiente escolar.

### **Palavras-chave**

Literacia Mediática; Inclusão; Poder; Desinformação; Pensamento Crítico; Cultura Digital.

### **Referências**

- ENDING PROJECT. (s.d.). *The project*. <https://endingproject.eu/the-project/>
- Gilbert, P. (2018) 'Human Rights and Power', In: *Human Dignity and Human Rights*, DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198827221.003.0004>
- Grizzle, A., Moore, P., Dezuanni, M., Asthana, S., Wilson, C., Banda, F. & Onumah, C.. (2016). Alfabetização midiática e

informacional: Diretrizes para a formulação de políticas e estratégias. P. Moore, M. Dezuanni et al. Brasília: UNESCO. ISBN: 978-85-7652-214-0

Heinsfeld, B. D., & Pischetola, M. (2017). Cultura digital e educação, uma leitura dos estudos culturais sobre os desafios da contemporaneidade. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 12, 1349–1371. <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.2.10301>

Maia e Carmo, T. (2018) “Comunicação Digital, Educação e Cidadania Global: aproximações”. In MILL, D.; Santiago, G.; Santos, M.; Pino, D. (orgs). *Educação e Tecnologias: reflexões e contribuições teórico-práticas.*, 127-147. SP: Artesanato Educacional.

### **Diseño de un objeto digital de aprendizaje como herramienta metodológica para contextualizar la competencia mediática en la escuela mexicana**

Elizabeth Guadalupe Rojas-Estrada, Universidade de Huelva; Adelaida Flores-Hernández Benemérita; Neptalí Ramírez-Reyes Benemérita, Universidade Autónoma de Puebla, México

**Email:** [elizabethguadalupe.rojas@alu.uhu.es](mailto:elizabethguadalupe.rojas@alu.uhu.es); [adelaida.flores@correo.buap.mx](mailto:adelaida.flores@correo.buap.mx); [neptali.ramirez@correo.buap.mx](mailto:neptali.ramirez@correo.buap.mx)

El objetivo de esta comunicación es presentar el proceso de creación de un objeto digital de aprendizaje que busca contextualizar la competencia mediática a partir del estudio de los procesos de análisis y expresión de las figuras educativas mexicanas –docentes, supervisores escolares, directivos y asesores técnicos pedagógicos– de nivel primaria. Para ello, se ha desarrollado una secuencia formativa que se encuentra alojada en una plataforma virtual, autónoma, accesible e



interactiva, siguiendo el proceso de diseño instruccional del modelo ADDIE: Análisis, Diseño, Desarrollo, Implementación y Evaluación (De-Jesús & Ayala-Ramírez, 2021). La propuesta está integrada por sesenta y nueve actividades, organizadas en ocho dimensiones de la competencia mediática que funcionan como base: Participación ciudadana, acceso y búsqueda de información (Pérez-Rodríguez & Delgado-Ponce, 2012), tecnología, procesos de producción y difusión, ideología y valores, procesos de interacción, lenguajes y estética (Ferrés & Piscitelli, 2012). Los módulos responden a una lógica local-adaptativa y plantean: a) el uso de distintos objetos mediáticos (notas periodísticas, tweets, anuncios publicitarios, escenas de telenovelas, etc.) como vehículos de mediación en el ámbito de análisis; b) la creación de productos de forma individual o colaborativa en el ámbito de expresión; c) la detección de posibles áreas de acción respecto a cada dimensión atendiendo a las condiciones particulares de las comunidades escolares; y d) la evaluación del módulo en términos de accesibilidad y uso, contenidos, experiencia y recomendaciones. El diseño de este objeto digital de aprendizaje se enraíza en el sentido dialógico y comunitario que ha caracterizado a las iniciativas de la interfaz comunicación/educación en América Latina y ofrece a las figuras educativas un instrumento para avanzar en la promoción de la competencia mediática en México.

### **Palabras clave**

Competencia Mediática; Educomunicación; Objeto digital de aprendizaje; Diseño instruccional.

### **Referencias**

De-Jesús, L., & Ayala-Ramírez, S. (2021). Diseño instruccional en ambientes virtuales, basado en el Modelo ADDIE. En

M. Luna., S. Ayala., & P. Rosas-Chávez (coords.). *El diseño instruccional. Elemento clave para la innovación en el aprendizaje: Modelos y Enfoques* (pp.122-147) Astra Ediciones. [https://mta.udg.mx/sites/default/files/adjuntos/el\\_diseño\\_instruccional\\_interactivo.pdf](https://mta.udg.mx/sites/default/files/adjuntos/el_diseño_instruccional_interactivo.pdf)

Ferrés, J., & Piscitelli, A. (2012). La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. *Comunicar*, 19(38), 75-82. <https://doi.org/10.3916/C38-2012-02-08>

Pérez-Rodríguez, M.A., & Delgado-Ponce, A. (2012). De la competencia digital y audiovisual a la competencia mediática: dimensiones e indicadores. *Comunicar*, 20(39), 25-34. <https://doi.org/10.3916/C39-2012-02-02>

### **Confinamentos, pedagogia do lugar e terceiro espaço na educação**

Monica Fantin – Universidade Federal de Santa Catarina

**Email:** [monica.fantin@ufsc.br](mailto:monica.fantin@ufsc.br)

Refletir sobre o cenário atual e construir outras possibilidades educativas para interpretar os desafios do contemporâneo nos leva a ampliar o diálogo com pesquisas que articulam educação, comunicação, arte, ciência e filosofia e arquitetura, para discutir itinerários formativos além da sala de aula. Ao aproximar as noções de pedagogia de lugar e terceiro espaço para pensar espaços educativos híbridos de forma simbólica e física, fundamentamo-nos na ecologia dos saberes, das mídias e na sociomaterialidade, tendo a ideia de constelações como estratégia de pensamento para dar sentido às referências e experiências no movimento do aprender. A instabilidade da pandemia com seus confinamentos nos levou a propostas educativas que articulem nossa vida onlife (Floridi, 2017)

com os instrumentos e dispositivos dos contextos e sistemas de relação que fazem parte do nosso cotidiano para criar contextos de aprendizagem que permitam conhecer/descobrir o território e ocupar os espaços públicos da cidade, como pertencimento e experiências educacionais integradas à natureza e ao patrimônio histórico e cultural na perspectiva do terceiro espaço (Potter&McDougall, 2017), do hibridismo (Bhaba, 1990) e dos espaços híbridos de aprendizagem (Careri, 2017, Jove, 2021, Fantin, 2021). Ao refletir como o digital tem colonizado nossa vida, tornando-a também digital (Rivoltella, 2020), reafirmamos a importância da liberdade de escolha para ir além da máquina e sem abrir mão dela, com propostas educativas que articulam projetos de formação humana éticos, unindo políticas verdes (economia *green*) e azuis (economia e cultura digital). A pedagogia do lugar (Kitchens, 2009) conecta o currículo à vida cotidiana dos alunos focalizando a identidade, autoformação e também a formação social e as relações entre os dois, além de possibilitar uma escuta ao quê os lugares têm a nos dizer, para decodificar o mundo política, social, histórica e esteticamente. O diálogo situado na cultura, na linguagem, na política e na vida de estudantes e professores permite transcender e ampliar a experiência subjetiva e particular e conectar escolas e universidades com espaços públicos da cidade, centros e periferias, museus e diversos espaços de arte e cultura no território. Nesse sentido, discutir o terceiro espaço e os espaços híbridos na educação sugere repensar a formação em uma nova dimensão ética, estética, política, cultural e urbana como uma mudança de paradigma epistemológico que se constrói nos cruzamentos de fronteiras entre universidades, escolas e outros espaços, bem como nos múltiplos discursos que construímos, potencializados pela cultura digital, para dar sentido ao mundo.

**Palavras-chave**

Terceiro espaço; Espaços híbridos; Cultura; Educação.

**Referências**

- Bhabha, H. (1990). The third Space. Interview with Homi Bhabha. In Rutrherford, J. *Identity: Community, Culture, Difference*. Lawrence and Wishart.
- Careri, F. (2017). *Caminhar e parar*. Gustavo Gilli.
- Fantin, M. (2021). *Itinerários e paisagens formativas [híbridas]: entre o terceiro espaço e a estética do caminhar*. UFSC.
- Floridi, L. (2017). *La quarta rivoluzione: come l'infosfera sta trasformando il mondo*. Raffaello Cortina.
- Jové, G. (2021). Pupitres a la intempèrie: Como las restricciones em el contexto pandemico han condicionado el processo de creación em la formación docente? *Revista GEARTE*, 8(3), 754-773.
- Kitchens, J. (2009). Situated Pedagogy and the Situationist International: Countering a Pedagogy of Placelessness. *Educational Studies*, 45, 240-261
- Potter, J., McDougall, J. (2017). *Digital Media, Culture & Education. Theorising Third Space Literacies*. Palgrave Macmillan.
- Rivoltella, P. C. (2020). *Nuovi alfabeti. Educazione e culture nella società post-mediale*. Scholé.

## SESSÃO TEMÁTICA VI – CULTURA E INVESTIGAÇÃO

### Anfiteatro 0.5

**Moderação:** Ana Clara Santos – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### A xenofobia sob investigação em produções acadêmicas brasileiras e portuguesas disponíveis em repositórios on-line

Carlos Alberto de Carvalho – Universidade Federal de Minas Gerais

**Email:** [carloscarvalho0209@gmail.com](mailto:carloscarvalho0209@gmail.com)

O objetivo do estudo consiste em avaliações quantitativas e qualitativas de produções acadêmicas que investigaram a xenofobia e temas correlatos a partir de investigações nas áreas das ciências da comunicação e que estão disponíveis para consulta aberta em repositórios on-line brasileiros e portugueses. No Brasil foram consultados o Portal de Periódicos da Capes e as bibliotecas digitais da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo). Em Portugal foram consultados o RepositoriUM, repositório institucional de publicações científicas da Universidade do Minho, que contém uma coleção da produção científica do Centro de Estudo de Comunicação e Sociedade, a Biblioteca Online de Ciência da Comunicação, da Universidade da Beira Interior, e a biblioteca digital da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom).

Considera-se que os repositórios acadêmicos on-line de acesso aberto constituem espaços estratégicos para divulgação

de artigos científicos, dissertações e teses às comunidades acadêmicas e científicas, assim como para o público em geral, atuando na comunicação pública das ciências (Shintaku e Vidotti, 2016). As áreas das ciências da comunicação, que abrangem pesquisas em jornalismo, cinema, publicidade e propaganda, relações públicas, internet, culturas digitais, plataformas sociais e outras, têm se beneficiado das possibilidades oferecidas pelos repositórios para expansão dos públicos que tomam contato com suas produções acadêmicas.

A xenofobia, que constitui um dos grandes desafios contemporâneos para os direitos humanos, ainda que possa ser definida, em termos gerais, como a recusa e o preconceito contra o estrangeiro (Albuquerque Jr., 2016), é uma realidade mais complexa. Além de promover exclusões e hierarquias que pressupõem superioridade de algumas pessoas relativamente a outras, a xenofobia está intimamente associada ao racismo (Cabecinhas, 2008), ao sexismo, à homofobia e a outras estratégias de desumanização. No século XXI o agravamento da xenofobia também se verifica a partir da ascensão da extrema-direita (Ribeiro e Pereira, 2019), fenômeno político que ameaça a vida democrática em diversos países espalhados por diferentes regiões da terra.

A coleta de dados, que se encontra em fase de análise preliminar, revelou que a xenofobia não necessariamente é abordada diretamente nos artigos, dissertações e teses coletados, podendo aparecer a partir de temáticas que lhe são afins. Assim, verifica-se que são trabalhados temas como migrações, exílio, refúgio, movimentos migratórios e outras deslocamentos motivadas por razões diversas, como perseguições políticas ou religiosas, fuga de guerras e da fome, devastações ambientais produzidas pelos homens, desastres naturais, dentre outras mazelas.

**Palavras-chave**

Xenofobia; Produções acadêmicas; Repositórios on-line; Acesso aberto.

**Referências**

- ALBUQUERQUE JR., D. M. (2016). *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. São Paulo: Cortez.
- CABECINHAS, R. (2008). Racismo e xenofobia: a actualidade de uma velha questão. *Comunicación e Cidadanía*, n. 2, p. 163-182.
- RIBEIRO, J. & PEREIRA, T. A. C. (2019). Discurso anti-imigrante e emergência de “nova direita” na crise do contemporâneo político. *Heterotópica*, v. 1; n. 2, jul.-dez. p. 33-57.
- SHINTAKU, M. & VIDOTTI, S. A. B. G. (2016). Bibliotecas e repositórios no processo de publicação digital. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 30, n.1.

**Gestão Estratégica da Cultura e Tendências: As possibilidades e os entraves a uma análise estratégica nos Estudos de Cultura**

Nelson Pinheiro Gomes – Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Anglísticos

**Email:** [nelsonpinheiro@campus.ul.pt](mailto:nelsonpinheiro@campus.ul.pt)

A Gestão Estratégica da Cultura coloca perspectivas de análise cultural ao serviço de exercícios estratégicos de foro empresarial, político e/ou social. Os Estudos de Tendências (Gomes et al., 2021a; Gomes et al., 2021b) são uma das abordagens num contexto complexo de gestão estratégica da cultura que conta com outras como o branding e a estratégia culturais. Nesta comunicação começamos por abordar (1) a natureza

e o papel dos Estudos de Tendências como uma abordagem conceptual-metodológica que procura compreender mudanças (Powers, 2019; Kongsholm and Frederiksen, 2018; Dragt, 2017; Cramer et al., 2016; Raymond, 2010) em artefactos, práticas e mentalidades e identificar padrões em comportamento; bem como (2) o branding e a estratégia culturais (Holt e Cameron, 2010; Heding et al., 2009; Holt, 2004) que, em sintonia com o conceito de Chief Culture Officer (McCracken, 2009), oferecem protocolos para observar a cultura como um repertório de informação, através do mapeamento de padrões de mudanças em diversos objetos (práticas, representações e artefactos), para orientar práticas estratégicas ao nível criativo, empresarial e social. Pretendemos contextualizar a natureza desta Gestão Estratégica da Cultura para logo a problematizar no contexto dos Estudos de Cultura. Considerando que as diferentes tradições, incluindo os Estudos Culturais britânicos, tinham objetivos e contextos muito específicos de ação e de promoção da mudança social, como posicionar esta Gestão Estratégica da Cultura? Qual é o contributo que a mesma pode trazer para práticas sustentáveis, pertinentes e em linha com os recentes movimentos de mudança? O caminho trilhado por autores como Williams (1965) e Hall (1997) contribuiu para o quadro desta meta-disciplina e ajuda agora a apontar caminhos para enquadrar e motivar uma análise cultural com propósitos estratégicos.

### **Palavras-chave**

Análise Cultural; Estratégia; Tendências.

### **Referências**

Dragt, E. (2017). *How to Research Trends*. Amsterdam: BIS Publishers.



- Gomes, N. P.; Cohen, S.; Cantú, W.; Lopes, C. (2021). "Roteiros e modelos para a identificação de tendências socioculturais e a sua aplicação estratégica em produtos e serviços". *Moda Palavra*, 14(32), pp. 228-272.
- Gomes, Nelson P., Clarissa Alves Lopes, William A. Cantú, Gilberto Prado (2021). "Análise Estratégica de Tendências Socioculturais: uma triangulação de métodos científicos" in *DAT Journal*, v.6, nº1, pp. 213-228.
- Hall, S. (Ed.) (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Walton Hall: The Open University.
- Heding, T.; Knudtzen, C.F. & Bjerre, M. (2009). *Brand Management: Research, theory and Practice*. New York: Routledge.
- Holt, D., Cameron, D. (2010). *Cultural Strategy—Using Innovative Ideologies to Build Breakthrough Brands*. Oxford Press: Oxford.
- Holt, D. (2004). *How Brands Become Icons: The Principles of Cultural Branding*. Harvard Business School Press: Boston.
- Kongsholm, L. & Frederiksen, C. (2018). *Trend Sociology v. 2.0*. Herning: Pej Gruppen.
- MckCracken, G. (2011). *Chief Culture Officer – How to create a living, breathing corporation*. New York: Basic Books.
- Powers, D. (2019). *On Trend – The business of Forecasting the Future*. Chicago: University of Illinois Press.
- Raymond, M. (2010). *The Trend Forecaster's Handbook*. London: Lawrence King.
- Williams, R. (1965) [1961]. *The Long Revolution*. London: Penguin Books.

## A análise cultural enquanto experiência pedagógica: contributos estratégicos e metodológicos para a gestão de tendências

William Afonso Cantú – Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Anglisticos, Centro de Estudos em Educação e Inovação

**Email:** [nelsonpinheiro@campus.ul.pt](mailto:nelsonpinheiro@campus.ul.pt)

A Gestão Estratégica da Cultura coloca perspetivas de análise cultural ao serviço de exercícios estratégicos de foro empresarial, político e/ou social. Os Estudos de Tendências (Gomes et al., 2021a; Gomes et al., 2021b) são uma das abordagens num contexto complexo de gestão estratégica da cultura que conta com outras como o branding e a estratégia culturais. Nesta comunicação começamos por abordar (1) a natureza e o papel dos Estudos de Tendências como uma abordagem conceptual-metodológica que procura compreender mudanças (Powers, 2019; Kongsholm and Frederiksen, 2018; Dragt, 2017; Cramer et al., 2016; Raymond, 2010) em artefactos, práticas e mentalidades e identificar padrões em comportamento; bem como (2) o branding e a estratégia culturais (Holt e Cameron, 2010; Heding et al., 2009; Holt, 2004) que, em sintonia com o conceito de Chief Culture Officer (McCracken, 2009), oferecem protocolos para observar a cultura como um repertório de informação, através do mapeamento de padrões de mudanças em diversos objetos (práticas, representações e artefactos), para orientar práticas estratégicas ao nível criativo, empresarial e social. Pretendemos contextualizar a natureza desta Gestão Estratégica da Cultura para logo a problematizar no contexto dos Estudos de Cultura. Considerando que as diferentes tradições, incluindo os Estudos Culturais britânicos, tinham objetivos e contextos muito específicos de ação e de

promoção da mudança social, como posicionar esta Gestão Estratégica da Cultura? Qual é o contributo que a mesma pode trazer para práticas sustentáveis, pertinentes e em linha com os recentes movimentos de mudança? O caminho trilhado por autores como Williams (1965) e Hall (1997) contribuiu para o quadro desta meta-disciplina e ajuda agora a apontar caminhos para enquadrar e motivar uma análise cultural com propósitos estratégicos.

### **Palavras-chave**

Análise Cultural; Estratégia; Tendências.

### **Referências**

- Dragt, E. (2017). *How to Research Trends*. Amsterdam: BIS Publishers.
- Gomes, N. P.; Cohen, S.; Cantú, W.; Lopes, C. (2021). "Roteiros e modelos para a identificação de tendências socioculturais e a sua aplicação estratégica em produtos e serviços". *Moda Palavra*, 14(32), pp. 228-272.
- Gomes, N. P., Lopes, C.A. & Cantú, W.A. & Prado, G. (2021). "Análise Estratégica de Tendências Socioculturais: uma triangulação de métodos científicos" in *DAT Journal*, v.6, nº1, pp. 213-228.
- Hall, S. (Ed.) (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Walton Hall: The Open University.
- Heding, T.; Knudtzen, C.F. & Bjerre, M. (2009). *Brand Management: Research, theory and Practice*. New York: Routledge.
- Holt, D. & Cameron, D. (2010). *Cultural Strategy – Using Innovative Ideologies to Build Breakthrough Brands*. Oxford Press: Oxford.
- Holt, D. (2004). *How Brands Become Icons: The Principles of Cultural Branding*. Harvard Business School Press: Boston.

- Kongsholm, L. & Frederiksen, C. (2018). *Trend Sociology v. 2.0*. Herning: Pej Gruppen.
- MckCracken, G. (2011). *Chief Culture Officer – How to create a living, breathing corporation*. New York: Basic Books.
- Powers, D. (2019). *On Trend – The business of Forecasting the Future*. Chicago: University of Illinois Press.
- Raymond, M. (2010). *The Trend Forecaster's Handbook*. London: Lawrence King.
- Williams, R. (1965) [1961]. *The Long Revolution*. London: Penguin Books.

## 17H00 APRESENTAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

### Anfiteatro 1.4

**Moderação:** Mirian Tavares – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### As revistas académicas mundiais de excelência na área dos Estudos Culturais: Comunicar como modelo

Ignacio Aguaded – Universidade de Huelva

Professor Catedrático do Departamento de Educação da Universidade de Huelva (Espanha). Presidente do Grupo Comunicar, coletivo veterano na Espanha em Educomunicação, e Editor-Chefe da renomada revista científica 'Comunicar' (indexada no JCR-Q1, Scopus-Q1, top 1% mundial...). É Investigador Principal (PI) do Grupo de Pesquisa 'Ágora', com múltiplas investigações nacionais e internacionais. Orientou centenas de trabalhos de pesquisa e 45 teses de doutorado. É Diretor do Mestrado Internacional Interuniversitário em Comunicação e Educação Audiovisual (UNIA/UHU) e Coordenador do Programa Interuniversitário de Doutoramento em Comunicação (EUA, UMA, UCA e UHU). Presidente-fundador da Rede Euro-

-Americana de Investigação em competência Mediática para a Cidadania 'Alfamed', formada por 19 países. Prêmio de Melhor Pesquisador da Universidade de Huelva 2015 e Prêmio Ibero-Americano de Comunicação (ASICOM). Foi Vice-Reitor de Tecnologias, Inovação e Qualidade da Universidade de Huelva por mais de 7 anos.

A excelência da investigação na área dos Estudos Culturais está directamente ligada à publicação em revistas de qualidade nesta área nas bases de dados mais importantes a nível mundial: Web of Science e Scopus. Esta última indexação tem um campo específico de Estudos Culturais confirmado por 1.200 revistas de todo o mundo, sobre uma grande variedade de temas. Identificá-las e consultá-las é uma tarefa básica para qualquer investigador na área, não só para lê-las, mas também para rever e candidatar-se à publicação.

**Apresentação do livro Baptista, M. M.; Grácio, R. A.; Almeida, A. (Org.) (2022). *Estudos Culturais em Portugal: cartografias, desafios e possibilidades*. Coimbra: Grácio Editor**

Rui Alexandre Grácio – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

Originada no 1.º Congresso da Rede de Estudos Culturais (RNEC), subordinado ao tema *Cartografias, Desafios e Possibilidades*, realizado nos dias 25, 26 e 27 de maio de 2022 na Universidade de Aveiro, a publicação *Estudos Culturais em Portugal: cartografias, desafios e possibilidades*, reúne contributos de muitos dos participantes nesse evento.

Importa lembrar que o duplo objetivo deste primeiro congresso da RNEC foi, por um lado, realizar o mapeamento da área em Portugal, procurando potenciar o seu desenvolvimento

interdisciplinar e interinstitucional, através de parcerias em projetos e entre centros de investigação e, por outro, teve como meta última afirmar a vitalidade da área e reforçar a Rede Nacional em Estudos Culturais.

Assim, para além dos relatos e das informações que os vários colaboradores deste livro apresentam sobre as instituições em que estão inseridos, pondo em evidência as múltiplas possibilidades e direções investigativas que os Estudos Culturais assumem no contexto português, há um denominador comum, ou uma *keyword* que, de uma ou de outra forma, atravessa todas as contribuições. Essa palavra de ordem é «interdisciplinaridade» e surge como uma marca epistemológica dos próprios Estudos Culturais.

Talvez importe, a partir dessa constatação, perguntar sobre o que insta a proclamar tão unanimemente a interdisciplinaridade como característica dos Estudos Culturais. Talvez valha a pena interrogar sobre porque é que se atribuem certos perigos e certas virtudes à interdisciplinaridade, numa ambivalência que persiste; em suma, será interessante tentar perceber para que caminho aponta esta necessidade de criar alternativas a um certo monolitismo disciplinar que, em termos das tematizações das dinâmicas culturais, se revela notoriamente insuficiente. Sobre este tema o leitor poderá certamente deparar-se neste livro com diversas visões e, além do mais, poderá encontrar, no presente volume uma visão panorâmica elucidativa dos Estudos Culturais em Portugal.

**Apresentação do livro Borges, G.; Sigiliano, D.; Ramos, E.; Garcia, J.; Vieira, L.; Furtuoso, G.; Soares, M.; Santos, N. (2022) *A qualidade e a competência midiática na ficção seriada contemporânea no Brasil e em Portugal*. Coimbra: Gracio Editor**

Gabriela Borges – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

O livro apresenta os resultados do projeto de investigação “Estudo sobre as relações entre a qualidade audiovisual e a competência midiática na ficção seriada lusófona (2010/2020)” desenvolvido pelos investigadores do Observatório da Qualidade no Audiovisual entre 2016 e 2021, cuja proposta teórico-metodológica foi finalizada durante o estágio de pós-doutoramento da coordenadora no CIAC/UAlg em 2019-20. O projeto teve como objetivo analisar as séries brasileiras e portuguesas produzidas entre 2010 e 2020 com o intuito de promover a discussão sobre a interrelação entre as características intrínsecas à criação, à circulação e à experiência estética do público a partir do estudo dos conceitos de qualidade no audiovisual e competência midiática.

A proposta teórico-metodológica foi assim testada na análise de todo o processo comunicativo das séries *Assédio* (Globoplay, 2018), *Coisa mais Linda* (Netflix, 2019-2020), *Todxs Nós* (HBO, 2020) e *#CasadoCais* (RTP, 2018-2020), englobando desde a análise audiovisual até a coleta e análise das ações de transmídiação e da conversação nas redes sociais Facebook, Instagram, YouTube e Twitter. Foram definidos parâmetros de qualidade para a análise da criação e da circulação, os quais foram colocados em diálogo com a experiência estética, entendida por meio da análise crítica e da produção criativa, e discutida através das dimensões da competência midiática.

Sendo assim, nosso principal interesse é atualizar os estudos sobre a qualidade no audiovisual, integrando a discussão sobre a circulação e a experiência estética na análise das séries ficcionais, sob o prisma das discussões sobre a competência midiática, a partir das novas configurações que estão presentes na cultura digital. Argumentamos que a qualidade da experiência estética está intimamente ligada à competência midiática, uma vez que esta possibilita um aprofundamento da própria experiência, considerando tanto a fruição audiovisual quanto a produção criativa de conteúdos, que se mostra das mais diversas formas nas redes sociais, especialmente no Twitter.

## 20H30 JANTAR CONVÍVIO TERTÚLIA ALGARVIA



A photograph of a server room aisle. The walls are made of perforated metal, and the floor is covered in server racks. The scene is illuminated with blue and red light trails, suggesting motion or data flow. The text "DIA 28 DE ABRIL" is overlaid in the center.

**DIA 28 DE ABRIL**

**9H00 ASSEMBLÉIA RNEC****10H45 MESA REDONDA – ESTUDOS CULTURAIS EM DEBATE****Anfiteatro 1.4**

**Moderação:** Fernando Alberto Torres Moreira – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade

**10H45 POLÍTICA CIENTÍFICA E LÍNGUAS DE CIÊNCIA**

Moisés de Lemos Martins – Universidade Lusófona do Porto

**Email:** [moiseslmartins@gmail.com](mailto:moiseslmartins@gmail.com)

Professor Catedrático na Universidade do Minho durante décadas. Actualmente é Professor na Universidade Lusófona, no Centro Universitário do Porto, onde é Director da Faculdade de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação. Foi na Universidade do Minho o director do Centro de Investigação em Comunicação e Sociedade, que fundou em 2001. Na Universidade foi também fundador e antigo editor das revistas Comunicação e Sociedade, Lusophone Journal of Cultural Studies, e Vista. É doutorado pela Universidade de Estrasburgo em Ciências Sociais (Sociologia).

Publicou na área de Sociologia da Cultura, Semiótica Social, Sociologia de Comunicação, Semiótica Visual, Comunicação Intercultural, Políticas Científicas, e Estudos Lusófonos. Dirigiu durante dez anos o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Foi presidente da Sopcom – Associação Portuguesa de Comunicação Ciências, de 2005 a 2015; Lusocom – Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação, de 2011 a

2015; e Confibercom – Ibero-American Confederação das Associações de Comunicação Científica e Académica, de 2012 a 2015.

Entre as suas principais publicações encontram-se: *Pensar Portugal – A Modernidade de um País Antigo* [To Think Portugal: The Modernity of a Ancient Country], 2021; *Crise no Castelo da Cultura – Das Estrelas para os Ecrãs*; *A Linguagem, a Verdade e o Poder – Ensaio de Semiótica Social*, 2017, 2011; *Para uma Inversa Navegação – O Discurso da Identidade*, 1996; *O Olho de Deus no Discurso Salazarista*, 2016, 1990; *Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia*, 2015; em co-autoria com Pedro Andrade, *Handbook of Research on Urban Tourism, Viral Society, and the Impact of the COVID-19 Pandemic*. EUA: IGI Global, 2022; e com Michel Maffesoli, *Imaginaire des Médias, Sociétés*, n. 111 (Paris, Sorbonne), 2011. Em 2016, a Universidade do Minho atribuiu-lhe o Prémio de Mérito Científico, e em 2021, a Universidade de Santiago de Compostela, a Insígnia de Ouro.

A minha proposta interroga a política científica no seu cruzamento com a lusofonia, ou seja, com um sonho de cooperação académica que tenha a língua portuguesa como seu suporte. Um tal sonho compreende uma comunidade de culturas, de pensamento e de conhecimento. E o que, especificamente, me proponho debater aqui é a língua portuguesa como língua de ciência. O exercício a que me entrego estende-se pelos últimos 15 anos da política científica em Portugal, um intervalo de tempo que atravessa vários governos constitucionais, uns de centro direita, outros de centro esquerda. Faço-o a partir de estudos de caso, que por um lado escrutinam avaliações feitas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) a centros de investigação de Ciências Sociais e Humanas, e que, por outro lado, analisam

os recorrentes concursos da FCT para “projetos de investigação em todas as áreas científicas”.

## 11H15 ESTUDOS CULTURAIS EM PORTUGAL: ENCRUZILHADAS E LABIRINTOS

Maria Manuel Baptista – Universidade de Aveiro

Professora Catedrática no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, com Agregação em Estudos Culturais, pela Universidade do Minho (2013). Nestes 5 últimos anos tem-se dedicado à internacionalização do campo dos Estudos Culturais a partir de Portugal, fundando, em 2020, a Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC) e da Rede Nacional em Estudos Culturais (RNEC), das quais é Presidente e representa a Universidade de Aveiro como instituição fundadora. É Presidente da IRENNE – Associação de Investigação, Prevenção e Combate à Violência e Exclusão. É coordenadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro. Tem-se debruçado, com especial ênfase e produtividade, sobre questões que, no cerne dos Estudos Culturais, acionam campos teóricos como os Estudos de Género, Decoloniais, Pós-colonialismo e o Turismo.

Na presente comunicação procurarei traçar a ‘pré-história’ dos Estudos Culturais em Portugal e, a partir dos anos 2000 discutir as diferenças entre Cultura, Ciências da Cultura, Estudos da Cultura e Estudos Culturais. Debruçar-me-ei, em particular, sobre o modo como o ensino superior português tem, já no século XXI, feito opções teóricas, epistemológicas e metodológicas em torno deste campo do conhecimento, discutindo quais os ‘labirintos’ que tem percorrido e as encruzilhadas em que se encontra no momento presente.

## 11H45 **DESCOLONIZAR NA SEMIPERIFERIA: O CASO DOS ESTUDOS ANGLÍSTICOS**

Ana Cristina Mendes – Universidade de Lisboa

Ana Cristina Mendes é Professora Associada no Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. As suas áreas de especialização são os estudos culturais, estudos pós-coloniais, estudos de adaptação e cultura visual, com destaque para as dimensões pós-coloniais do vitorianismo e do neovitorianismo. É Presidente da ACS-Association for Cultural Studies (2022-2026).

Descolonizar currículos em universidades europeias, instituições de ensino superior construídas sobre pressupostos de universalismo epistémico, é uma tarefa multifacetada e desafiadora. O projeto-prática de descolonização epistémica é especialmente complexo na sala de aula, requerendo um exame crítico, autorreflexivo, do conhecimento que produzimos e ensinamos, das condições em que temos acesso ao conhecimento e das formas como o compartilhamos com os outros. Com base na investigação publicada no livro *Decolonising English Studies from the Semi-periphery* (Palgrave, 2023), esta intervenção começará por refletir sobre o nosso lugar de enunciação teórica, à luz dos contributos teóricos decoloniais de Walter D. Mignolo e Ramón Grosfoguel. Seguir-se-á um levantamento sucinto das origens históricas e políticas da ideia de descolonizar a universidade até à sua manifestação mais visível no movimento de protesto Rhodes Must Fall na Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, em 2015, e as ramificações deste movimento em várias universidades anglófonas. Partindo do pressuposto de que os contextos



geopolíticos específicos devem ser considerados na resposta aos apelos globais para descolonizar a universidade, esta apresentação ressaltará a perspectiva crítica única que advém de investigar e ensinar Estudos Anglisticos em Portugal, um país do sul da Europa que ocupa uma posição semiperiférica no sistema-mundo.

**12H15** DEBATE

**12H30** PAUSA PARA ALMOÇO

**14H00** SESSÕES PARALELAS

## **PAINEL TEMÁTICO IV - DIREITOS HUMANOS E CORRENTES DE INTOLERÂNCIA**

### **Anfiteatro 1.4**

**Coordenação:** José Eduardo Franco – Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais

O painel intitulado *Direitos Humanos e Correntes de Intolerância* enquadra-se na reflexão visada pelo II Congresso da Rede Nacional de Estudos Culturais, dedicado à “Cidadania Digital e Culturas do Contemporâneo”, particularmente na linha de reflexão da “cultura de resistência” e “Direitos Humanos”.

Num tempo histórico de grande reivindicação de direitos, e de mediatização das relações sociais, a “Cidadania Digital” assume protagonismo no palco da cultura contemporânea. A globalização amplia o desafio lançado aos indivíduos e às instituições: pensar e integrar os direitos humanos em práticas inclusivas. Admitido este panorama, o painel propõe-se, no intercâmbio das três comunicações que o compõem, apresentar raízes históricas da defesa dos direitos humanos em

face de distintas correntes de intolerância, refletindo sobre a cultura de resistência e combate a diferentes estereótipos ou mitos, antigos e modernos.

### **Culturas em Negativo: mitos e estereótipos. Para a construção de um observatório da Intolerância**

José Eduardo Franco, Cristiana Lucas Silva – Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais

**Email:** [eduardo.franco@uab.pt](mailto:eduardo.franco@uab.pt); [cristiana.silva@uab.pt](mailto:cristiana.silva@uab.pt)

Este projeto terá como trabalho estruturante a recolha e análise crítica das correntes e discursos centrados na perceção negativa do Outro a partir de fontes documentais da cultura portuguesa pautadas por manifestações de intolerância política, religiosa e étnica, numa perspetiva histórica considerada na longa duração, constitui o primeiro estágio da construção de um observatório da intolerância. Contrapondo as perspetivas dominantes a uma visão inclusiva e dialógica que atende à perspetiva do Outro, entendido como o inimigo (Eco, 2011), este observatório (ObservAntis) constituirá uma alternativa àquilo a que podemos chamar de “cultura positiva”, ou seja, à visão afirmativa da história oficial hegemónica, partindo do princípio de que o negativo também faz história e, como tal, faz parte do processo de construção identitária (Hartog, 2014). O estudo das manifestações de intolerância permitirá entender até que ponto as diferenças foram demonizadas e como essa demonização está inscrita na mentalidade e apresentar a leitura da história a partir da sua imagem “negativa”, se usarmos uma metáfora fotográfica. Partindo do questionamento de como se processa a desvalorização e demonização de um grupo, *lato sensu*, numa perspetiva trans-

temporal, o ObservAntis permitirá explorar os mecanismos ideológico-discursivos da cultura dominante (hegemônica), compreender a importância do estudo do negativo, como forma de complexificar os níveis de produção cultural e focalizar o papel da parte marginalizada da História, contribuir para a desconstrução de estereótipos e visões simplificadas da História, abrir caminho para um conhecimento completo e para a visibilidade social do Outro, contribuindo para o reconhecimento e para o respeito da diferença e perceber de que forma e por que razão as manifestações de intolerância têm sido potenciadas pelo fenómeno de globalização. Metodologicamente, a perscrutação dos discursos em que o Outro é visado pretende estabelecer os grandes temas e linhas de estudo para entender como esses discursos anti são gerados, alterados, atualizados, instrumentalizados e interrelacionados. Ao traçar essas construções complexas, pretendemos identificar e sistematizar contradições e percepções essenciais que levam à construção da identidade cultural e histórica. A nossa proposta procura responder às recomendações da Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância, no seu relatório sobre Portugal, publicado em 2 de outubro de 2018 (ECRI, 2018), com vista ao reforço de uma educação para os Direitos Humanos, à sensibilização para questões ligadas à discriminação, à erradicação dos discursos de ódio e à criação de instrumentos de prevenção contra o ressurgimento de fenómenos de intolerância.

### **Palavras-chave**

Intolerância; Alteridade; Estereotipia; Exclusão; Imagologia.

### **Referências**



- Eco, U. (2012). *Inventing the Enemy*. Boston, New York: Houghton Mifflin Harcourt.
- European Commission against Racism and Intolerance (2018). Report on Portugal. <https://rm.coe.int/fifth-report-on-portugal/16808de7da>
- Franco, J. (dir.) (2018). *Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo*. Lisboa: INCM.
- Franco, J. & Ventura, R. (coord.) (2020). *A Sombra dos Demónios: para uma história da cultura em negativo*. Porto: Edições Esgotadas.
- Girard, R. (2020 [1973]). *O bode expiatório [Le bouc émissaire]*. Lisboa: Edições 70.
- Hartog, F. (2014). *O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a Representação do Outro*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Horn, E. (2008). *Dark Powers: Conspiracies and Conspiracy Theory in History and Literature*. Durham: Duke University Press.
- Marujo, A., & Franco, J. (coords.) (2009). *Dança dos Demónios: Intolerância em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores.
- Pinto, P. & Franco, J. (2014). *Portugal Tolerante*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Poliakov, L. (1980). *La causalité diabolique. Essai sur l'origine des persécutions*. Paris: Calmann-Lévy.
- Silva, C. (2021). *Imaginar o Estrangeiro em Portugal: ideias, estereótipos e mitos. Identidade nacional em confronto (sécs. XVIII-XX)*. Lisboa: Theya Editores.

## **Dignipédia Global: um projeto de conhecimento, conscientização e capacitação para os direitos humanos**

Susana Alves-Jesus, Rui Maia Rego – Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

**Email:** [dignipediaglobal@gmail.com](mailto:dignipediaglobal@gmail.com)

A presente comunicação dará conta do projeto “Dignipédia Global”, cuja implementação numa plataforma digital, procura contribuir para uma cultura plena e fundamentada em direitos humanos, enriquecendo o fenómeno da “cidadania digital”. A plataforma coloca em destaque a investigação contemporânea levada a cabo sobre direitos humanos e integra uma dimensão pedagógica de participação cidadã, verbetes redigidos pela juventude em idade escolar, fruto do debate levado a efeito em sala de aula.

A múltipla especificação de direitos humanos deve acompanhar a complexificação de fenómenos introduzidos ou ampliados pela globalização, alterações climáticas e crescentes migrações. A luta pela dignidade da pessoa humana tem diversificado as suas causas, ampliando o escopo a que a noção de direitos se aplica, trazendo luz a minorias silenciadas e esquecidas (por exemplo: o direito de memória, dessas minorias, no espaço público das cidades, entre outros). A revisão crítica e delicada que se impõe perpassa todos os setores da vida contemporânea e não se concebe o exercício da cidadania sem o cumprimento de direitos humanos alargados à escala mundial. A nossa proposta de reflexão é simultaneamente histórica e ética. Histórica, porque alicerçada nas raízes fundamentais das conquistas cidadãs desde os alvores da revolução francesa até aos nossos dias. Ética, pois o debate continua

em aberto: podemos encontrar “constantes antropológicas” no humano por forma a concebermos uma ética global que assegure direitos humanos universais? Ou, pelo contrário, a última palavra ética está na cultura de cada comunidade, país, civilização, sendo a pretensão de direitos humanos gorada pelo relativismo cultural? O desafio dos direitos humanos é o de caminhar para um consenso justificado, por um lado, e para a efetivação positiva dos direitos humanos, por outro, direitos éticos, políticos, económicos, culturais e sociais.

### **Palavras-chave**

Direitos Humanos; Conhecimento; Comunicação; Conscien-  
cialização e Capacitação.

### **Referências**

- ADRIANTSIMBAZOVINA, J., *et alii* (2008). *Dictionnaire des Droits de l'Homme*. Paris: PUF.
- CALAFATE, P. (2012). *Da Origem Popular do Poder ao Direito de Resistência: Doutrinas Políticas no Século XVII em Portugal*. Lisboa: Esfera do Caos.
- CALAFATE, P. (dir.) (2015 E 2020). *A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora (Século XVI)*, 3 vols. Coimbra: Almedina.
- CLAPHAM, A. (2015). *Human Rights: A Very Short Introduction* (2nd ed.). Oxford: Oxford University Press.
- CUNHA, P. F. (2003). *Direitos Humanos: Teorias e Práticas*. Lisboa: Almedina
- FOMERAND, J. (2014). *Historical Dictionary of Human Rights*. Lanham-Boulder-New York-Toronto-Plymouth, UK: Rowman & Littlefield.
- HOMEM, A. B., BRANDÃO, C. (orgs.) (2015). *Do Direito Natural aos Direitos Humanos*. Coimbra: Almedina.

- ISHAY, M. R. (2008). *The History of Human Rights: From Ancient Times to the Globalization Era*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press.
- KANT, I. (2008). *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70.
- MONTEIRO, Sónia (2022). “O que há no humano para que com ele nos preocupemos? Direitos humanos e ética universal: contributos de E. Schillebeeckx”. *Brotéria* (195), 250-261.
- NAGEL, T. (1997). *The Last Word*. Oxford: Oxford University Press. Tradução portuguesa de Desidério Murcho: *A Última Palavra*. Lisboa, Gradiva, 1999.
- NOVAIS, J. R. (2015). *A Dignidade da Pessoa Humana* (vol. 1: *Dignidade e Direitos Fundamentais*). Coimbra: Almedina.
- NUSSBAUM, M. (2014). *Educação e Justiça Social*. Lisboa: Edições Pedagogo.
- SOROMENHO-MARQUES, V. (1998). *O Futuro Frágil: Os Desafios da Crise Global do Ambiente*. Lisboa: Publicações Europa-América.

### **Intolerância intelectual e censura no período pombalino: o caso paradigmático do antiaristotelismo**

Paula Carreira – Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

**Email:** paula.carreira@uab.pt

O século XVIII português foi muito marcado pelo carácter profundamente reformista do reinado de D. José, onde se destaca a veemente intervenção do seu ministro Sebastião José de Carvalho e Melo. Inspirada pelo ideário regalista da época, que advogava a submissão da Igreja ao Estado no que

aos paula.carreira@uab.pt assuntos temporais dizia respeito (vincando uma distinção radical e sem precedentes entre a esfera temporal e espiritual), a ação do Marquês de Pombal pautou-se destacadamente pela afirmação da legitimidade incontestável do poder do rei e pela progressiva secularização de diversas estruturas administrativas, mesmo aquelas que estavam tradicionalmente sob o domínio do poder eclesiástico, com era o caso da Inquisição e do sistema censório até então vigente. Por forma a divulgar e reforçar a autoridade do soberano, vieram a lume diversos libelos e obras propagandísticas patrocinadas e/ou intervencionadas diretamente por Pombal, onde se salienta o trabalho de José Seabra da Silva sob o título de *Dedução Cronológica e Analítica*. Publicada em três volumes, entre 1767 e 1768, e tendo como alvo preferencial a alegada ação nefasta dos membros da Companhia de Jesus, a segunda parte da *Dedução* é dedicada à denúncia daquilo que o seu autor entendia ser a clara decadência do sistema censório, acabando por impulsionar e justificar a substituição deste por um novo sistema, que viria a ser instituído a 5 de abril de 1768 com o nome de Real Mesa Censória.

É no âmbito destes processos de mudança e transformação que se operam alguns dos momentos mais contraditórios do período das luzes em Portugal: se por um lado se aclamavam os novos valores e pensadores assentes na prevalência da razão e experiência, *latu sensu*, como elementos aferidores de verdade, por outro iniciava-se um processo de exame e revisão de obras e autores, que revelaria claramente a imposição de uma vontade férrea de controlo da circulação do conhecimento por parte do poder absoluto do rei. Neste contexto, pretendemos analisar o papel da Real Mesa Censória no processo de cerceamento de ideias durante o iluminismo português, focando-nos depois no caso da receção de Aris-

tóteles, que seria direta ou indiretamente relegada para o um esquecimento inusitado, de tal ordem que o legado do Estagirita viria a ser eliminado por completo dos estatutos da Universidade de Coimbra que entraram em vigor em 1772, na sequência da profunda reforma que os estudos avançados então conheceram.

### Palavras-chave

Real Mesa Censória; Antiaristotelismo; Reformas Pombalinas; Iluminismo; Censura.

### Referências

- ARAÚJO, A. C. (coord.), (2014) *O Marquês de Pombal e a Universidade*, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CARREIRA, P. (2019) "A obliteração de Aristóteles nas reformas pombalinas da Universidade de Coimbra", *REVEC – Revista de Estudos de Cultura*, vol. 5, n.º 15, pp. 25-38.
- CERQUEIRA, L. A. (org.), (2000) *Aristotelismo e Antiaristotelismo: Ensino da Filosofia*, Rio de Janeiro, Editora Ágora da Ilha.
- COXITO, A. (2006) *Estudos sobre Filosofia em Portugal na Época do Iluminismo*, Lisboa, INCM.
- FRANCO, J. E. (2006-07) *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (Séculos XVI a XX)*, 2 vols., prefácio de Bernard Vincent, Lisboa, Gradiva, 2006-2007.
- MARTINS, M. T. P. (2012) *Livros Clandestinos e Contrafacções em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Edições Colibri.
- SANTOS, P. B. (1983) *Actividade da Real Mesa Censória – Uma Sondagem*, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa.
- TAVARES, R. (2018). *O Censor Iluminado: Ensaio sobre o Séc. XVIII e a Revolução Cultural do Pombalismo*, Lisboa, Tinta da China.

## SESSÃO TEMÁTICA VII – LITERACIA(S) CONTEMPORÂNEAS

### Anfiteatro 1.3

**Moderação:** Ana Filipa Cerol Martins – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### Cinema, literacia mediática e cidadania

Isabel Macedo – Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Maria da Luz Correia – Universidade dos Açores, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

**Email:** [isabel.macedo@ics.uminho.pt](mailto:isabel.macedo@ics.uminho.pt), [mariadaluzcorreia@gmail.com](mailto:mariadaluzcorreia@gmail.com)

A Comissão Europeia (CE) tem encorajado os estados-membros a reconhecerem a literacia fílmica como uma disciplina obrigatória nos currículos escolares, quer como uma questão autónoma, quer como um subconjunto claramente definido de competências de literacia mediática. A proposta inclui a produção de recursos para estabelecer parâmetros pedagógicos e um ambiente físico e tecnológico adequado. A CE também recomendou que os estados-membros promovessem ativamente a consciência entre professores para o impacto dos meios audiovisuais nas crianças e jovens e a importância de adquirir competências críticas e criativas através de um ensino eficaz e competente da literacia fílmica e mediática.

Na sequência de diretivas europeias, na Lei 55/2012, o Estado Português comprometeu-se a promover um programa de literacia fílmica para o público escolar, a fim de divulgar obras cinematográficas de importância histórica e filmes nacionais através do Plano Nacional de Cinema. Como principal instrumento do Estado para a educação fílmica, o PNC, atualmente mais estruturado e enquadrado numa visão para o sector em Portugal, deveria

conceber, de acordo com o Despacho n. 65/2022, um plano estratégico. Este processo beneficiaria de estudos quantitativos e qualitativos sobre a educação fílmica em Portugal.

Ao longo dos anos de implementação, o PNC aumentou o número de escolas, estudantes e professores envolvidos e a lista de filmes, o número de distritos abrangidos e o número de exibições realizadas, tanto nas escolas como nos teatros. De cerca de 3000 estudantes envolvidos na iniciativa no ano letivo 2013-2014, passa a aproximadamente 145000 estudantes no ano letivo 2021-2022 (<https://sites.google.com/site/plano-nacionalcinema/home>). A lista de filmes inclui 82 filmes, mais de 50% portugueses. O PNC também fornece uma coleção de 36 dossiers pedagógicos, que se destinam a apoiar o trabalho dos professores na formação do público escolar em cinema. Segundo o PNC (<https://pnc.gov.pt/dossies-pedagogicos>), estes instrumentos permitem aos professores adquirir as ferramentas básicas para compreender as obras cinematográficas e audiovisuais, permitindo a criação do hábito de ver cinema ao longo da vida e a valorização do cinema como uma arte dentro das comunidades educativas. Para além de outros filmes, o PNC também inclui na sua lista filmes recentes como *Tabu* (Miguel Gomes, 2012), *Cartas de Guerra* (Ivo Ferreira, 2016), ou *Balada de um Batráquio* (Leonor Teles, 2016).

Nesta apresentação iremos examinar as políticas e o desenvolvimento do enquadramento do PNC desde a sua implementação até aos dias de hoje. Iremos também discutir e analisar os filmes documentários portugueses disponíveis no PNC e explorar o seu potencial para descolonizar o pensamento e para a mudança social.

### **Palavras-chave**

Cinema; Literacia fílmica; PNC.



## A competência midiática dos fãs da série brasileira *As Five* na criação de *fanfics*

Daiana Sigiliano – Universidade Federal de Juiz de Fora, Gabriela Borges – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [daianasigiliano@gmail.com](mailto:daianasigiliano@gmail.com); [gaborges@ualg.pt](mailto:gaborges@ualg.pt)

Este artigo tem como objetivo analisar as dimensões da competência midiática, propostas por Ferrés e Piscitelli (2015), que estão em operação nas estratégias interpretativas adotadas pelos fãs no desenvolvimento de *fanfics* da série brasileira *As Five* (Globoplay, 2021 – atual). A história é protagonizada por Keyla, Ellen, Lica, Tina e Benê, que se reencontram após seis anos sem se verem. As personagens estão no começo da vida adulta e enfrentam conflitos comuns à Geração Z. Entre os temas abordados na atração estão o feminismo, o preconceito, a xenofobia, o capacitismo, a sexualidade e a maternidade solo. No Brasil, a série mobilizou o público, em sua maioria jovens de 18 a 24 anos, em diversas práticas da cultura de fãs tais como *fanfics*, *podcasts*, *fanarts*, vídeos *on crack*, etc (Sigiliano; Borges, 2021; Borges; Sigiliano, 2022). De acordo com Jenkins (2012; 2015), o processo criativo dos fãs no desenvolvimento de uma *fanfic* é pautado por dez estratégias interpretativas. São elas: a recontextualização, a dilatação da linha temporal, a refocalização, o realinhamento moral, a variação de gênero, o *crossover*, o deslocamento de personagem, a personalização, o reforço emocional e a erotização. A partir deste contexto, realizamos um levantamento na principal plataforma de *fanfics* do Brasil, o *Spirit Fanfiction*, das histórias criadas por fãs com base no universo ficcional de *As Five*. Ao todo foram identificadas 90 tramas publicadas

entre janeiro de 2020 e setembro de 2022, abarcando o período de pré-produção e exibição da primeira temporada e as gravações da segunda e terceira temporadas, respectivamente. Após a sistematização dos dados no *software* Atlas.ti e a análise das *fanfics* a partir da proposta teórico-metodológica de Jenkins (2015), foram identificadas três estratégias interpretativas recorrentes: a refocalização, o reforço emocional e a erotização. Posteriormente, analisamos as dimensões da competência midiática em operação nas *fanfics* de cada uma das três estratégias recorrentes. Conclui-se que as *fanfics* abordam questões relacionadas a população LGBTQIA+, aprofundando as motivações pessoais dos personagens e o teor sexual das histórias. Deste modo, ao criar as tramas os fãs desenvolvem habilidades relacionadas a construção de uma narrativa, ao questionamento de padrões e estereótipos, e ao modo como o perfil das personagens é desenvolvido. Ao serem compartilhadas e consumidas em plataformas digitais, as *fanfics* estimulam a aprendizagem informal, abrangendo a colaboração em rede, a leitura polissêmica e um extenso repertório midiático.

### **Palavras-chave**

Competência Midiática; Cultura de Fãs; Fanfic; As Five.

### **Referências**

- Borges, G.; Sigiliano, D. (2022). Activismo del fandom Limantha en Twitter: análisis de la competencia mediática en la discusión de las causas sociales. *Comunicación y Sociedad*, (19),1-24. <https://doi.org/10.32870/cys.v2022.8299>
- Ferrés, J.; Piscitelli, A. (2015). Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. *Lumina*, 9(1), 1-16. <https://bit.ly/3eQ78Km>

- Jenkins, H. (2012). Lendo criticamente e lendo criativamente. *Matrizes*, 9 (1), 11-24. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p11-24>
- Jenkins, H. (2015) *Invasores do Texto: Fãs e cultura participativa*. Marsupial Editora.
- Sigiliano, D.; Borges, G. (2021). Creative production of Brazilian telenovela fans on Twitter. *Transformative Works & Cultures*, 35, [s.p]. <https://doi.org/10.3983/twc.2021.2077>

### Literacia Turística: a mediação como fator estruturante do conceito

Sandra Côrtes-Moreira – Universidade de Huelva, Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação; M. Amor Pérez-Rodríguez – Universidade de Huelva; Gabriela Borges – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação; Miguel Lopes-Neto – Universidade de Huelva; Santiago Tejedor – Universidade Autònoma de Barcelona

**Email:** [sandra.cortes70@hotmail.com](mailto:sandra.cortes70@hotmail.com); [amor.perez@dfesp.uhu.es](mailto:amor.perez@dfesp.uhu.es); [gaborges@ualg.pt](mailto:gaborges@ualg.pt); [miguel.lopes@alu.uhu.es](mailto:miguel.lopes@alu.uhu.es); [santiago.tejedor@uab.cat](mailto:santiago.tejedor@uab.cat)

O que transforma um turista em alguém que sabe sobre viagens, sobre tudo o que envolvem, desde o momento em que prepara a saída, que vive no local e que, regressando, conta o que viu e o enriqueceu? Partindo da conceção de que o processo porque passa o viajante é educacional, implicando, não apenas todos com quem contacta, mas os meios de comunicação que usa e o desenvolvimento de competências específicas, realizamos uma investigação que nos

leva a descrever as características do que será esta Literacia Turística, estabelecendo um conjunto de Competências (CLT), que permitam aferir proficiência a este nível, partindo dos modelos de Pérez-Rodríguez e Delgado-Ponce (2012), Ferrés e Piscitelli (2012) e Scolari *et. al.* (2018).

Após uma Revisão de Literatura (RL), realizámos entrevistas estruturadas a dirigentes de Organizações de Gestão de Destinos (OGDs) do Algarve (Região de Turismo, Associação de Turismo e Município de Faro), cujos dados recolhidos nos permitiram problematizar questões surgidas durante a RL. Para além de uma ligação a outras literacias, à necessidade de conhecer o “discurso turístico” uma atividade centrada na “alteridade”, as CTL deverão associar-se a um *Ethos* conectado com as questões da participação, criatividade e cidadania alfabetizada (Fantin, 2022), próprias de uma nova ecologia mediática, na qual somos “*prosumers*”, implicando a promoção de “competências interculturais” (UNWTO, s.d.) e valores éticos, que envolvem a relação com o Outro, o Ambiente e o Património.

Assim, a mediação ganha importância estratégica na definição das CTL, já que qualquer interveniente no processo turístico assume o papel de mediador, de educador não formal, que estabelece a ligação entre todos e orienta a sua ação para o desenvolvimento integral do ser humano. Quem serão esses mediadores? O próprio turista, as OGDs, os media, os anfitriões, partindo, sempre, da premissa que este é um processo nunca terminado, em que se prepara, experimenta e aprende, ou como diz Tejedor (2021), se vai, olha e, sobretudo, entende.

### **Palavras-chave**

Literacia Turística; Meios de Comunicação; Mediadores; Educação.

## Referências

- Fantin, M. (2022). Seminários de Formação em Literacia Midiática – Literacia Mediática. Observatório da Qualidade no Audiovisual.
- Ferrés, J. & Piscitelli, A. (2012). La competencia mediática: Propuesta articulada de dimensiones e indicadores; media competence. articulated proposal of dimensions and indicators. *Revista Comunicar*, 19(38), 75-82. <https://doi.org/10.3916/C38-2012-02-08>
- Pérez-Rodríguez, M. A., & Delgado-Ponce, A. (2012). From digital and audiovisual competence to media competence: Dimensions and indicators. [De la competencia digital y audiovisual a la competencia mediática: dimensiones e indicadores]. *Comunicar*, 39, 25-34 <https://www.revista-comunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=39&articulo=39-2012-04>
- Scolari, C. A., Masanet, M., Guerrero-Pico, M., & Establés, M. (2018). Transmedia literacy in the new media ecology: Teens' transmedia skills and informal learning strategies. *Profesional De La Informacion*, 27(4), 801-812. <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2018.jul.09>
- Sigliano, D. & Borges, G. (2021). Qualidade Audiovisual e Competência Midiática: proposta teórico-metodológica de análise de séries ficcionais. *Anais Do XXX Encontro Anual Da Compós*, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.
- Tejedor, S. (2021). Manual para le creación de guías de viajes. *Cómo contar el mundo en la era COVID-19*. Col. Manuales. Editorial UOC: Barcelona.
- UNWTO (s.d.). El Turismo en la Agenda 2030. <https://www.unwto.org/es/turismo-agenda-2030>

## SESSÃO TEMÁTICA VIII - MÚSICA E CULTURA

### Anfiteatro 0.5

**Moderação:** Jorge Carrega – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### O acervo digital A Música Portuguesa a gostar dela própria e os registos da memória de um povo

Darly Prado Gonçalves – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**Email:** [darlygoncalves@gmail.com](mailto:darlygoncalves@gmail.com)

O presente artigo pretende investigar como um acervo cultural hospedado em ambiente digital, no caso “A Música Portuguesa a Gostar dela Própria” (cuja sigla é MPAGDP), pode contribuir para a disseminação de conteúdos que trazem para o primeiro plano os detentores de saberes populares em Portugal, tendo como linguagem artística principal a música. Essa plataforma foi criada em 2011 por Tiago Pereira, Diretor Artístico do projeto, e é administrada por uma associação sem fins lucrativos. Ao longo de mais de uma década foram realizados 7.000 registos audiovisuais sobre as mais variadas expressões da música portuguesa, na tentativa de conscientizar sobre a importância de documentar o património vivo da herança social e da tradição oral, por vezes esquecido ou menosprezado. As gravações já foram produzidas pela equipe do projeto em todo o território nacional e são hospedadas em um site que tem como fim a promoção e a divulgação da memória coletiva do povo português.

### Palavras-chave

Música portuguesa; Cultura portuguesa; Memória coletiva; Saberes tradicionais; Acervo cultural digital.

## Referências

- Bosi, A. (1997). Cultura como tradição. In: *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Jorge Zahar, 31-58.
- Câmara, J. B. (2001). *O Essencial sobre a Música Tradicional Portuguesa*. Imprensa Nacional: Casa da Moeda.
- Gallo, R. (1937). *Cantares do Povo Português*. Livraria Ferin.
- Halbwachs, M. (1999). *A Memória Coletiva*. Editora Vértice.
- A Música Portuguesa a Gostar dela Própria. (2011). *Sobre nós*. <https://amusicaportuguesaagostardelapropria.org/sobre-nos>
- Porto, S. M. (2014). Tradição musical portuguesa e contemporaneidade. *Instituto Politécnico de Portalegre – IPP. Comunicações em Congressos*. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5294/1/Susana%20Porto.pdf>
- Reily, S. A. (2014). A música e a prática da memória – uma abordagem etnomusicológica. *Revista da Associação de Etnomusicologia*, 1-18. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod\\_resource/content/1/A%20musica%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20da%20mem%C3%B3ria\\_Reily.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod_resource/content/1/A%20musica%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20da%20mem%C3%B3ria_Reily.pdf)
- Silva, A. S. (2018). Como abordar a identidade nacional portuguesa? *Revista Todas as Artes*, 9-20. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/taa/article/view/5036>
- Silva, S. J. A. (2009). Memória dos sons e os sons da memória: um encontro entre a História Oral e a Etnomusicologia. *Revista Mosaico*, 114-129. [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/artigos/3silva\\_sinesio\\_artigo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/3silva_sinesio_artigo.pdf)
- Sayão, L. (2016). Digitalização de acervos culturais: reuso, curadoria e preservação. *Seminário de Serviços de Informação em Museus: informação digital como patrimônio cultural*. <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/322697.pdf>

## **Choro e resistência: O conceito de Música Popular por meio de uma análise de duas rodas de choro atuais, no Brasil e em Portugal**

Beatriz Stutz Yaunner, Maria Manuel Baptista – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [beatriz.stutz@ua.pt](mailto:beatriz.stutz@ua.pt)

O presente trabalho é parte da pesquisa de doutorado em processo de realização, que investiga de que forma se articula a participação das mulheres nas rodas de choro no Brasil e em Portugal. Dentre as questões investigadas na tese, procuramos identificar os processos de resistência presentes na prática do choro, em especial, nas rodas de choro. O Choro, gênero musical predominantemente instrumental, surge no Rio de Janeiro (Brasil) no final do século XIX, como uma forma específica de tocar músicas de origem europeia mescladas com elementos da musicalidade africana. De acordo com Pinto (1936) desde o princípio sua principal forma de manifestação foram as rodas de choro, que segundo este autor tratava-se de encontros musicais informais, onde os músicos tocavam por prazer. Embora tenha passado por muitos processos de transformação ao longo de 150 anos de existência, podemos afirmar que a roda de choro mantém o aspecto de um encontro informal, entre músicos profissionais e amadores, onde normalmente os músicos tocam em roda, voltados uns para os outros. Partiremos do conceito de cultura popular de Stuart Hall, onde o significado de uma manifestação cultural não está inscrito no interior de sua forma, mas sim condicionado à sua relação com o contexto social e político no qual está inserido. Esta relação por sua vez, evidencia a constante tensão de “influência” e “antagonismo” com a cultura domi-



nante e é possível observar essa tensão no período em que o choro surgiu. O Brasil ainda estava sob forte influência de seus colonizadores portugueses e o choro nasce quando os músicos ousam tocar as músicas europeias como polcas valsas e schottisch, de maneira diferente da apresentada pelos colonizadores. Esta espécie de apropriação cultural, se traduzia por uma certa liberdade rítmica e de interpretação e na adição de elementos musicais de origem africana, não só porque em sua maioria esses músicos eram parte de famílias que foram escravizadas, mas também porque a cultura africana trazida pelos povos escravizados estava presente na sociedade carioca. O choro, portanto, consistia em uma forma importante de resistência frente à dominação europeia. Mas e nos dias atuais, quais são os processos de resistência? Neste artigo, propomos uma análise de duas rodas de choro: *Roda de Choro do Clube do Choro de Lisboa* (Portugal) e *Abre a Roda Mulheres no Choro* (Brasil), que será feita por meio de uma abordagem qualitativa (Minayo et al., 2009), utilizando como procedimentos metodológicos observação participante e análise de registros de imagens (fotos e vídeos) disponíveis nos perfis das redes sociais, que funcionam como ferramenta de comunicação entre os músicos participantes, músicos convidados e público em geral. A escolha das rodas parte do pressuposto que nos dias de hoje as novas resistências/influências/negociações estão em questões de gênero. Apoiados pelo conceito gramsciano de hegemonia, nossos objetivos são investigar os processos de resistência presentes nestas duas rodas de choro, assim como verificar os possíveis diálogos entre essas duas manifestações culturais de países diferentes e realidades contemporâneas.

### **Palavras-chave**

Roda de Choro; Processos de Resistência; Música Popular.

## Referências

- Hall, S. (2013) Da Diáspora Identidades e mediações culturais. Editora UFMG. Belo Horizonte
- Miguel, L.F. (2017) Hegemonia e Resistência. 41º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt08-26>, acessado em 15/01/2023.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2009). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. In Editora Vozes.
- Napolitano, M. (2002). História & música – história cultural da música popular. Belo Horizonte. Editora Autêntica
- Pinto, A. G. (2014). O choro: reminiscências dos chorões antigos. rev. e com. Rio de Janeiro: Acari Records.

## Tudo Sobre “O Que Interessa É Sentir O Fado”

Laffayette De Souza Alvares Junior – Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes, Unirio,  
 Andreza De Lima Alves – Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes

**Email:** [laffayete@gmail.com](mailto:laffayete@gmail.com)

Este trabalho analisa o processo que norteou a construção de uma performance de um dos autores, apresentada ao VIII CIEC de Aveiro, e ligada a sua tese no Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento da FBAUL. A partir de três eventos anedóticos, sobre o Fado e seus agentes, que representam *transgressões* que os afastam do convencional tradicional homem fadista, essa performance denuncia relações de género a opressão de uma parcela dos homens não convencionais na cena fadista. Um homem vestido com trajes

tradicionais masculinos, começa uma série de intervenções musicais, sonoras e gestuais, por sobre imagens projetadas no performer enquanto uma carta é lida em off. Esta é um *desabafo* de um fadista, descrevendo sua relação com o fado: o quanto ele não pode ser ele mesmo, como não pode se vestir ou se comportar como deseja, que não pode escolher o que cantar, que adereços usar e até estar de mau humor, sob pena de não conseguir trabalho e ser cancelado. O performer vai encenando os acontecimentos de que fala a carta e aos poucos se vai desnudando, revelando uma personagem andrógina e interna, das regiões sombrias da mente, recalcada mas que ao se revelar assume o controle. Os dois outros episódios complementam de traços significativos a própria carta, adaptada para abarcar as características dos três episódios. A cena final incorpora o uso de um “ocean drum” acompanhando um fado amaliano tradicional. Assim, o trabalho objetiva discutir os traços mínimos para compor o personagem e adaptar as histórias ao repertório cantado, às imagens projetadas como cenário, aos adereços e à indumentária utilizada, que consiste nas roupas que se metamorfoseiam em cena, transformando-se a partir do fato, camisa e calças, numa saia, unhas longas e negras, gargantilha sobre o torso nu e cabelos longos. Todo o trabalho se utiliza da metodologia de investigação documental, reunindo documentos publicados em vários média, sob a forma de cartas, entrevistas, reportagens, fotos e materiais fonográficos e filmográficos. Como base teórica e metodológica de análise crítica da obra, lançamos mão da Desmontagem, como proposto por Diéguez (2018), uma ferramenta, que observa a partir das reflexões críticas do autor e/ou artista, as escolhas dos elementos de cena, indumentária e musical, suas implicações éticas, estéticas e criativas. Não se trata de uma demonstração de trabalho, uma vez que coloca-se num

ponto que extrapola a atitude de desvendar virtuosismos e procedimentos técnicos, interessando-se mais por revelar pensamento político e provocações do percurso criativo, colocando em questão as escolhas em caráter ético e estético. Segundo Diéguez (2010), é uma ação de decompor, desmontar estruturas, tal como apresenta Derrida (1995). Trata-se pois de uma reflexão crítica e filosófica a partir da repercussão da performance, sua construção como objeto artístico e como percepção do processo criativo de seu autor e performer.

### **Palavras-chave**

Liberdade artística; Cultura e poder; Fado tradicional; Processo criativo e construção; Desmontagem; Investigação documental.

### **Referências**

- Nery, R. V. (2012) *Para uma história do Fado*. – 2. ed. rev. e aum –. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional – Casa da Moeda, S.A.
- Goldberg, R (2012) *A arte da performance: do futurismo ao presente* – 2.ed. Lisboa: Orfeu Negro.
- Silva, C. G. (2021) Investigação Documental. In: *MANUAL de Investigação Qualitativa...* Lisboa: PACTOR.
- Derrida, J. 1995. O teatro da crueldade e o fechamento da representação. In: *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- Diéguez, I, Leal, M. O. org. (2018) *Desmontagens: processos de pesquisa e criação nas artes da cena*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- \_\_\_\_\_, (2010). “Cenários expandidos: (Re) apresentações, teatralidades e performatividades” in *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, n.15, Udesc, Florianópolis, pp. 135-148.

## 15H00 SESSÃO TEMÁTICA IX – QUESTÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÃO

### Anfiteatro 1.4

**Moderação:** Sandra Cristina Boto – Universidade Nova de Lisboa, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

#### **“Pedaço de mim”: corpo, emoções e (falta de) agência em narrativas digitais de mulheres com câncer de mama, uma autonetnografia**

Júlia Pessôa Vargas – Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [juliapesso@gmail.com](mailto:juliapesso@gmail.com)

Este estudo de carácter autonetnográfico analisa minha experiência pessoal como paciente de câncer de mama diagnosticado em 2021. A partir de posts no Instagram, busco analisar as narrativas públicas que fiz sobre a doença, levando em consideração a ausência de agência de pacientes oncológicas em função do próprio adoecimento; as mudanças corporais decorrentes da doença e seu tratamento; e as emoções envolvidas ao longo do processo que atravessei, do diagnóstico à remissão. Uma das ideias centrais é a de que as emoções, no contexto do câncer de mama, são uma potência e um mecanismo de agência (LORDE, Audre, 2002) e não um aspecto legitimador de estereótipos atribuídos às pacientes, como o de “vítima” ou “guerreira”, que aparecem em muitos dos comentários das publicações analisadas, fortalecendo uma cultura do que se convencionou chamar em redes formadas por pacientes oncológicas de “cancer muggles”. O estudo é realizado com a mobilização de conceitos da Antropologia das Emoções e dos Estudos Culturais, bem

como de Estudos de Gênero e, obviamente, escriturais (EVARISTO, Conceição, 2007).

### **Palavras-chave**

Câncer de mama; Corpo; Emoções; Narrativas digitais.

### **Referências**

- ABU-LUGHOD, L. & LUTZ, C. (1990) Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life. In: C. Lutz e L. Abu-Lughod (eds.), *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAPTISTA, M. M. (2009) O quê e o como da investigação em Estudos Culturais. in BAPTISTA, Maria Manuel (org), *Cultura: metodologias e investigação*, Maia: Ver o Verso Edições, pp. 17-28. 2009.
- BISPO, R. (2016) Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica*, v. 20, n. 2, p. 251-274.
- BISPO, R.; COELHO, M. C. (2019) Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. *Cadernos de Campo*, v. 28, n. 2, p. 186-197. Disponível em: <https://bityli.com/OKARFeexx> Acesso em 07/12/2022.
- BUTLER, J. (2011) Vida precária. *Contemporânea*, v. 1, n. 1.
- DAS, V. (2020) *Vida e Palavras. A Violência e sua Descida ao Ordinário*. São Paulo: Editora da Unifesp.
- DAS, V. (2011) O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 37, p. 9-41. Disponível em: <https://bityli.com/JcTigavtE>. Acesso em 07/12/2022.
- EVARISTO, C. (2007) Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre,

- Marcos A. (org.) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21.
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. The Empire of Trauma: an inquiry into the condition of victimhood. Princeton/ New Jersey: Princeton University Press. 2009.
- NORONHA, S. (2019) Cancro sobre Papel: Estórias de oito mulheres Portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita. Coimbra: Almedina.
- NORONHA, S. (2013) "Mulheres em morte-cor: os objetos que fazem e desfazem corpos e cancros metastáticos", Saúde & Tecnologia – ESTeSL, Suplemento – Julho, 33-37. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/43918>. Acesso em 07/12/2022.
- POLLAK, M. (1989) Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, v. 2, n. 3.
- POLLAK, M. (2010) A gestão do indizível. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v. 2, n. 1.

### **Nuances relativas à denúncia da violência doméstica contra a mulher na propaganda social**

Ana Elisa Viviani, Maria Ogécia Drigo – Universidade de Sorocaba

**Email:** [ana.viaviani@gmail.com](mailto:ana.viaviani@gmail.com); [maria.drigo@prof.uniso.br](mailto:maria.drigo@prof.uniso.br)

O artigo apresenta resultados de pesquisa em desenvolvimento, intitulada Mídia, violência e alteridade: propaganda social em foco, que busca responder duas questões: a primeira, reporta-se ao modo como as mídias podem contribuir para dirimir ou amenizar a violência doméstica contra a mulher; a segunda, refere-se ao tratamento dado à denúncia, na perspectiva de Boltanski, para quem a relação entre o público

e o privado, entre o estatuto político dos vínculos sociais e as condições psicológicas dos sujeitos, é marcada pelo distanciamento. Ao responder tais questões pode-se construir conhecimento especializado sobre o processo de construção da realidade pelas mídias, com foco na propagação ou não da discriminação e do preconceito, ou na propagação ou não da coexistência entre diferentes; compreender o papel da denúncia neste contexto; fornecer subsídios para produtores/criadores de mídia, no sentido de balizar suas crenças, pois em alguma medida elas interferem nesses processos de criação/produção.

Os resultados que apresentamos neste artigo reportam-se à política da piedade, conforme Boltanski, bem como à denúncia considerando-se tal política; às transformações operadas nas relações sociais pelas tecnologias digitais e mídias móveis, valendo-se de Ferrara (2018; 2015), entre outros e, por fim, apresentamos análises de duas peças publicitárias: *Denuncie a violência doméstica*. Para algumas famílias, o isolamento está sendo ainda mais difícil (2020) e *Domestic Abuse is Getting Smarter* (2021). A análise fundamenta-se, em princípio, na proposta de Aumont e Marie (2013), a de aplicação de três modalidades de instrumentos: descritivos, citacionais e documentais. A modalidade citacional envolve a decomposição plano a plano, a segmentação ou a escolha de uma sequência de imagens, e a descrição. Nesta, na descrição, aplicam-se estratégias advindas da semiótica peirceana para inventariar possíveis interpretantes, ou efeitos das peças, considerando-se aspectos qualitativos – cores, formas, som, movimento, ou o jogo com tais elementos –, aspectos referenciais, que vinculam o signo a outros existentes, e aspectos compartilhados culturalmente, ou convencionais, que estão presentes nos aspectos mencionados anteriormente.



**Palavras-chave**

Propaganda social; Violência doméstica; Denúncia.

**Referências**

- AUMONT, J.; MARIE, M. (2013) A análise do filme. Lisboa: Edições Texto e Grafia.
- BEAUVOIR, S. (2019) O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOLTANSKI, L. (1999) Distant suffering. Morality, Media and Politics. Cambridge: Cambridge University Press.
- BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. (2020) A justificação. Sobre as economias da grandeza. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ.
- CHAUÍ, M. (2019) Sobre a violência. Belo Horizonte: Autêntica.
- DRIGO, M, O.; SOUZA, Luciana. C. P. (2021) Aulas de Semiótica Peirceana. São Paulo: Annablume.
- FERRARA, L. (2015) Comunicação, mediação e interações. São Paulo: Paulus.
- FERRARA, L. (2018) A comunicação que não vemos. São Paulo: Paulus.
- RECUERO, R. (2012) A conversação em rede. Porto Alegre: Sulina.
- SAFFIOTI, H. (2013) A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade. São Paulo: Expressão Popular.
- SAFFIOTI, H. (2015) Gênero, Patriarcado, Violência. São Paulo: Expressão Popular.

**Narrativas digitais de cuidado de si no contexto da pandemia: potencialidades e desafios da pesquisa virtual**

Renata Castelo Branco Araujo – Universidade de Aveiro e UNILAB, Maria Manuel Baptista – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [renatacba@ua.pt](mailto:renatacba@ua.pt)

Este texto pretende refletir sobre como a comunicação digital afetou a pesquisa sobre narrativas de mulheres africanas estudantes do ensino superior no Brasil a respeito do cuidado de si delas próprias. Com isso, objetivou-se refletir sobre a produção de conhecimento mediada por Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs). Os relatos resultaram de uma investigação em curso e cuja interação com a pesquisadora ocorreu inteiramente por meio digital, desde o convite até as videochamadas para entrevistas e grupo focal. As estudantes participantes da pesquisa são sete migrantes para fins estudantis vinculadas à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Ceará, Brasil).

Devido ao caráter de maior proximidade e confiança que a investigação sobre as práticas de si requer, os encontros seriam originalmente realizados presencialmente. Porém, em razão da pandemia de COVID-19, a interação virtual esteve presente de diversas formas: contatos por e-mail, entrevistas e grupo focal por videochamadas e *photovoice* (Wang et al., 1998) com utilização do WhatsApp. Assim, foi possível interagir com as estudantes e apreender como elas significam o cuidado de si, num contato inicial em que se percebe entraves próprios de relações mediadas pela internet (Kozinets, 2014): como a leitura do uso de linguagem corporal, e também limitações estruturais, como a aptidão no uso das ferramentas e condições financeiras para o uso das mesmas. Em um segundo momento, com a introdução do *photovoice*, foi percebida uma maior abertura e aprofundamento das questões tratadas, pois as estudantes criaram vínculos com a entrevistadora e entre si. Partindo destas inquietações, realizei uma revisão sistemática de literatura para apoiar as alterações metodológicas necessárias, chegando ao conceito de netnografia.

A netnografia, inicialmente, foi utilizada em investigações sobre consumo e marketing, em diálogo com antropologia, sociologia e estudos culturais (Kozinets, 2014). A pesquisa no campo digital, seja em ambientes digitais – blogues, aplicações, comunidades digitais, dentre outros – seja através de ferramentas digitais, tem crescido exponencialmente em diversos campos do conhecimento.

Na pesquisa, as entrevistas representaram a necessidade da construção de novas performances em um conjunto de relações mediadas pelo ambiente on-line, que atribuiu novos sentidos para o que as entrevistadas percebem sobre o cuidado de si e sobre as relações que estabelecem com o outro de maneira mediada (van Dijck, 2016).

Para Michel Foucault (2006), o cuidado de si é visto como um fenômeno cultural, ou seja, o autor percebe que esta noção fornece ferramentas para se pensar o modo de ser sujeito no tempo presente. A pesquisa sobre cuidado de si realizada através de meios digitais demonstrou requerer maior esforço para suprir a confiança que o tema requer. Para isso, foi pensado o *photovoice* com grupo focal para além das entrevistas, criando uma aproximação da pesquisadora com as estudantes, o que foi perceptível nos encontros posteriores, quando as estudantes já se conheciam e se conheciam entre si.

### **Palavras-chave**

Netnografia; Pesquisa digital; Cuidado de si; Pandemia; Mulheres negras

### **Referências**

Foucault, M. (2006). A Hermenêutica do Sujeito – Curso dado no College de France (1981-1982). In M. A. da Fonseca & Salma Tannus Muchail (Trans.), *Filosofia* (2ª). Martins Fontes.

- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online* (D. Bueno (trans.)). Penso.
- van Dijck, J. (2016). *La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales*. Siglo Veinteuno.
- Wang, C. C., Yi, W. K., Tao, Z. W., & Carovano, K. (1998). Photo-voice as a participatory health promotion strategy. *Health Promotion International*, 13(1). <https://doi.org/https://doi.org/10.1093/heapro/13.1.75>

### **Construção de género e as relações sociais: um estudo de caso à comunidade transexual**

Carolina Nunes, Jéssica Sousa, Pedro Germano, Raquel Reis, Rosana de Sousa, Gabriela Borges – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [a75993@ualg.pt](mailto:a75993@ualg.pt); [a75983@ualg.pt](mailto:a75983@ualg.pt); [a75986@ualg.pt](mailto:a75986@ualg.pt); [a76021@ualg.pt](mailto:a76021@ualg.pt); [a76035@ualg.pt](mailto:a76035@ualg.pt); [gaborges@ualg.pt](mailto:gaborges@ualg.pt)

O presente estudo de caso pretende analisar a forma como a construção de género tem reflexo nas relações sociais. A construção de género, realizada logo após o nascimento dos indivíduos, tem repercursões nas suas futuras relações sociais, uma vez que os papéis de género atribuídos consoante o seu sexo biológico muitas vezes não estão de acordo com aquilo que o indivíduo se identifica. Em consequência, estes indivíduos, entre os quais os trans, sofrem durante toda a sua vida um elevado nível de discriminação, com altas taxas de suicídio e maior probabilidade de sofrerem transtornos mentais como ansiedade ou bipolaridade, por exemplo. Além disso, sentem-se constringidos no acesso ao emprego e aos cuidados de saúde, onde muitas vezes são tratados de forma diferente, quer por falta de informação dos profissionais, quer por lacunas do sistema.

Através de uma investigação quantitativa a uma amostra de 56 indivíduos transexuais, este estudo pretendeu entender melhor as repercursões sociais, físicas e psicológicas que estas pessoas sofrem. Posto isto, podemos realçar que a maioria dos inquiridos ainda não procedeu à transição dos órgãos genitais. Cerca de 41,1% da amostra que se disponibilizou para responder ao inquérito, considera que a imposição dos papéis de género os afetas muito durante a sua vida e que para além disso também já sofreu violência física e psicológica por parte de familiares e de outros indivíduos levando-os a terem pensamentos suicidas. Além do mais, alguns dos nossos interpelados afirmam já se terem sentido discriminados no acesso ao emprego. Por fim, cerca de 62,5% considera a sociedade portuguesa transfóbica e ainda receiam o crescimento da extrema direita em Portugal, considerando-a prejudicial para esta comunidade.

Com esta investigação, conclui-se que a construção de género realizada logo após o nascimento dos indivíduos tem repercussões nas suas futuras relações sociais, uma vez que os papéis de género atribuídos consoante o seu sexo biológico muitas vezes não estão de acordo com aquilo que o indivíduo se identifica.

### **Palavras-chave**

Transexual; Transfobia; Identidade de género; Ideologia de género.

### **Referências**

Nunes, L. R. (2016). Metamorfoses: identidades e papéis de género. Um estudo com Transhomens. [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]; <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/19172/5/DISSERTA%C3%87%-%20de%20L.%20R.%20Nunes%20-%20Metamorfoses%20-%20identidades%20e%20pap%C3%A9is%20de%20g%C3%A9nero.pdf>

C3%83O%20-%20ENTREGA%20FINAL%20Lu%C3%ADs%20Romano.pdf ´

Rodrigues, J (2020) Discriminação de Pessoas Trans no Serviço Nacional de Saúde (e barreiras no seu acesso). Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/128187/2/411119.pdf>

Pardini, B. A. & Oliveira, V. H. (2017). Impacto da violência psicológica e transexualidade. *Psicologia – Saberes & Práticas*, n.1, v.1, 110-118, 2017; <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/12122017145609.pdf>

Mação, I; Alvim, D; Rodrigues, A; (2021) Desfazendo Sexo: Uma Genealogia dos Conceitos de Sexo Biológico e Género. *Kínesis: Revista de Estudos dos Pós-Graduados em Filosofia*; <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/12145>

## **SESSÃO TEMÁTICA X - ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO**

### **Anfiteatro 1.3**

**Moderação:** Cármen Monereo – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### **Práticas educacionais no campo dos Processos de Criação: Um estudo de caso na Universidade do Algarve**

Ana Clara Santos, Ana Isabel Soares, Mirian Tavares, Patrícia Dourado – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [avsantos@ualg.pt](mailto:avsantos@ualg.pt); [asoares@ualg.pt](mailto:asoares@ualg.pt); [mtavares@ualg.pt](mailto:mtavares@ualg.pt); [apdourado@ualg.pt](mailto:apdourado@ualg.pt)

A Arte Contemporânea, nas suas diversas manifestações, tem sido promotora de muitas reflexões e revisões no campo das críticas e das teorias das Artes. As relações entre obras e processos; a ampliação dos arquivos da criação com o advento das novas materialidades (também digitais); a curadoria de arquivos e as exposições de arquivos que são obras; as fronteiras tênues e as fronteiras como espaços de criação; a hibridação como matéria e a mistura como procedimento, entre muitos outros aspetos, acompanham-nos há muito como humanidade *faber*, mas têm experimentado outros contornos e outras dimensões, especialmente, nas últimas décadas. Não raras vezes, a reflexão sobre a criação esteve encoberta por um manto místico, alimentado pelo desconhecimento dos processos de criação. Retirar este manto pode ser, algumas vezes, descobrir novos mantos e novas camadas de um processo – percorrer outras narrativas, ampliar as narrativas, andar pelos bastidores, pela rasura, pelo preterido, pela hipótese, pelo erro e, também, por escolhas, pelos traços lacunares ou saturados (Féral, 2013). Um campo rico, por isso, em igual medida, para fazer ciência e repensar caminhos teóricos e metodológicos. Uma formação no campo dos Processos de Criação, que se pretendesse verdadeiramente transversal – transartística, transdisciplinar e transemiótica (Ferrer, 2002) – que tivesse a intenção de aproximar-se de tais fenômenos, também, em seus métodos de investigação e em suas práticas educacionais, teria de ser, conjuntamente, promotora de tais reflexões e revisões. Assim, em intenso diálogo com as críticas e teorias de diferentes campos artísticos, na articulação com a escuta dos artistas e com o estudo das práticas, construiu-se a proposta do Mestrado em Processos de Criação, da FCHS (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais) da Universidade do Algarve, em parceria com o Grupo de Pesquisa em Processos

de Criação da PUC-São Paulo, coordenado pela Profa. Cecília Salles, que atua há mais de 30 anos no campo de estudos dos Processos de Criação. Esta proposta à transversalidade, em busca de teorias gerais que relacionem obras, processos e sujeitos da criação, no que eles têm de atravessamentos e de buscas comuns, ao mesmo tempo em que traz luz ao que tais processos, artistas e linguagens têm de singulares (Colapietro, 2016; Salles, 2006; 2012), é uma das principais características desta nova formação, em consonância com os desafios teóricos e, também, metodológicos que a contemporaneidade (em especial a Arte Contemporânea) tem-nos colocado.

### **Palavras-chave**

Processos de Criação; Educação; Culturas do Contemporâneo.

### **Referências**

- Colapietro, V. (2016). Os locais da criatividade: Sujeitos fisurados, práticas entrelaçadas. In Salles, C.; Pinheiro, A. (Org.). *Jornalismo expandido: Práticas, sujeitos e relatos entrelaçados*. Intermeios.
- Ferrer, D. (2002). A crítica genética do século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. In Zullar, R. *Criação em processo: Ensaios de crítica genética*. Iluminuras.
- Ferral, J. (2013). A fabricação do teatro: Questões e paradoxos. *Revista Brasileira de Estudos de Presença*, 3(2), 566-581. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266039158>
- Salles, C. (2006). *Redes da criação: A construção da obra de arte*. Horizonte.
- Salles, C. (2012). *Gesto inacabado: Processo de Criação Artística*. Intermeios.



## Artivismo e Mediação Artística e Cultural: que relação? Reflexão a partir da análise de projetos de intervenção em contexto de estágio da Licenciatura em Mediação Artística e Cultural

Cristina Barroso Cruz – Instituto Politécnico de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, Universidade do Algarve, Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano, Laurence Vohlgemuth – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, Ricardo Campos – Universidade Nova de Lisboa Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

**Email:** [cristinac@eselx.ipl.pt](mailto:cristinac@eselx.ipl.pt); [laurence@eselx.ipl.pt](mailto:laurence@eselx.ipl.pt); [rmocampos@yahoo.com.br](mailto:rmocampos@yahoo.com.br)

Os processos de transformação cultural que têm vindo a caracterizar a sociedade conduziram a novas configurações da arte, da cultura e dos artistas, aproximando-os de uma conceção mais alargada do papel dos vários agentes e produtos artísticos e culturais (Lussier, 2015). É neste contexto, de rutura com o tradicionalismo que emergem movimentos associados a artes participativa, comunitária e urbana e a processos de aproximação de artistas profissionais e não profissionais aos públicos (Matarasso, 2019). Este movimento tem vindo a ser reivindicado por diferentes agentes como artistas, educadores e diferentes trabalhadores do sector cultural que reivindicam um campo de intervenção.

O termo artivismo, um neologismo que representa uma articulação entre a arte e o ativismo (Sandoval e Latorre, 2008), pode assumir múltiplas facetas, em função das áreas de intervenção e das práticas estéticas. Podemos entender o artivismo como o desenvolvimento de ações e práticas artísticas com

preocupação social, tendo em vista um questionamento do status quo e das estruturas de desigualdade. Assume assim um carácter crítico e, muitas vezes, subversivo, desafiando o poder. O pressuposto de base é que a arte pode contribuir para a transformação social, por um lado, ao trazer para a agenda pública determinados problemas sociais e, por outro lado, ao fornecer instrumentos de emancipação e empoderamento dos sujeitos (subalternizados) através das práticas artísticas. Consequentemente, muitos projetos artistas envolvem práticas de natureza colaborativa e democrática.

Num campo afim, encontramos a Mediação Artística e Cultural (MAC) que procura conciliar os aspetos da democratização e da democracia cultural (Lafortune, 2012) tal como está definido na Carta de Porto Santo (2021). Esta abordagem procura diversificar e alargar o público a que a cultura e a arte chegam centrando a ação no contributo que cada indivíduo pode dar neste processo (Lopes, 2009). A MAC reforça o papel do espectador ativo e envolvido no processo da produção cultural, criando uma aproximação entre artistas, equipamentos culturais e públicos, com foco na eliminação dos obstáculos que condicionam a ligação à cultura e à arte, enquanto devolve às pessoas a possibilidade da ação cívica (Mörsch & Fürstenberg, 2012).

Tendo em conta que estas duas premissas partem de pressupostos que têm que ver com a ação cidadã, procurámos perceber se estes processos de intervenção se cruzam e em que ponto o fazem. Uma das questões a explorar é em que medida o ativismo é limitado pela estética e/ou pela ética. Para explorar esta relação procurámos contextos em que artistas e/ou equipamentos culturais são confrontados com a possibilidade da sua prática ter um impacto social. Assim, serão analisados, a partir da análise de conteúdo, projetos

desenvolvidos, entre 2019 e 2022, por alunos finalistas da Licenciatura em MAC. Os resultados deste estudo permitirão contribuir para o debate sobre o que pode ser a ação social do Artista e de que forma esta complementa ou compete com a ação do profissional de MAC.

### **Palavras-chave**

Intervenção social; Arte pública; Arte comunitaria; Democratização da cultura; Democracia cultural.

### **Referências**

- Carta do Porto Santo: A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia. (2021). Conferência do Porto Santo; República Portuguesa – Cultura; Plano Nacional das Artes; GEPAC; Região Autónoma da Madeira; Madeira Islands; 2021Portugal.EU
- Lopes, J. M. (2009). *Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural*. Obtido de <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/302>
- Lussier, M. (2015). *L'appropriation de la médiation culturelle dans la Vallée-du-Haut-Saint-Laurent : caractéristiques, besoins e enjeux des artistes et des travailleurs culturels*. Montréal: Culture pour tous, Autour de Nous et Service aux collectivités de l'UQAM.
- Matarasso, F. (2019). "Uma arte irrequieta: reflexões sobre o triunfo e a importância da prática participativa". Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.
- Mörsch, C., & Fürstenberg, S. (2012). *Le Temps de la Médiation*. Retirado de <https://www.kultur-vermittlung.ch/zeit-fuer-vermittlung/v1/?m=10&m2=8&lang=f>
- Sandoval C. and Latorre G. (2008) Chicana/o Artivism: Judy Baca's Digital Work with Youth of Color. In A. Everett (ed.),

Learning Race and Ethnicity: Youth and Digital Media.  
Cambridge, MA: The MIT Press, 81-108

### **Realidade Aumentada e Educação Intercultural Inclusiva: O projeto Augmented Assessment**

Ana Inês Pardinha Pires, Clara Sarmento, Luciana Oliveira –  
Instituto Politécnico do Porto, Centro de Estudos Interculturais

**Email:** [cei@iscap.ipp.pt](mailto:cei@iscap.ipp.pt)

“Todo o ser humano tem direito à instrução” são as palavras que marcam o início do artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e, mesmo assim, milhões de pessoas continuam a ser excluídas do acesso à educação pelas mais variadas razões.

Segundo a UNESCO, acredita-se que cerca de 40% da população mundial não tem acesso a educação numa língua que consigam falar ou compreender. Este valor é em parte explicado pelo aumento de 26% de crianças migrantes e refugiadas a nível mundial devido à crescente deslocação de populações, e torna a sua inclusão nos sistemas educativos nacionais um imperativo.

Ao chegar à Europa e ao entrar num sistema educativo europeu, os estudantes migrantes recém-chegados encontram desafios significativos: para além da integração num novo país e nova cultura, estes estudantes, na maior parte das vezes, entram em contacto com uma nova língua.

As políticas monolíngues ainda são continuamente atuantes nos sistemas educativos europeus, e a proficiência linguística na língua sociocultural dominante é ainda um fator chave para o sucesso escolar. As iniciativas e intervenções que apoiam a aprendizagem da língua e da cultura são inúmeras, no entanto,

pouca atenção tem sido prestada ao conhecimento já adquirido por estes estudantes noutras disciplinas.

A avaliação é um fator essencial na integração destes estudantes. Neste contexto, pelo seu reduzido conhecimento da língua e cultura do país de chegada, os estudantes migrantes recém-chegados podem não encontrar as ferramentas necessárias para transmitir os seus conhecimentos, correndo o risco de serem apenas parcialmente avaliados, e conseqüentemente, colocados em níveis de educação inferiores, com estudantes muito mais novos. Este choque linguístico e cultural pode ter um impacto negativo na sua performance escolar, sendo que a língua tem a capacidade de criar um sentido de identidade individual e de grupo, tornando-se tanto uma ferramenta de união como de marginalização.

Para garantir a instrução paritária de todas as crianças, os professores necessitam de estratégias e ferramentas de avaliação que promovam a inclusão de alunos migrantes no sistema educativo, desde o processo de avaliação até às práticas de ensino diário.

Neste intuito, a presente comunicação descreve a ação do projeto *Augmented Assessment*, que analisa as carências existentes na avaliação dos conhecimentos prévios de estudantes migrantes recém-chegados, colmatando-a com a utilização de ferramentas de Realidade Aumentada, de modo a criar um ambiente digital favorável a processos de ensino verdadeiramente democráticos.

A utilização da realidade aumentada apresenta-se como solução no ensino de crianças migrantes recém-chegadas na medida em que, a partir da tecnologia digital, torna-se possível a explicação de conceitos complexos e abstratos através do recurso a imagens dinâmicas. Para além disso, a

sua interatividade promove um processo de aprendizagem prática, paritária, inclusiva e acessível.

Esta comunicação demonstra como o projeto “Augmented Assessment – Assessing newly arrived migrants’ knowledge in Science and Math using augmented teaching material” cria um programa de desenvolvimento, formação e criação de conteúdos, disponibilizados online para uso público, democrático e coletivo. O projeto e os conteúdos baseiam-se na premissa de que a sociedade contemporânea, intermediada pela tecnologia, pode criar um ambiente inovador para a comunicação intercultural, abrindo novas oportunidades para o acesso, a inclusão e a justiça, que devem sustentar a cultura da democracia.

### **Palavras-chave**

Educação; Inclusão Cultural; Realidade Aumentada; Migrações; Direitos Humanos.

### **Referências**

- Languages in education. (2023, January 25). UNESCO. <https://www.unesco.org/en/languages-education>
- Inclusion in education. (2023, January 27). UNESCO. <https://www.unesco.org/en/inclusion-education>
- Augmented Assessment. (s.d.). <https://augmented-assessment.eu/>
- Barker, C., & Jane, E. A. (2016). Cultural Studies: Theory and Practice (5th ed.). SAGE Publications Ltd.
- Costello, C. (2015). The Human Rights of Migrants and Refugees in European Law (Oxford Studies in European Law) (1st ed.). OUP Oxford.

## SESSÃO TEMÁTICA XI – CINEMA E CULTURA

### Anfiteatro 0.5

**Moderação:** Sara Fernandes – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### Co-construção das(s) História(s) do Cinema em Moçambique – dimensões digitais de um exercício

Diana Manhiça – Associação dos Amigos do Museu do Cinema em Moçambique

**Email:** [diana.manhica.27@gmail.com](mailto:diana.manhica.27@gmail.com)

A contribuição científica de pesquisadores nacionais para a construção da narrativa histórica do cinema feito em Moçambique, é ainda reduzida. No entanto, publicações multiplicam-se por iniciativa de pesquisadores noutros países, com os quais existem quase sempre relações históricas. Essa pesquisa é informada teoricamente pelas especialidades e interesses dos investigadores e as análises são produzidas sob o prisma de várias disciplinas, constroem discursos exógenos sobre o contexto histórico e político, criativo e educativo, tomando a forma de artigos, seminários, ensaios audiovisuais ou documentários. O material de trabalho constitui-se em dois eixos principais: os filmes e as vozes dos seus autores, recolhidas através de entrevistas, parte delas realizadas durante “visitas de campo”. Alguns entrevistados manifestam sentimentos de desconforto e referem incoerências, lapsos no *cross-check* de referências, nomes e “factos”, distanciando-se das interpretações desse corpo de conhecimento produzido, disperso e por sistematizar.

A nossa apresentação é realizada do lugar de fala do projeto Museu do Cinema em Moçambique, relatando experiências

da iniciativa da investigadora, desde 2017, e três momentos charneira desse processo, nomeadamente, i) a construção de protótipos de ferramentas digitais para uso BYOD na educação não-formal – como serviço educativo do museu –; ii) a sua utilização num contexto académico, através de uma experiência de criação curricular no ensino superior – as duas dimensões se comunicam e retroalimentam – e; iii) um projeto de criação de uma oferta turística cultural, um *walking tour* mediado por realidade aumentada, num diálogo interdisciplinar experimental com o património arquitetónico constituído por antigas salas de cinema da baixa da cidade de Maputo.

O artigo analisa os momentos referidos, do ponto de vista da patrimonialização, da oralidade e da memória na construção da narrativa histórica e da intermediação das tecnologias móveis que estão na origem do modelo de design de interação. Em particular, fazendo referência aos processos colaborativos e participativos dessa construção, favorecidos, em grande medida, pelo ambiente digital, e enumerando brevemente, alguns dos principais desafios da materialização dessas experiências.

### **Palavras-chave**

Cinema; História; Moçambique; Educação; TIC.

### **Referências**

- Manhiça, D. (2021), Aplicação de dois protótipos para mobile e blended learning no ensino-aprendizagem da(s) história(s) do cinema em Moçambique: um estudo de caso no ensino superior, Universidade Aberta, disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11450>
- Convents, G. (2011), Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual (1986-2010), Edições Dockanema/Afrika Film Festival



- Kilomba, G. (2016), Descolonizando o conhecimento, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs&t=24s>
- Prysthon, A. (2006), Imagens periféricas: os Estudos Culturais e o Terceiro Cinema, disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/73/73>
- Mestman, M. (2016), Argel, Buenos Aires, Montreal: the Third World Cinema Committee (1973-1974), disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317814366>
- Tapscott, D. (2008). Grown Up Digital, McGraw-Hill eBooks. disponível em: <http://www.dontapscott.com/books/grown-digital/>
- Jacobs, M & Schroyen M., (2016). ErfgoedApp. an educational experiment with augmented reality, cityscapes and campuscapes in Brussels, disponível em: <https://biblio.vub.ac.be/vubirfiles/26825917/Erfgoedappartikel.pdf>

### **Direito(s) de olhar: a questão decolonial e o festival de cinema DocLisboa**

Maria da Luz Correia – Universidade dos Açores, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Isabel Macedo – Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

**Email:** [maria.lf.correia@uac.pt](mailto:maria.lf.correia@uac.pt); [sabel.macedo@ics.uminho.pt](mailto:sabel.macedo@ics.uminho.pt)

A proliferação de festivais de cinema em Portugal e a sua progressiva importância para os processos de reconfiguração cultural, social e política têm sido um assunto chave no cinema português contemporâneo (Liz, 2018, p.1). Dos primeiros festivais de cinema nos anos 60, à sua multiplicação como contraponto aos cinemas multiplex nos shoppings nos anos

90, até à sua diversificação no séc. XXI, a história dos festivais de cinema em Portugal tem vindo a ser repensada nos últimos anos (Leão, 2020, p.164). Como eventos remediados que, do ponto de vista da produção e da receção, fazem dialogar a “velha” experiência da sala de cinema e do cinematógrafo com a nossa “nova” cultura digital, os festivais de cinema são parte da cultura tecnológica contemporânea e devem integrar uma “arqueologia dos média”, atenta aos processos de rutura, mas também de continuidade (Elsaesser, 2016).

Dito isto, mais do que rever as afinidades e disputas entre os meios cinematográfico e digital, a presente proposta, a partir de uma abordagem situada epistemologicamente nos estudos dos média e nos estudos culturais, quer estudar a relação entre o cinema e um mais vasto processo de mudança cultural, procurando compreender de que modo estes festivais, nas suas dimensões estéticas e tecnológicas, mas também sociais e políticas, têm contribuído para o movimento que a filósofa francesa Marie José Mondzain (2020, p.223) apelida de “descolonização do imaginário”. Para Mondzain, esta última implica a igualdade incondicional dos sujeitos e pugnar por ela significa abrir um espaço sensível, inventar lugares de encontro, onde coexistimos no dissenso. Trata-se de espaços vocacionados para a “reivindicação de uma subjetividade política” que o norte-americano Nicolas Mirzoeff reconhece nessa figura coletiva do “direito de olhar” (Mirzoeff, 2011; Plissart & Derrida, 1985). Neste sentido, e a par de estudos que têm explorado a afinidade histórica entre o impulso documentário, a antropologia e os impérios coloniais (Vicente, 2014; Flores, Correa & Vasconcelos, 2021), visamos os festivais de cinema documentário e a forma como têm reconfigurado este “direito de olhar”. Inspiradas pelo pensamento decolonial (Mbembe, 2016; Mignolo & Walsh,

2018; Shome, 2019), questionamo-nos, através do estudo da programação, atividades, públicos e projetos educativos, de que modo estes festivais têm resistido às assimetrias visuais que permeiam a circulação quotidiana de imagens, ou noutras palavras, de que modo, recorrendo a diferentes formatos, ações e média, têm sabotado as desigualdades que alimentam a máquina imperial.

Partindo destes pressupostos, selecionamos como estudo de caso o festival internacional de cinema Doclisboa, criado em 2004 pela Apordoc, uma associação cultural sem fins lucrativos, dando especial enfoque à sua 20ª edição e, particularmente, à retrospectiva *A questão colonial* e às interceções desta última com o projeto educativo. Procederemos à análise da programação da já referida retrospectiva, de excertos de filmes aí inseridos e de uma entrevista realizada com a responsável do projeto educativo.

### **Palavras-chave**

Cinema; Documentário; Direito de olhar; Decolonial; DocLisboa.

### **Referências**

- Elsaesser, T. (2016). *Film History as Media Archaeology: Tracking Digital Cinema*. Amsterdam University Press.
- Flores, C. & Vasconcelos (org) (2021). *Imagens & Arquivos, Fotografias e Filmes*. IC NOVA.
- Leão, T. (2021). Para uma Análise dos Festivais de Cinema em Portugal: Génese, institucionalização e desafios". *Aniki*, 8, (1), 158-192.
- Liz, M. (2018). *Portugal's Global Cinema: Industry, History and Culture*. IB Tauris.
- Mirzoeff, N. (2011). *The Right to Look: A Counterhistory of Visuality*. Duke University Press.

- Mondzain, M. J. (2020). K comme Kolonie. Kafka et la décolonisation de l'imaginaire. La Fabrique.
- Mbembe, A. (2016). Politiques de l'inimitié. La Découverte.
- Mignolo, W. D., & Walsh, C. E. (2018). On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis. Duke University Press.
- Plissart, M. F. & Derrida, J. (1985). Droit de regards. Éditions de Minuit.
- Shome, R. (2019) Thinking Culture and Cultural Studies—from/ of the Global South, Communication and Critical/Cultural Studies, 16:3, 196-218.
- Vicente, F. (org) (2014). O Império da Visão. A Fotografia no Contexto Colonial português (1860-1960). Edições 70.

### **Análise rizomática da linguagem audiovisual no filme para Instagram *Eva.Stories***

João Paulo de Carvalho dos Reis e Cunha – Universidade de Sorocaba, Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [joapcrc@gmail.com](mailto:joapcrc@gmail.com)

O objetivo deste trabalho é elaborar um mapa rizomático da linguagem audiovisual do filme para Instagram *Eva.Stories*, e as suas conexões com as especificidades técnicas e interativas desta plataforma digital e rede social. Nesta obra (disponível no perfil <https://www.instagram.com/eva.stories>), os criadores basearam-se na história real de uma adolescente húngara de origem judia (Eva Hayman), capturada em 1944 pelos nazistas e morta no campo de concentração de Auschwitz, na Polónia. Os produtores recriaram a sua história, baseados no diário deixado pela garota, imaginando como seria se ela tivesse em mãos um *smartphone* com o Instagram, no qual registaria

visualmente o seu quotidiano nos *stories*, até o momento fatal de ser levada ao campo de concentração. Ao invés de produzir um longa-metragem cinematográfico tradicional, os realizadores contaram a história através de 70 *stories* curtos e outros recursos do aplicativo, nos quais a personagem regista em forma de fotos e vídeos o seu diário, mostrando a sua rotina e da sua família que gradualmente torna-se mais tensa à medida que a ameaça nazista se intensifica.

Num primeiro momento, faremos uma análise da linguagem audiovisual empregada na série de *stories* com o olhar para a morfologia e sintaxe tradicionais do cinema, conforme os critérios e metodologia descritos por Aumont (2013) e Vanoye e Goliot-Lété (1994). Dado que esses *stories* incorporam elementos visuais típicos das plataformas digitais e redes sociais (*stickers*, *emojis*, sobreposições de gráficos e textos, gravações em *ping-pong*), entram em relação também com uma estética videográfica, cujos aspetos elencaremos a partir de Bellour (1997), Dubois (2004) e Machado (2010). A maleabilidade da imagem eletrónica do vídeo (analógico ou digital) permite, segundo Dubois (2004), diversas formas de mescla de elementos visuais, através de sobreimpressões e incrustações, o que lhe confere, segundo este autor, uma “espessura”.

Finalmente, elaboraremos um mapa das múltiplas conexões entre os elementos das linguagens cinematográfica e videográfica em *Eva.Stories*, assim como estas se articulam com aspetos formais e técnicos característicos da plataforma Instagram (verticalidade do ecrã, fragmentação da duração, possibilidades interativas do utilizador através do toque no ecrã ou nos comentários e reações). Para isto, adotaremos o conceito de rizoma segundo Deleuze e Guattari (1995; 1997), para os quais tal conceito demonstra que “cadeias semióticas

de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 14). Dessa forma, almejamos explicitar como as particularidades da linguagem audiovisual na obra citada dialogam com os recursos tecnológicos da plataforma Instagram e apresentam formas expressivas específicas à sua concepção para este meio digital contemporâneo.

### Palavras-chave

Linguagem audiovisual; Redes sociais; Rizoma.

### Referências

- Aumont, J. (2013). *A análise do filme*. Texto e Grafia.
- Bellour, R. (1997). *Entre-imagens*. Papyrus.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Editora 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 5). Editora 34.
- Dubois, P. (2004). *Cinema, vídeo, Godard*. Cosac & Naify.
- Machado, A. (2001). *Máquina e imaginário: O desafio das poéticas tecnológicas*. Edusp.
- Machado, A. (2010). *Arte e mídia*. Jorge Zahar.
- Manovich, L. (2001). *The language of new media*. MIT Press.
- Martin, M. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Dinalivro.
- Murray, J. H. (2003). *Hamlet no holodeck: O futuro da narrativa no ciberespaço*. Unesp.
- Parente, A. (2011). *Imagem-máquina: A era das tecnologias do virtual*. Editora 34.
- Vanoye, F. & Goliot-Lété, A. (1994). *Ensaio sobre a análise fílmica*. Papyrus.

**16H00 PAUSA PARA CAFÉ**

**16H15 SESSÕES PARALELAS**

## **SESSÃO TEMÁTICA XII – SOCIABILIDADES E PROCESSOS DE CRIAÇÃO**

### **Anfiteatro 1.4**

**Moderação:** Patrícia Dourado – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### **Mulheres Marés: da lata d'água na cabeça à luta pelo chão. Práticas ancestrais e tecnologias digitais: um processo criativo em trânsito**

Alessandra Flores Ferreira de Souza – Universidade Federal da Bahia, Universidade de Aveiro, Bruna Pegna Hercog – Universidade Federal da Bahia

**Email:** [alessandraflores@ua.pt](mailto:alessandraflores@ua.pt); [hercog@gmail.com](mailto:hercog@gmail.com)

As práticas quilombistas (NASCIMENTO, 1980) garantem sobrevivências ao longo dos séculos: famílias estendidas, associações comunitárias, redes de troca solidárias, distintas insurgências de populações afrodiaspóricas que têm na união seu alicerce. Ao atuar nas brechas dos sistemas coloniais e capitalistas, estas práticas ancestrais abrem espaço, na marra e na ginga, para que populações negras e indígenas se mantenham vivas e possam difundir suas vozes e seus conhecimentos. Este artigo visa descrever e analisar, a partir da noção de quilombismo, o processo colaborativo de criação (ABREU, 2003) desenvolvido durante o projeto *Mulheres Marés: da lata d'água na Cabeça à luta pelo chão* com Adilza Cerqueira, Ana Rosa dos Santos, Elza Cândida Barros, Josilda Moura, Maria Augusta Dantas,

Maria de Lourdes Silva, Maria Lindalva dos Prazeres e Maria do Amparo Santana – mulheres negras, idosas, com distintos níveis de escolaridade, integrantes do Grupo de Consciência Negra (GRUCON) e moradoras da Pensínsula de Itapagipe, Bahia, Brasil. Em comum, elas têm uma longa história de organização comunitária, desde a vida em palafitas até a conquista coletiva do direito à moradia digna. No artigo, especificamente relacionaremos as práticas ancestrais de resistência e o acesso às tecnologias digitais, tendo o diálogo intergeracional como importante operador neste trânsito. Para esse objetivo, recorreremos à análise qualitativa dos registros do processo de criação, realizado por meio de plataformas digitais, e aos vídeo-poemas e textos autorais produzidos pelas Mulheres Marés. Os conteúdos serão articulados com conceitos-chave como o de escrevivência (EVARISTO, 2017), a pedagogia das encruzilhadas (RUFINO, 2018), o movimento negro educador (GOMES, 2017) e costurados pela ética amorosa (HOOKS, 2020). A perspectiva de epistemologias das quebradas (HERCOG, 2022, p. 300) também será articulada, visto que convida a ler “as práticas artísticas e comunicacionais que se organizam comunitariamente em territórios violentados como forma efetiva de produção de conhecimentos, uma vez que amplia e alarga o próprio entendimento de epistemologia”. O projeto teve como objetivo ecoar as escrevivências das Mulheres Marés publicadas no livro *Assoalho de Lembranças* (2017) e foi realizado no período de isolamento social, na pandemia de Covid-19. Foram realizados ensaios e gravações via plataforma Zoom e feito o uso de um grupo de WhatsApp por meio do qual as senhoras compuseram suas próprias narrativas, presentes nos vídeo-poemas, ao enviar fotografias, vídeos e áudios do seu cotidiano. Formou-se uma grande rede colaborativa entre as senhoras e suas famílias. Ao trabalhar junto com suas mães,



esposas, sogras, avós, os maridos, filhos, netos, puderam conhecer as atrizes, escritoras, mulheres imensas que estavam a vida toda ao lado deles, mas quase sempre desempenhando outros papéis. Isso mesmo é exemplificado por depoimentos como esse: “Meu marido e meu filho agora estão me vendo como artista. Sabe o que é isso?” (Adilza Cerqueira).

### **Palavras-chave**

Quilombismo; Práticas ancestrais; Diálogo intergeracional; Tecnologias digitais; Escrivência.

### **Referências**

- ABREU, L. A. (2003). Processo Colaborativo: relato e reflexões sobre uma experiência de criação”. *Cadernos da ELT, v. 1, (0)*, p. 33-41.
- BONFIM, C.; FRANÇA, N; HERCOG, B.; VIEIRA, V. (2022). Rumo a uma epistemologia das quebradas: ativismos juvenis para além da resistência. *Revista PragMatizes, v. 12, (22)*, pp. 245-269.
- EVARISTO, C. (2017). *Becos da Memória*. (1.ª ed.) Belo Horizonte: Pallas.
- FLORES, A. HERCOG, B (org) (2017). *Assoalho de Lembranças*. 1a ed. Salvador, Bahia.
- HOOKS, B. (2020). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- NASCIMENTO, A. (1980). *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- RUFINO, L. (2018). Pedagogias das Encruzilhadas. *Revista Periferia, v.10, (1)*, pp. 71-88. <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>

## RÉQUIEM PARA TINDERINA CYBER Match 2 #Leitura@Captura&Controle\o/Desejo nas aplicações de encontro

Gabriela Nicolau dos Santos – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Ana Stella de Almeida – Universidade do Porto, Andrezza Alves – Universidade de Lisboa

**Email:** [gabrielanicolau@ua.pt](mailto:gabrielanicolau@ua.pt); [stellazim@gmail.com](mailto:stellazim@gmail.com); [andrezza.alves@edu.ulisboa.pt](mailto:andrezza.alves@edu.ulisboa.pt)

Hoje, em 2023, percebemos que a pandemia de Covid-19 nos colocou diante da necessidade de quebrar paradigmas. A privação do convívio social, por exemplo, impulsionou vivências variadas no âmbito dos encontros, fazendo com que as modalidades virtuais de “alcovitagem” ganhassem difusão e apelo globais. Se, por um lado, a possibilidade de conhecer pessoas expandiu-se, por outro, os desejos e expectativas projetados por cada uma das partes sobre o resultado dos encontros também passaram a colidir com mais força, agravando as rachaduras do já fraturado terreno das relações. É neste contexto da quebra de paradigmas que objetivamos analisar os entrecruzamentos entre o pensamento de Donna Haraway (1991), Achille Mbembe (2020), Anzaldúa (2012) e Deleuze & Guattari (1972), para, alicerçadas em experiências pessoais com os aplicativos de encontro, questionar: O que acontece com o desejo em tempos de algoritmos? Os algoritmos reconhecem corpos? Se sim, há corpos e rostos pelos quais eles têm preferência? Podem pensamentos, emoções e afetividades transcender a sua lógica?

Donna J. Haraway em seu *Um Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX* (1991) defende uma “crítica feminista da ciência”, afirmando a urgên-

cia e importância de que se deixe de conceber a mulher como uma categoria que é definida a partir dos pontos que todas as mulheres têm “em comum”. Para Haraway, esta espécie de “política da identidade” não corresponde ao que é ou pode ser o feminino e, conseqüentemente, à mulher. A autora defende que se estabeleça uma ruptura com essa política que une pelas características comuns e que, em seu lugar, se funde uma coalizão que dê conta de considerar, ao mesmo tempo, as diferenças e as proximidades entre as mulheres. Ela chama esta coalizão de “política de afinidades” e apresenta como síntese desta política a figura do Ciborgue, uma criatura formada por fusões entre máquina e organismos biológicos, uma mistura entre realidade social e ficção, que não se constitui como um corpo sólido, com componentes definidos.

Achille Mbembe (2020), por sua vez, defende que a humanidade acaba de entrar em sua última era – demolidora e brutal, produtivista e obscura, em que qualquer ordenamento humano se rege pela computação e pelo algoritmo. Em sua argumentação, Mbembe reflete acerca do neoliberalismo como um colonialismo à escala global.

Defendemos que apesar de todos os desmentidos, o sujeito contemporâneo encontra-se angustiado, dilacerado entre vários corpos: o corpo máquina, o corpo aparelho e, sobretudo, o corpo imagem fabricado pelas tecnologias. Buscamos, a partir de referências próprias e mestiças (somos brasileiras e portuguesas, daí o uso de *Borderlands*, de Anzaldúa) demonstrar como, obedecendo à lógica capitalista, o desejo (Deleuze & Guattari, 1972) é aprisionado pelas aplicações de encontro e como estas reproduzem e retroalimentam um mundo em que a “solteirice” é entendida como um mal e, os solteiros, os novos apátridas.

**Palavras-chave**

Corpo feminino; Algoritmos; Aplicações de encontro; Desejo.

**Referências**

- Anzaldúa, G. (2012). *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1972). 1976. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Haraway, C. J. 1991. *A Cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century* In: *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. New York, Routledge.
- Mbembe, A. (2020). *Brutalismo*. Lisboa, Antígona.

**Sociabilidades Digitais: usos e contra-usos do Growlr**

Alexandre Rodolfo Alves de Almeida – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Maria Manuel Baptista – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [araalmeida@ua.pt](mailto:araalmeida@ua.pt), [mbaptista@ua.pt](mailto:mbaptista@ua.pt)

Neste trabalho apresentaremos uma investigação exploratória sobre os usos e contra-usos da aplicação *Growlr*, uma rede social baseada em localização ou *location-based social network* (LBSN). Esta investigação é um recorte da tese de doutoramento do primeiro autor no Programa Doutoral em Estudos Culturais, na Universidade de Aveiro, orientada pela Professora Doutora Maria Manuel Baptista.

O *Growlr* pode ser acedido por qualquer pessoa por meio de um *smartphone*, de forma gratuita ou através de uma assinatura mensal, em troca de vantagens dentro da aplicação,

nomeadamente o acesso a mais utilizadores. O objetivo principal declarado pela ferramenta é viabilizar encontros ‘reais’ entre homens que fazem sexo com homens, sejam eles héteros, gays ou bissexuais, que estão próximos geograficamente. A aplicação conta com o uso da tecnologia de geolocalização.

Como toda aplicação deste género, com o tempo, os usos dados ao *Growlr* foram expandidos (Blackwell et al., 2014). É possível agora identificar usos não-sexuais da plataforma, provavelmente causada pela forte ampliação da base de utilizadores, que multiplicam e diversificam as formas de interação entre os sujeitos, mas também por causa da parcela de indivíduos que consideram aplicações de ‘busca de sexo’ problemáticas.

Hoje o *Growlr* não está sozinho na categoria de rede social locativa direcionada aos homens que fazem sexo com homens. *Grindr*, *Scruff* e *Hornet* são outros exemplos de aplicações com proposta similar, cada um com suas especificidades, mas com um funcionamento basicamente igual: uma ementa interminável de pessoas e possibilidades (Gibbs & Rice, 2016). Nas fotos estão expostas, na maior parte das vezes, apenas partes do corpo, em geral o tronco nu. O mais comum de encontrar são homens brancos e cisgéneros.

Assim, interessam-nos as formas pelas quais o acesso e a utilização do *Growlr* são incorporados na formação das identidades de homens que buscam relações sexuais e afetivas com outros homens, seja como meio de empoderamento e resistência seja como dispositivos de reprodução normativa, ou seja, mecanismos de disfarce e ocultação das identidades de género em público.

### **Palavras-chave**

Estudos Culturais; Estudos Ursinos; Geolocalização; Redes Sociais.

## Referências

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Zahar.
- Bilandzic, M., & Foth, M. (2012). A review of locative media, mobile and embodied spatial interaction. *International Journal of Human-Computer Studies*, 70(1), 66–71. <https://doi.org/10.1016/j.ijhcs.2011.08.004>
- Blackwell, C., Birnholtz, J., & Abbott, C. (2014). Seeing and being seen: Co-situation and impression formation using Grindr, a location-aware gay dating app. *New Media & Society*. <https://doi.org/10.1177/1461444814521595>
- Brown, L. (2014). Fat Is a Bearish Issue. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book II: Further Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 39–54). Routledge.
- Butler, J. (1993). *Bodies That Matter: On The Discursive Limits of «Sex»*. Routledge.
- Butler, J. (2009). Performativity, precarity and sexual politics. *AIBR Revista de Antropologia Iberoamericana*, 4(3), i–xiii. <https://doi.org/10.11156/aibr.040303>
- Cardoso, C. de M. C., & Costa, A. L. R. C. da. (2013). O peso de viver em um corpo obeso. *Reme: Revista Mineira de Enfermagem*, 17(4). <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20130059>
- Castells, M. (2007). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1* (L. B. L. Orlandi, Trad.). Editora 34.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia* (M. Schnaiderman & R. J. Ribeiro, Trads.). Perspectiva.
- Diniz, A. H. T. (2017). *Os Corpos dos Ursos: Uma Etnografia do Meio Ursino Paulistano* [Mestre em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas]. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2017.985188>

- Farman, J. (Ed.). (2014). *The Mobile Story: Narrative Practices With Locative Technologies*. Routledge.
- Foucault, M., & Miskowiec, J. (1986). Of Other Spaces. *Diacritics*, 16(1), 22–27. <https://doi.org/10.2307/464648>
- Gibbs, J. J., & Rice, E. (2016). The Social Context of Depression Symptomology in Sexual Minority Male Youth: Determinants of Depression in a Sample of Grindr Users. *J Homosex*, 63(2), 278–299. <https://doi.org/10.1080/00918369.2015.1083773>
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Vozes.
- Hennen, P. (2005). Bear Bodies, Bear Masculinity: Recuperation, Resistance, or Retreat? *Gender & Society*, 19(1), 25–43. <https://doi.org/10.1177/0891243204269408>
- Lemos, A. (2007). Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. *MATRIZES*, 1(1), 121–137.
- Lemos, A. (2008a). Mídias Locativas e Territórios Informacionais. Em L. Santaella & P. Arantes (Eds.), *Estéticas Tecnológicas: Novos Modos de Sentir* (pp. 207–230). EDUC.
- Lemos, A. (2008b). Mobile communication and new sense of places: A critique of spatialization in cyberculture. *Galáxia*, 16, 91–108.
- Lemos, A. (2009). Arte e Mídia Locativa no Brasil. *XVIII Encontro da Compós*.
- Lima, P. A. M. de. (2004). Entre homens, entre ursos: Devires animais na floresta gay. Em D. Lopes, B. Bento, S. Aboud, & W. Garcia (Eds.), *Imagem & Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura* (pp. 332–336). Nojosa Edições.
- Manley, E., Levitt, H., & Mosher, C. (2007). Understanding the Bear Movement in Gay Male Culture. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 89–112. <https://doi.org/10.1080/00918360802103365>

- Martins, M. de L. (2011). *Crise no Castelo da Cultura: Das Estrelas Para os Ecrãs*. Grácio Editor.
- Monaghan, L. F. (2016). Big Handsome Men, Bears and Others: Virtual Constructions of 'Fat Male Embodiment'. *Body & Society*, 11(2), 81–111. <https://doi.org/10.1177/1357034x05052463>
- Ridinger, R. B. M. (2013). Bearaphernalia: An Exercise in Social Definition. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 83–88). Routledge.
- Sibilia, P. (2008). *O Show do Eu: A Intimidade Como Espetáculo*. Nova Fronteira.
- Suresha, R. (2013). Bear Roots. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 41–49). Routledge.
- Turkle, S. (1997). *A Vida no Ecrã: A Identidade na Era da Internet* (P. Faria, Trad.). Relógio D'Água.
- Turkle, S. (2011). *Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books.
- Whitesel, J. (2014). *Fat Gay Men: Girth, Mirth, and the Politics of Stigma*. New York University Press.
- Wright, L. (2013a). Introduction: Theoretical Bears. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 1–39). Routledge.
- Wright, L. (Ed.). (2013b). *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315783734>
- Wright, L. (Ed.). (2014). *The Bear Book II: Further Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203047644>



## SESSÃO TEMÁTICA XIII - REDES SOCIAIS DIGITAIS

### Anfiteatro 1.3

**Moderação:** Sandra Cortes Moreira – Universidade de Huelva, Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

### Cibergaleguismo e cibergalegidade nas redes: a proxección da lingua e cultura galega en TikTok

Olivia Novoa Fernández, María Jesús Botana Vilar – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Centro de Estudos Galegos, Claudia Mariño Gómez, Universidade de Varsovia, Centro de Estudos Galegos

**Email:** [onfernandez@ualg.pt](mailto:onfernandez@ualg.pt); [mjvilar@ualg.pt](mailto:mjvilar@ualg.pt); [marino.gomez.claudia@hotmail.com](mailto:marino.gomez.claudia@hotmail.com); [lsgarcia@ualg.pt](mailto:lsgarcia@ualg.pt)

Desde a súa aparición, TikTok converteuse nunha das redes mais usadas pola mocidade para compartir vídeos de curta duración sobre os mais variados temas e fundamentalmente cunha finalidade de entretemento. Con todo, tamén constitúe un espazo para debater asuntos que lles preocupan, divulgar contidos culturais que lles interesan e participar mediante comentarios ou usando o formato audiovisual do vídeo vertical que caracteriza esta rede.

Neste ecosistema mediático, tamén a lingua e a cultura galegas van gañando o seu espazo, precisamente nun momento en que o seu uso como primeira lingua na Galiza esmoreceu notabelmente entre as xeracións máis novas. Atendendo a esta contradictoria realidade virtual e social do uso do galego, pretendemos analizar o tipo de contidos que crean e consomen os *tiktokeiros*. Neste estudo exploratorio examinaremos algúns dos perfís máis coñecidos, debuzándonos especial-

mente en cuestións como a adaptación do uso e divulgación da lingua e da cultura galega, así como na imaxe identitaria da galegitude que estes proxectan nas redes sociais. Presentaremos exemplos de contidos de entretemento, comunicación científica e divulgación cultural ou lingüística, que impulsan un debate necesario sobre o uso da lingua, a multimedialidade, o *hashtivismo*, a polarización, a instrumentalización ou o xurdimento de comunidades dixitais interesadas na cultura e na lingua galega.

### Palabras clave

Redes Sociais; TikTok; Linguas minoritarias; Galego.

### Referencias

- Álvarez Blanco, R. (Coord.). (2017). *Prácticas e actitudes lingüísticas da mocidade en Galicia*. Consello da Cultura Galega. <http://consellodacultura.gal/publicacion.php?id=4293>
- Bekesas, W. R., Riegel, V., & Mader, R. V. (2016). Consumo midiático juvenil em experiências cosmopolitas: entre o entretenimento global e as prácticas locais. *Comunicação Mídia e Consumo*, 13(36), 112-130. <https://doi.org/10.18568/cmc.v13i36.1047>
- Varela Armas, L. (2015). Internet e as linguas subordinadas: aproximación ao caso das línguas galega e maorí. In M. A. Marques e X. M. Sánchez Rei (Eds.), *Revista Galega de Filoloxía. Monografía: Novas perspectivas lingüísticas no espaço galego-português*, 201-231. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=519181>
- Novoa Fernández, O., Martins, A. F. e Reia-Baptista, V. (2017). “Literacia dos média no ensino de línguas e novos contextos de aprendizagem: os canais de YouTube”. En Pereira, Sara y Pinto, Manuel (eds.). *Literacia, Media e Cidadania*,

*Libro de atas do 4.º Congresso. LASICS-CECS. Universidade de Minho, pp. 375-385. [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2688](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2688)*

### **Ganhar distância do digital: peregrinação pós-secular e pós-digital**

Ana Jorge – Universidade Lusófona, Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias

**Email:** [ana.jorge@ulusofona.pt](mailto:ana.jorge@ulusofona.pt)

O turismo de férias contém uma expectativa de fuga à sobrecarga de distrações que caracterizam as vidas contemporâneas (Farkic et al., 2022), incluindo os media digitais. Estas práticas turísticas incluem programas de ‘desintoxicação digital’ (Sutton, 2020; Hesselberth, 2021), turismo sem meios digitais (Syvertsen, 2022), de natureza (Schwarzenegger & Lohmeier, 2021) ou de lazer ativo (Ferreira & Lampinen, 2021). Os turistas procuram aproveitar o ambiente procurando garantir a segurança (Rosenberg, 2019; Dickinson et al., 2016), mas podem também surgir ansiedades e desconforto.

Entre o turismo e a espiritualidade, também na peregrinação pós-secular (Nilsson & Tesfahuney, 2018) se nota uma tentativa de desligar do quotidiano que coloca o *smartphone*, em particular, como um instrumento sob controlo: enquanto se mantêm contactos com um grupo seleccionado e se faz um uso mais estratégico e instrumental de serviços de localização, contactos logísticos e captura de imagem (Jorge, 2023).

Esta comunicação foca a forma como a peregrinação a Santiago de Compostela é construída nas redes sociais, por utilizadores e instituições, como uma prática para se

afastar dos media digitais. O estudo analisa conteúdos de Instagram durante 2022, usando *hashtags* ou associando a localizações, demonstrando a tensão pós-digital (Cramer, 2015) entre a in/dispensabilidade dos meios digitais.

### Palavras-chave

Redes sociais; Instagram; Peregrinos; Desconexão.

### Referências

- Cramer, F. (2015). What Is 'Post-digital'? In D. M. Berry & M. Dieter (Eds.), *Postdigital Aesthetics: Art, Computation and Design* (pp. 12–26). Palgrave Macmillan.
- Dickinson, J. E., Hibbert, J. F., & Filimonau, V. (2016). Mobile technology and the tourist experience: (Dis)connection at the campsite. *Tourism Management*, 57, 193–201.
- Farkic, J., Isailović, G., & Lesjak, M. (2022). Conceptualising Tourist Idleness and Creating Places of Otium in Nature-Based Tourism. *Academica Turistica*, 15(1), 11–23. <https://doi.org/10.26493/2335-4194.15.11-23>
- Ferreira, P., & Lampinen, A. (2021). Disconnecting on Two Wheels: Bike touring, leisure and reimagining networks. In A. Chia, A. Jorge, & T. Karppi (Eds.), *Reckoning with Social Media* (pp. 189–205). Rowman & Littlefield.
- Hesselberth, P. (2021). Retreat culture and therapeutic disconnection. In A. Jansson, & P. C. Adams (Eds.), *Disentangling: The Geographies of Digital Disconnection* (pp. 253–270). Oxford University Press.
- Jorge, A. (2023). Pilgrimage to Fátima and Santiago after COVID: Dis/connection in the post-digital age. *Mobile Media & Communication*, 20501579221151040. <https://doi.org/10.1177/20501579221151041>

- Nilsson, M., & Tesfahuney, M. (2018). The post-secular tourist: Re-thinking pilgrimage tourism. *Tourist Studies*, 18(2), 159–176. <https://doi.org/10.1177/1468797617723467>
- Rosenberg, H. (2019). The “flashpacker” and the “unplugged”: Cell phone (dis)connection and the backpacking experience. *Mobile Media & Communication*, 7(1), 111–130. <https://doi.org/10.1177/2050157918777778>
- Schwarzenegger, C., & Lohmeier, C. (2021). Creating opportunities for temporary disconnection: How tourism professionals provide alternatives to being permanently online. *Convergence*. <https://doi.org/10.1177/13548565211033385>
- Sutton, T. (2020). *Digital re-enchantment: Tribal belonging, new age science and the search for happiness in a digital detoxing community* [PhD, University of Oxford]. <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:dd83e6d0-aa32-4c4e-b925-5cdb505a60c9>
- Syvetsen, T. (2022). Offline tourism: Digital and screen ambivalence in Norwegian mountain huts with no internet access. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 22(3), 195–209. <https://doi.org/10.1080/15022250.2022.2070540>

### **(Des)Criminalizar: quais emoções estão presentes nos argumentos contra e a favor do aborto no Instagram?**

Lana Gomides, Maria Manuel Baptista, Rui Alexandre Grácio – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [lanagomides@ua.pt](mailto:lanagomides@ua.pt); [mbaptista@ua.pt](mailto:mbaptista@ua.pt); [rgracio@ua.pt](mailto:rgracio@ua.pt)

Sob as contribuições de Ruth Amossy (2020), este breve estudo pretende discutir as possíveis emoções presentes em argumentos no âmbito dos direitos humanos para mulheres, especificamente ao que diz respeito ao aborto. Aliás, por se tratar

de um tema fraturante, os sujeitos na posição de oradores necessitam articular seus discursos conforme as premissas mais amplamente aceitas por seu auditório com o intuito de persuadi-lo (Amossy, 2020, p. 69).

Ao considerar a dimensão da cultura digital, o alcance de conteúdos compartilhados em meios de comunicação, como a rede social Instagram, é significativo. Ao mesmo tempo em que isso amplia a oportunidade de adesão de mais sujeitos a uma causa, exige cautela na escolha de repertórios a serem acionados por parte dos oradores. A heterogeneidade desse auditório reforça a busca por recursos emotivos, até porque “as emoções não são apenas coadjuvantes no processo argumentativo; elas são ‘argumentáveis’ e podem ser tomadas como objectos de discurso” (Gil, 2021, p. 14).

Ademais, no caso da mediatização do debate sobre o aborto, há a construção de “um espaço público onde o tema se torna um tema de interesse público, discutido numa ‘arena’ em resultado das operações de ‘focalização’ e de ‘espectacularização’” (Gil, 2021, p. 16).

Ao analisar o discurso referendário relacionado à discussão sobre a descriminalização do aborto em Portugal, tanto ao que diz respeito ao referendo de 1998 quanto ao de 2007, Isabel Fuzeta Gil (2021) identificou que o tema suscita uma polaridade em que, de um lado, o consenso majoritário reside sobre a vida humana embrionária, enquanto o outro está centrado na vida da mulher em situação adversa.

Com tal questão em vista, este artigo propõe analisar, no campo dos Estudos Culturais, os argumentos de duas organizações situadas no Brasil – Associação Santos Inocentes e Anis (Instituto de Bioética) –, que trabalham com a temática em evidência. Apesar de não ser o único canal de comunicação utilizado para alcançar seus auditórios, ambas recorrem ao

Instagram, dispondo de recursos imagéticos e verbais para a exposição de seus posicionamentos sobre o aborto.

Como suporte para análise, serão úteis os estudos feministas e interseccionais de autores como María Lugones (2018), Stuart Hall (2016), Luce Irigaray (2018), Rita Segato (2018) e Angela Davis (2017).

### **Palavras-chave**

Aborto; Argumentação; Direitos Humanos; Estudos Culturais.

### **Referências**

- Amossy, R. (2020). *A argumentação no discurso*. 1ª edição, Editora Contexto. São Paulo.
- Davis, A. (2017). *Mulheres, cultura e política*. 1ª Edição. Boitempo. São Paulo.
- Gil, I. (2021). *Discurso, conflito e argumentação. Das emoções no(s) discurso(s) em contexto referendário*. 1ª edição, Grácio Editor. Coimbra.
- Hall, S. (2016). *Cultural studies 1983*. 1ª edição. Duke University Press. Durham and London.
- Irigaray, L. (2018). Então, quando nos tornaremos mulheres?. Em: M. M. Baptista (ed), *Gênero e performance: Textos essenciais 1*. Grácio Editor. Coimbra. p. 145-148.
- Lugones, M. (2018). Heterossexualismo e o sistema de gênero colonial/moderno. Em: M. M. Baptista (ed), *Gênero e performance: Textos essenciais 1*. Grácio Editor. Coimbra. p. 239-270.
- Segato, R. L. (2016). *La guerra contra las mujeres*. Ed. Traficantes de Sueños – Mapas. Madrid.

## SESSÃO TEMÁTICA XIV – TEATRO, PERFORMANCE E RESISTÊNCIA

### Anfiteatro 0.5

**Moderação:** Ana Paula Baião Aniceto – Universidade do Algarve, Escola Superior de Educação e Comunicação

### A cultura da Ciberperformatividade: reflexões sobre as artes performativas na internet

Rosimária Sapucaia, Juliana Wexel, Mirian Tavares – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [rosysrocha@gmail.com](mailto:rosysrocha@gmail.com); [julianawexel@gmail.com](mailto:julianawexel@gmail.com); [miriantavar@gmail.com](mailto:miriantavar@gmail.com)

A contingência dos confinamentos durante a pandemia do Covid-19 impulsionou novas relações telemáticas através da internet, na direção do que Williams (1974), um dos fundadores dos estudos culturais, denomina como relação “acidental” (Zielinski, 2017). Abriu novos campos de possibilidades generativas à cultura da experimentação, provocou uma maior porosidade à inserção das artes performativas em ambiente online, como em lives-show e instaurou o que pode ser interpretado como o advento de uma cultura da ciberperformatividade. Desde então, o fenómeno propaga-se nas plataformas digitais e em redes sociais e vem alterando as lógicas de produção artística. Também nesse sentido, aderiu-se à noção de que a proximidade não é, necessariamente, a função de qualquer distância espacial ou temporal, mas a função do número e da intensidade de relações que interligam uns aos outros (Flusser, 2017). Esta migração de relações artístico-culturais para o ambiente online impulsionou, também, as grandes corporações de tecnologia comunicacional a repensarem as ferramentas de videoconferência para as artes performativas.



A presente proposta oferece reflexões sobre a cultura da ciberperformatividade, apresenta uma breve historiografia sobre a ciberperformance e traz alguns exemplos de experiências ciberperformativas realizadas em contexto pedagógico e artístico português, como a performance *Distant Feelings* (2020) e *Open Zoom Live Compo* (2020). O estudo está a ser realizado no âmbito do Projeto CyPeT-FCT e tem entre seus objetivos, explorar a ciberperformance a partir dos ângulos criativo, performativo e comunicacional.

Na intersecção entre performance e digital, muitas nomenclaturas são utilizadas, (Gomes, 2014; Papagiannouli, 2016), como o termo *cyberperformance*, cunhado por Jamieson (2008), oriundo da noção colaborativa da junção entre cibernética, ciências da computação e artes performativas. Nesta investigação optou-se por utilizar o termo “Ciberperformance”, empregado por Causey (2006), especialmente nas conexões entre performance pós-humana e pós-orgânica. O prefixo *Cyber* e a cibernética, compõe o universo da cibercultura (Lévy, 1999). Nesta reside outra tendência: a virtualização, que vem influenciando todos os campos da cultura (Lemos, 2008), especialmente a produção de artistas contemporâneos, que desenvolvem procedimentos técnicos, pensamentos estéticos, sociais e culturais (Mörschbacher e Weymar, 2021).

### **Palavras-chave**

Ciberperformatividade; Ciberperformance; Artes performativas; Internet; Online.

### **Referências**

Causey, M. (2006). *Theatre and performance in digital culture: from simulation to embeddedness*. London: Routledge.

- Flusser, V. (1998). Agrupamento ou Interconexão? In: ARS Telematica. Lisboa: Relógio D'água.
- Gomes, C. (2014). A internet como um lugar intercriativo e produtilizado – o caso da ciberformance. In: Avanca Cinema International Conference. Avanca: Cine-Clube de Avanca, p.25-38.
- Jamieson, H.V. (2008). Adventures in cyberperformance: Experiments at the interface of theatre and the internet (thesis). Brisbane: Queensland University of Technology. [https://eprints.qut.edu.au/28544/1/Helen\\_Jamieson\\_Thesis.pdf](https://eprints.qut.edu.au/28544/1/Helen_Jamieson_Thesis.pdf)
- Lemos, A. (2008). Arte eletrônica e cibercultura. Revista Famecos, 4(6), 21-31. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1997.6.2960>
- Lévy, P. (1999). Cibercultura. tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34. ISBN: 8573261269.
- Mörschbächer, B e Weymar, L.B.C. (2021). Arte digital na cibercultura: contextualização e debates atuais. Revista da FUNDARTE. Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 46, setembro. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive>. Acesso em 24/05/22.
- Papagiannouli, C. (2016). Political Cyberformance: The Etheatre Project. Palgrave Macmillan.
- Zielinski (2017), S. Pensar a arte após os media: a pesquisa como cultura da experimentação viva. In: Giannetti, C. (2017) (org). Ecologia da imagem e dos Media. Lisboa, Nova Vega.

### **Cultura de resistência: Uma análise de fotografias de performances do Teatro Nacional D. Maria II**

Helena Ferreira, Maria Manuel Baptista – Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

**Email:** [helenacarlag@gmail.com](mailto:helenacarlag@gmail.com); [mbaptista@ua.pt](mailto:mbaptista@ua.pt)

Esta investigação centra-se nas fotografias do Teatro Nacional D. Maria II, que são o cartaz que publicita as performances (considerando que este conceito ultrapassa os limites definidos pela categorização das artes e indica a origem da arte), no site da Instituição, e que foram apresentadas nos últimos dois anos: 2021 e 2022, procurando dar resposta às seguintes questões: quais os corpos que subiram ao palco nestes últimos dois anos? Que tipo de representações e discursos corporais nos oferecem, de modo que consigamos atribuir significado aos seus corpos? No sentido de obter respostas, aborda-se, em primeiro lugar, a conjuntura dos corpos que sobem aos palcos portugueses, com base em fontes cujos corpos têm inscrito nas suas memórias a reivindicação por um lugar no palco, uma vez que a história do teatro, como aliás, a história universal, tem sido contada pelos grupos dominantes e opressores, segundo os seus valores e interesses, marginalizando os espaços e as formas em que os grupos minoritários atuam, remetendo-os para teatros de organização informal e de baixo estatuto. Segue-se ainda a linha de pensamento que os corpos se (des)constroem sempre na relação com tudo o que está à sua volta e são organismos abertos e mutáveis que têm a maior facilidade em aprender a transformar-se noutros corpos. São, ainda, historicamente construídos, compreendidos e representados com características identitárias que representam género, “raça”, orientação sexual, classe e outras particularidades culturais e codificam todos os significados que lhes são projetados. O estudo empírico parte de um corpus constituído por 70 fotografias de performances realizadas no Teatro Nacional D. Maria II, nos anos 2021 e 2022, que representa a realidade no atual presente. Após a análise destas fotografias, é possível compreender que os corpos que entraram em cena no Teatro Nacional D. Maria II foram maioritariamente corpos

de resistência, apesar de também existirem corpos dóceis, contrariando o que poderia ser esperado, uma vez que, o que está normatizado em palco são os corpos dóceis, fáceis de disciplinar. A abordagem escolhida foi a análise de conteúdo, especificamente utilizando as técnicas da semiótica visual, que permitiu, por um lado, aprofundar a leitura das fotografias do site do Teatro Nacional D. Maria II e, por outro, compreender melhor conteúdos, forças e fluxos das fotos analisadas, bem como os significados que lhe estão subjacentes.

### **Palavras-chave**

Teatro Nacional D. Maria II; Comunicação visual; Corpos de resistência; Corpos dóceis; Teatro.

### **Referências**

- Almeida, M. V. (1995). *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Etnográfica Press.
- Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: Ensaio sobre fotografia, cinema, teatro e música*. Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2018). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Brunetti Cassis, N. (2022). Da cena dragqueen underground ao Teatro Nacional D. Maria II: Gaya de Medeiros. *Sinais De Cena*, 3(1), 121–136, <https://doi.org/10.51427/cet.sdc.2022.0008>
- Foucault, M. (2018). *Vigiar e Punir*. Edições 70.
- Leal, D. (2021). *Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral*. Hucitec Editora.
- Madeira, C. (2020). *Arte da Performance, made in Portugal, Uma aproximação à(s) história(s) da arte da performance portuguesa*. ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova.
- Miranda, M. B. de (2010). *Playful Training: Towards Capoeira In The Physical Training Of Actors*. LAP LAMBERT Academic Publishing.

Rosa, W. (2019). *Artes Cênicas*. Editora e Distribuidora Educacional S.A.

### **Keyla Brasil ou a beleza de destratar *transfakes* no teatro**

Armando Nascimento Rosa, Instituto Politécnico de Lisboa, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

**Email:** [mythocriticaltheatre@gmail.com](mailto:mythocriticaltheatre@gmail.com)

No momento em que redijo estas palavras de proposta de comunicação, a artista trans Keyla Brasil, nomeada no título, foi localizada, felizmente em segurança, após 72 horas em que esteve desaparecida, tendo tanto mais despertado inquietação este facto por ser público que havia recebido ameaças de morte, na sequência do protesto por si protagonizado no Teatro São Luiz, em Lisboa, interrompendo a sessão de 19/01/2022, do espectáculo *Tudo sobre a minha mãe*, que aí esteve duas breves semanas em cena na sala Luís Miguel Cintra, numa produção da estrutura Teatro do Vão, com encenação de Daniel Gorjão; uma versão dramaturgicamente em português do texto anglófono de Samuel Adamson que adaptou para teatro o argumento do filme homónimo de Pedro Almodóvar.

O protesto de Keyla, que tive a inesperada sorte de presenciar nesse dia, enquanto espectador na plateia do São Luiz, trouxe para as luzes mediáticas a escassa e quase invariavelmente nula visibilidade das pessoas trans nas artes performativas portuguesas, e no teatro em especial; nomeadamente, e esse é o ponto central da denúncia, para além de papéis outros não lhe serem confiados, regista-se a evidência de que mesmo as personagens de pessoas trans são interpretadas por intérpretes cis. Bastante se tem escrito e discutido

nestes onze dias acerca da performance reivindicativa de Keyla Brasil, e das suas múltiplas e profundas implicações; Keyla que se apresentou, dando literalmente o corpo ao manifesto (visto que o fez seminua, trajando sunga), como atriz trans emigrada em Portugal, a sobreviver por meio da prostituição, dada a ausência de oportunidades laborais nas artes para emigrantes trans como ela. Ausência inclusive que este espectáculo contrariava parcialmente, uma vez que dos dois papéis de mulheres trans – Agrado e Lola – existentes na peça, que adapta a longa metragem almodovariana, o mais longo e central, isto é, o de Agrado, estava a ser representado por uma atriz trans brasileira, Gaya de Medeiros. No entanto a cena breve, próxima do final do espectáculo, com a personagem de Lola, surgia interpretada em travesti pelo actor cis André Patrício (que se desdobrava em várias outras personagens masculinas ao longo da acção), e foi esse o momento escolhido por Keyla para sabotar a sessão, deixando os actores do elenco em espanto e suspensão, e fazer ouvir a sua indignada reivindicação, caracterizando por *transfake* o que estava a suceder com a criação cénica da personagem trans de Lola (que, no dia seguinte, em virtude do protesto, passaria a ser representada pela actriz trans portuguesa Maria João Vaz que, curiosamente, havia comparecido sem sucesso às audições para esta mesma peça, ocorridas um ano antes).

É muito expectável que outros colegas proponentes de comunicações ao presente congresso tenham decidido eleger este tema para abordagem nas suas intervenções, pois não é ao acaso que a atriz Gaya de Medeiros, comentando compreensivamente em palco o gesto intempestivo de Keyla, com quem partilha a condição de mulher trans, se referiu a esta acção como um *momento histórico*. Um momento que nos

convida a reconfigurar o impacto político das artes cênicas, nas suas práticas e conceitos, em termos de legitimação e representatividade das pessoas que já não se identificam mais no simplismo binário e redutor dos géneros. Enquanto dramaturgo, gostaria também de partilhar, nesta comunicação, o quanto o *happening* exasperado de Keyla Brasil me tem conduzido a reflectir acerca de várias criações de personagens trans, em peças de que sou autor, e o modo como visiono a dialéctica presente e futura no que respeita a quem interpreta quem no palco por vir.

### **Palavras-chave**

Teatro e representatividade trans; Keyla Brasil no Teatro São Luiz; dramaturgia e personagens trans.

### **Referências**

- BUTLER; Judith (2004). *Undoing Gender*. New York & Abington: Routledge.
- DUARTE, Pedro Fernandes (22/01/2023). "Keyla Brasil". *Bom Dia* [Jornal em linha da diáspora portuguesa]. <https://bomdia.eu/keyla-brasil/> (acedido em 25/01/2023)
- FINLAY, Toby (2017). "Non-Binary Performativity: A Trans-Positive Account of Judith Butler's Queer Theory." *Laurier Undergraduate Journal of the Arts* 4 (2017), pp. 59-68. Wilfrid Laurier University. <https://scholars.wlu.ca/luja/vol4/iss1/> (acedido em 14/04/2023)
- MENESES, Emerson Silva (2021). "Artivismo de gênero e mediação sociocultural no manifesto transpofágico de Renata Carvalho". *Extraprensa. Cultura e Comunicação na América Latina*. V. 14, n. 2 (2021): Gestão cultural para a próxima década. São Paulo: USP – Universidade de São Paulo, pp. 281-298.

- PRECIADO, Paul B. (2020), *Um Apartamento em Urano. Crônicas da travessia*. Tradução de Eliana Aguiar. Prefácio de Virginie Despentès. Rio de Janeiro: Zahar.
- ROSA, Armando Nascimento (2021). “Daisy e Dionísia: três peças com o teatro de poetas de Pessoa”. *Sinais de Cena. Revista de Estudos de Teatro e Artes Performativas*. Série II, n.º 5, abril de 2021. Lisboa: CET – Centro de Estudos de Teatro /Orfeu Negro, pp. 14-42.
- SERANO, Julia (2016). *Outspoken. A decade of transgender activism & trans feminism*. Oakland, California: Switch Hitter Press.
- WHISTLES, Dusty (22/01/2023). “O casting transfake é transfóbico!”. *Cultura-Ípsilon: Opinião. Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2023/01/22/culturaipsilon/opiniao/casting-transfake-transfobico-2035997> (acedido em 25/01/2023)

## 17H15 PALESTRA III – DESAFIOS DO LETRAMENTO TRANSMÍDIA NO AMBIENTE DE PLATAFORMIZAÇÃO DA SOCIEDADE

### Anfiteatro 1.4

**Moderação:** Ana Filipa Cerol Martins – Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação

João Massarolo – Universidade Federal de São Carlos

Cineasta, Doutor em Cinema pela Universidade de São Paulo, Professor Associado da UFSCar; Bolsista de Produtividade do CNPq/Brasil, Coordenador do GEMInIS; Editor da Revista GEMInIS. Diretor e roteirista de vários filmes: *São Carlos / 68* e *O Quintal dos Guerrilheiros* (2005). Publicou: *Hashtags em curadorias transmídia para festivais de cinema e a experiência do MixBrasil, 2022* (Fisher, A.; Massarolo, J.C); *Aruanas: inovação e criatividade em tempos de pandemia de Covid-19*. (Org.) 2021; *Criação e desenvolvimento de personagens em*



multiplataformas, 2020 (Nesteriuk, S.; Massarolo, J.C.), entre outros.

Os processos de plataformização da sociedade impulsionaram a oferta de serviços do streaming, estimulando o crescimento acelerado da indústria audiovisual, com efeitos negativos sobre o meio ambiente, tornando necessária a adoção de práticas sustentáveis para evitar consequências climáticas devastadoras. No entanto, a produção audiovisual sustentável não despertou o interesse acadêmico e os estudos que abordam essas práticas são raros. Muitas pesquisas costumam fazer críticas às mudanças climáticas e as questões ambientais, mas a indústria audiovisual permanece alheia ao impacto causado pelo próprio setor. Neste contexto, o letramento transmidia poderá promover mudanças de paradigma no ensino audiovisual, com a incorporação da educação socioambiental e o desenvolvimento de habilidades de jovens produtores de conteúdo na construção de indicadores sustentáveis para a ‘filmagem verde’ (green shooting).

## 18H00 MESA DE ENCERRAMENTO

### **Anfiteatro 1.4**

Presidente da RNEC – Professora Doutora Maria Manuel Baptista

Coordenadora do II Congresso RNEC – Professora Doutora Gabriela Borges



## COMISSÃO CIENTÍFICA

Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF)  
Ana Filipa Cerol Martins (UAlg)  
Ana Isabel Soares (UAlg)  
António Costa Valente (UAlg)  
António Pedro Cabral dos Santos (UAlg)  
Bruno Mendes da Silva (UAlg)  
Carina Cerqueira (ISCAP-IPPorto)  
Carla Cerqueira (ULusófona)  
Carlos Guardado (ULisboa)  
Carmen Zita Batalha Monereo Garcia (UAlg)  
Clara Sarmento (ISCAP-P.PORTO)  
Célia Souza Vieira (ISMAI)  
Diana Gonçalves (UCP)  
Eugénia Vasques (ESTC)  
Fernando Faria Paulino (ISMAI)  
Fernando Moreira (UTAD)  
Filomena Serra (NOVA FCSH)  
Gabriela Borges (UAlg)  
Isabel Macedo (UMinho)  
Jorge Manuel Neves Carrega (UAlg)  
José Carlos Teixeira (UPortucalense)  
José Gomes Pinto (ULusófona)  
Leonor Sampaio (UAc)  
Letícia Barbosa Torres Americano (UFJF)  
Luisa Antunes Paolinelli (UMa)  
Manuel Célio conceição (UAlg)  
Maria Jesús Botana Vilar (UAlg)  
Maria da Luz Correia (UAc)  
Maria Manuel Baptista (UA)  
Moisés Lemos Martins (UMinho)  
Nelson Pinheiro Gomes (FLUL)  
Neusa Costa (UAlg)  
Olivia Novoa Fernández (UAlg)  
Orquídea Ribeiro (UTAD)  
Patrícia Dourado (UAlg)  
Pedro Veiga (UAB)  
Rosimária Sapucaia (UAlg)  
Rui Grácio (UA)  
Sandra Cortés Moreira (UHU)  
Sílvia Viegas (UAlg)  
Susana Raquel Gonçalves da Costa (UAlg)  
Tiago Cruz (ISMAI)

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Filipa Cerol Martins  
Gabriela Borges (Coordenação)  
Mirian Tavares  
Olivia Novoa Fernández  
Patrícia Dourado

## COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E LOGÍSTICA

Joana Rita Fabião Rodrigues  
Juan Manuel Escribano Loza  
Maria Manuela dos Reis Roldão  
Vitor Nuno do Nascimento Guerreiro  
Filomena Salvé-Rainha  
Amanda da Silva  
Márcia Gateira  
Beatriz Valente  
Filipa Gonçalves  
Gabriella Silva  
Lana Gomides (Universidade de Aveiro, RNEC)



UAc  
UNIVERSIDADE  
DOS AÇORES



UAAl  
UNIVERSIDADE DO ALGARVE



universidade  
de aveiro



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA



FLUL  
FACULDADE  
DE LETRAS  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



NOVA FCSH  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



UNIVERSIDADE da MADEIRA



Universidade do Minho



UNIVERSIDADE  
DE TRÁS-OS-MONTES  
E ALTO DOURO



UNIVERSIDADE  
PORTUCALENSE



UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA